

REVISTA

EDIÇÃO Nº 83 | MAIO DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

www.revistaconexao-literatura.com.br



ENTREVISTA  
COM

## GATO GALACTICO

YOUTUBER E AUTOR  
DO LIVRO GATO  
GALACTICO EM ARTE  
GALÁCTICA

ISSN 2448-1068

**CONFIRA**

Artigos, Resenhas, Contos, Poemas, Crônicas, Entrevistas  
Dicas de Livros e Muito Mais..

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**  
**Editorial, pág. 04**  
**Entrevista com Gato Galactico, pág. 05**  
**Sênior é sexy, por Bert Jr., pág. 12**  
**Que tipo de artigo devo escrever?, pág. 15**  
**Poema: Ida, por Bert Jr., pág. 16**  
**Dicas para leitura, pág. 17**  
**Anotações pela paz, por Bert Jr., pág. 19**  
**Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 24**  
**Breve dissecação da ignorância, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 26**  
**O adeus..., por Mônica Palacios, pág. 30**  
**Poema: O sempre e o nunca, por Hannah Carpeso, pág. 33**  
**Jorge Luis Borges para além da literatura, por Alvaro Daniel Costa, pág. 35**  
**O que são quadrinhos?, pág. 40**  
**Poema: Breves atitudes, por Aline Suely Dias de Souza Ferreira, pág. 42**  
**Piauí em Poesia, pág. 44**  
**Poema: A chave, por Denise Marinho, pág. 45**  
**Saudade!, por Míriam Santiago, pág. 48**  
**Entrevista com André Wagner Rodrigues, pág. 50**  
**Entrevista com Joyce Viana, pág. 54**  
**Entrevista com Juliana K. Tavares, pág. 59**  
**Entrevista com Juliana Ester Linkes, pág. 64**  
**Entrevista com R. C. Nagem, pág. 69**  
**Entrevista com Roberto Salgado de Carvalho, pág. 73**  
**Citações de grandes autores, pág. 78**  
**Conto: Ele era um Kappa, por André V. S. Lima, pág. 83**  
**Conto: O percalço, por Idicampos, pág. 88**  
**Conto: Dois nomes, por Iraci José Marin, pág. 92**  
**Conto: Em nome da favorita, por Luiz de Saovagão, pág. 96**  
**Conto: Sob a Lua e as Estrelas, por Roberto Schima, pág. 106**  
**Conto: Vida de picadeiro, por Juliana Rabelo, pág. 126**  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 131**



## NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

## ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

"Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos."

## MAURICIO DE SOUSA

"Quero viver cada dia com um sonho para realizar."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, org. e arte: Ademir Pascale. Crédito das fotos do Gato Galactico: Filipe Sodré. Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Nossa edição de maio destaca o Gato Galactico, youtuber com mais de 15 milhões de seguidores, autor do livro Gato Galactico em Arte Galáctica e ator, tendo participado recentemente do novo filme "Turma da Mônica Lições", do Maurício de Sousa. Confirmam nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir poemas, crônicas, contos, entrevistas com escritores e ótimas dicas para leitura.

Para saber como participar da nossa edição de junho/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Entrevista Entrevista

Entrevista com

# GATO GALACTICO



YOUTUBER E AUTOR  
do livro Gato Galactico em Arte Galáctica

POR ADEMIR PASCALE

Entrevista Entrevista

Conhecido por sua mente criativa e personagens de sucesso, o animador Ronaldo Souza, criador de um dos maiores canais infantojuvenis do Youtube no Brasil, o Gato Galactico, cria conteúdos relevantes para toda a família e transmite mensagens positivas a fim de inspirar os Miaus, como são carinhosamente chamados os seus fãs. Lançado em 2013, o canal Gato Galáctico - <https://www.youtube.com/c/OGatoGalactico> atualmente conta com mais de 15 milhões de inscritos e seus vídeos acumulam 5.2 bilhões de visualizações. No Instagram ele soma 1.6 milhão de seguidores e 3.3 milhões no Tik Tok.



Gato Galactico – Foto: Filipe Sodré

## ENTREVISTA:

**Revista Conexão Literatura:** É um prazer falar com você. Para iniciarmos, poderia contar para os nossos leitores como e quando surgiu o canal "O Gato Galactico"?

**Gato Galactico:** O canal Gato Galactico surgiu em 2013. Eu sempre fui apaixonado por animação, meu sonho sempre foi criar personagens, universos e histórias e eu comecei fazendo animações. Eu já fazia antes para cinema, publicidade, desenhos animados, mas eu decidi criar minhas próprias marcas e meus próprios desenhos animados e acabou dando tudo certo.

O nome 'Gato Galactico' surgiu porque naquela época todos os animadores eram, obrigatoriamente, um animal com adjetivo. Esse era o nome dos canais de animação, então, tinham vários como o 'Peixe aquático' e eu coloquei 'Gato Galactico'. Achei bonito, bacana e acabou se tornando 'Gato Galactico' para sempre.

## Revista Conexão Literatura: Qual o seu vídeo mais visualizado até hoje?

**Gato Galactico:** Não tenho certeza, mas acredito que seja o ‘Prisão Forte de Papelão’, com mais de 38 milhões de visualizações. Nós fazemos todos os vídeos com muito carinho e muito amor. A questão de algum vídeo ser mais visualizado que o outro é simplesmente devido as recomendações do YouTube.

## Revista Conexão Literatura: Quem faz a edição dos seus vídeos?

**Gato Galactico:** Eu comecei fazendo sozinho, fazia todas as animações, todas as edições e no momento em que a empresa foi crescendo e a demanda foi aumentando a gente começou a montar times especialistas de artistas profissionais e nesse momento temos mais de 50 artistas profissionais na empresa.

## Revista Conexão Literatura: Quando criou o canal, você imaginou que um dia ele teria milhares de seguidores?

**Gato Galactico:** Milhares de seguidores eu acredito que sim, mas milhões não. Milhões eu não acreditava, eu achava algo impossível de se alcançar, mas acabou chegando. Em todas as redes, de todas as marcas, superamos 20 milhões. Então, é muito gratificante viver tudo isso.

## Revista Conexão Literatura: Além do "O Gato Galactico", você também criou outros canais, como Pudim Amassado, Galáxia, Turma do Cueio e Prismáticos. Como é o seu dia a dia e como consegue tempo para administrar os canais?

**Gato Galactico:** Eu tenho uma rotina muito fixa. Acredito que a produtividade começa às 5h da manhã que é momento que eu vou para a academia e em seguida tiro um tempo para mim para ler um livro e organizar a casa. Logo em seguida, começo a rotina de trabalho que é uma rotina especialmente voltada para a criação, então, eu estou sempre criando, de uma forma ou de outra, seja desenhando ou escrevendo, seja direcionando algum artista, então, não existe mágica. Eu acho que o tempo é muito curto para tanta coisa, mas a gente faz o que dá com o tempo que nos é dado e eu me orgulho muito disso, de aproveitar ao máximo o meu tempo, da maneira mais produtiva possível.



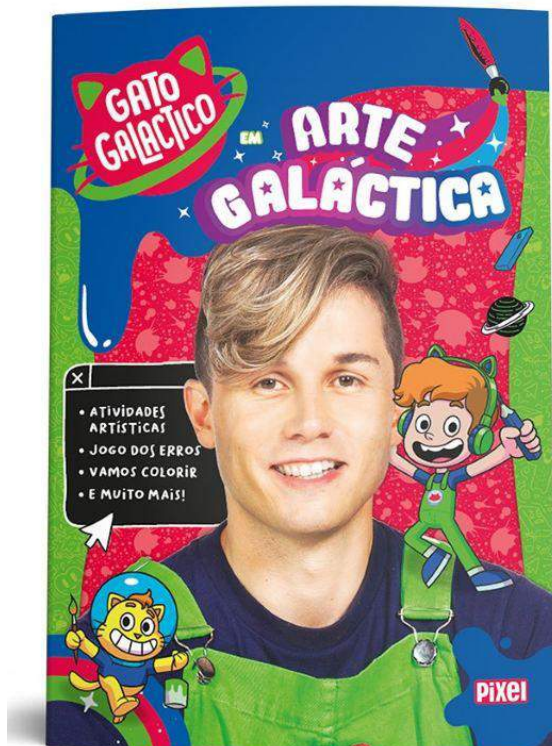
## Revista Conexão Literatura: Poderia comentar sobre o seu primeiro filme "Acampamento Intergaláctico", dirigido por Fabrício Bittar?

**Gato Galactico:** ‘Acampamento Intergalactico’ é um filme muito legal que a gente está subindo a régua de filmes nacionais, especialmente, aqueles que são feitos por influenciadores. É um filme com muito coração, muitas boas ideias e todas elas muito bem executadas. A gente explora a criatividade, família, ficção científica, amizade, amor, tudo isso faz parte do filme e ficou incrível. As pessoas vão amar e tenho certeza de que vão pensar o mesmo que eu. Que estamos, de fato, subindo a régua do cinema nacional, especialmente, com os filmes de influenciadores. Estou muito satisfeito!

## Revista Conexão Literatura: E como foi a sua participação no filme "Turma da Mônica Lições"?

**Gato Galactico:** Eu sou muito grato por ter participado de um filme do Maurício de Sousa, que é o meu maior herói, de todos, especialmente numa participação de um produto muito importante do legado dele que é o filme *live action* da ‘Turma da Mônica’.

O Daniel Rezende é um diretor incrível e eu sou amigo de todos os atores: Kevin, Gabriel, Giulia, Laura, sou muito grato por eles. Eles sempre me trataram muito bem e foram eles que também quiseram minha participação no filme. Foi um dia muito mágico em que eu fui ao set de filmagem do ‘Turma da Mônica Lições’. Estava todo mundo lá, foi incrível, a gente se divertiu bastante. Foi um dia muito especial e que eu nunca vou esquecer. Sou muito grato pelo convite, ao Daniel Rezende, diretor incrível que também abraçou a minha participação e foi muito divertido.

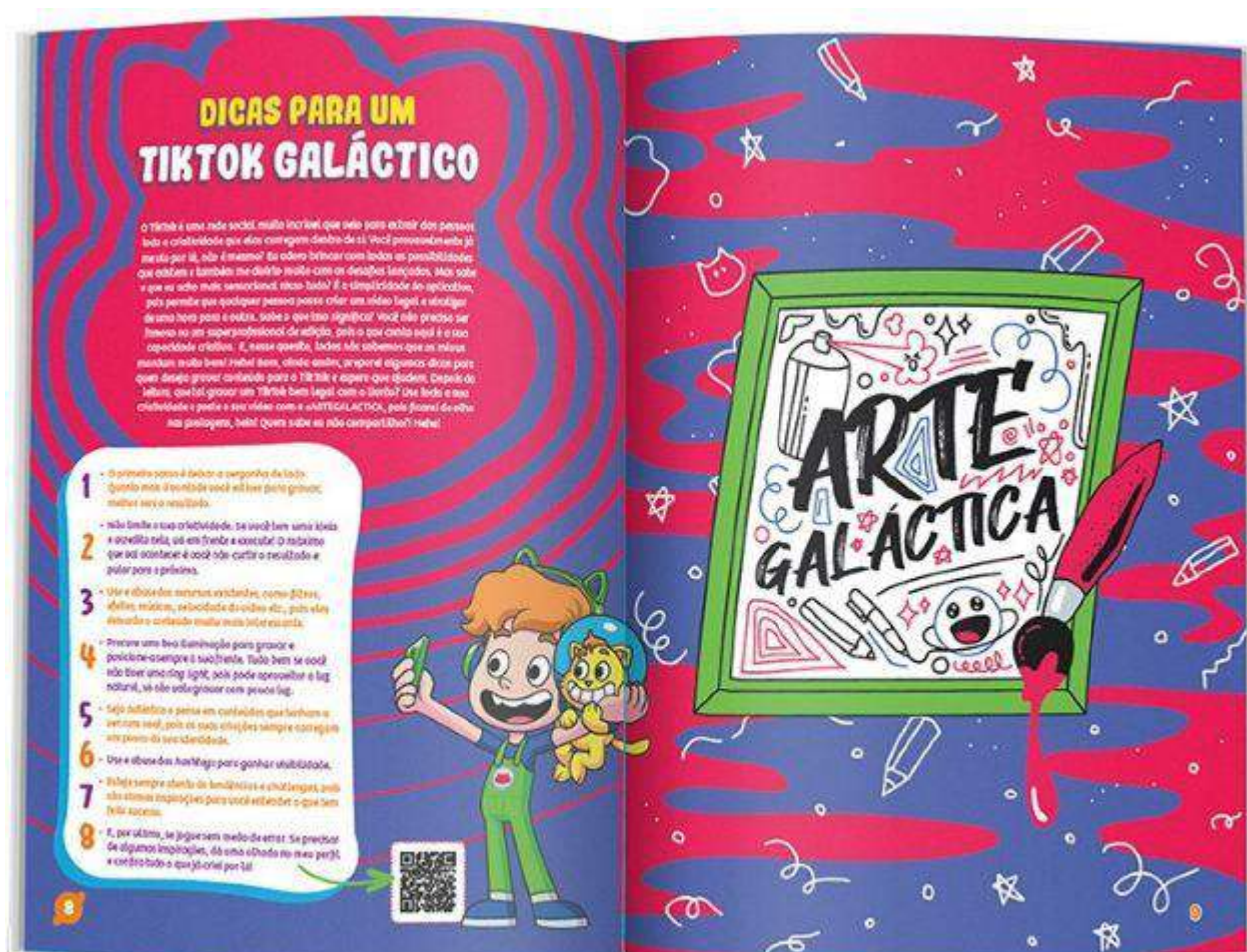


**Revista Conexão Literatura:** Além de desenhar muito, você é autor do livro "Arte Galáctica", que visa estimular a criatividade das crianças, desenvolvimento do entendimento e da capacidade de se expressar. Fale mais sobre o seu livro.

**Gato Galactico:** O ‘Arte Galactica’ foi o primeiro livro do Gato Galactico. Foi um grande sucesso, entrou na lista da Edipro dos mais vendidos do ano passado (2021). Foi inacreditável o sucesso do livro e mais inacreditável ainda por ser um livro que visa estimular a criatividade, então, ter esse sucesso com essa proposta é uma vitória muito grande para a criatividade, para as famílias que acreditam nesses valores que a gente acredita e



para o desenvolvimento das crianças de um modo geral. O nosso segundo livro que é o ‘Super Almanaque do Gato Galactico’ é uma expansão do ‘Arte Galactica’. Ele tem muito mais conteúdo que também envolve arte, passatempo, diversão e tudo mais. Eu sou extremamente grato pelos livros fazerem tanto sucesso, especialmente, como eu falei antes é um livro que se propõe a estimular a criatividade. Não vemos outros livros, outras marcas, com esse mesmo propósito alcançando esse resultado, então, eu sou muito grato por essa conquista.



## Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

**Gato Galactico:** Milhares, temos muitos projetos em pauta. Todos os dias, temos um projeto novo. Nesse momento, estamos desenvolvendo o segundo filme do Gato Galactico que também está ficando sensacional. Também estamos avançando com novos filmes, filmes animados, do ‘Natal Intergalactico’, um filme de animação.

Estamos desenvolvendo também um projeto especialmente musical do ‘Pudim amassado’ que vai contar com clipes e músicas que estão lindas, os álbuns já estão prontos, as músicas do Gato Galactico, dos Prismágicos, Cueio, Desnecessauro, enfim, tem muita

coisa. Acho que estou mais entusiasmado com os filmes do Gato Galactico, mas também estou com muita expectativa para os filmes de animação que são diferentes dos filmes *live action*,



Gato Galactico – Foto: Filipe Sodré

pois eu que estou dirigindo os filmes de animação e fazendo do zero, então, é uma obra inteiramente minha e eu estou achando incrível poder fazer isso. O projeto musical também está ficando sensacional e vai colocar a gente em outro patamar.



**Perguntas rápidas:**

Um livro: 12 Regras para a Vida, de Jordan Peterson

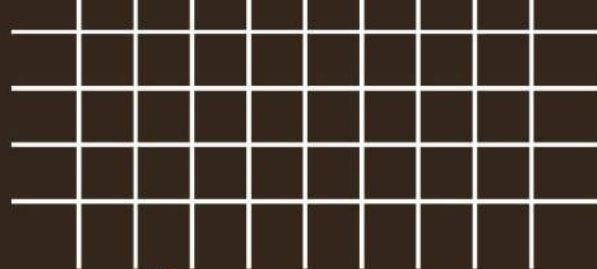
Um(a) autor(a): Antoine de Saint Exupéry

Um filme: Os Sete Samurais

Um dia especial: Estrear no Cartoon Network foi um dia muito especial (04 de abril de 2022)

**Revista Conexão Literatura: Desejam encerrar com mais algum comentário?**

**Gato Galactico:** Quero agradecer por me receberem. Fico muito grato por compartilhar minha trajetória e novos projetos com vocês e muito grato também por esse espaço e por se interessarem por essa jornada que estamos desenvolvendo juntos. Pela arte e para a lua. Vamos com tudo! Um forte abraço!



**LANÇAMENTO**

ADEMIR PASCALE

## Jornal em São Camilo da Maré

TRÊS JOVENS INTERLIGADOS  
VIVENCIAM AS FERIDAS QUE  
A NOSSA SOCIEDADE  
PERPETUA: VIOLÊNCIA,  
INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA  
COMUNIDADE CARENTE DO  
LITORAL DE  
SÃO PAULO

MAFRA  
EDITIONS

# baixe o e-book gratuitamente

**POR ADEMIR PASCALE**

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

DISPONÍVEL À PARTIR  
DA PRIMEIRA SEMANA DE MAIO



MAFRA EDITIONS

ACESSE

[www.mafraeditions.com](http://www.mafraeditions.com)



# SÊNIOR É SEXY



**POR BERT JR.**

Uma das fortes tendências do momento é a da revalorização da idade avançada, que de algo biologicamente oneroso vai se transformando na cereja do bolo da existência. A etapa sênior, por assim dizer, se afirma cada vez mais como uma fase muito especial, em que a experiência adquirida ao longo de ciclos profissionais e afetivos anteriores passa a ser colocada a serviço de novos relacionamentos e projetos (alguns dos quais sonhos antigos).

À luz das evidências comportamentais, não irá tardar muito para que todo mundo passe a requisitar algum indivíduo “sênior” para formar parte da equipe de trabalho, ou do círculo de amigos, ou ainda como parceiro afetivo. Pode-se, inclusive, imaginar o slogan “sênior é sexy” sendo amplamente difundido em campanhas publicitárias num futuro próximo.

Quando terminar de emergir, essa nova tendência deverá afetar profundamente o universo da economia, com impactos particularmente significativos para a indústria da moda e da estética pessoal. Arrisco expor, a seguir, as prováveis novidades que surgirão nesses dois setores em decorrência da seniorização já em curso.

Por enquanto, o pessoal sênior ainda está buscando rejuvenescer através da moda e das intervenções estéticas. Entretanto, dentro de pouco tempo, esse quadro será completamente invertido. A partir de certo ponto, o de virada, a revalorização da *seniority* levará a sociedade em geral a adotar o visual sênior como moda. Aí, veremos velhos clichês sendo recuperados. Vestidos abaixo do joelho para as mulheres, com estampas sóbrias, lenços enrolados no pescoço, blusas de mangas longas ou 3/4, e sapatos foscos, afivelados discretamente. Luvas, leques e camafeus serão bem-vindos. Para os homens, a moda do chapéu irá voltar, assim como ternos folgados, lenço no bolso e sapatos brilhosos. Flor na lapela, bengala e guarda-chuvas longos serão itens de grande prestígio.

Garotos e garotas de vinte e poucos desprezarão parceiros abaixo dos cinquenta. Os diálogos serão do tipo:

— Ah, me conta de quando o Michael Jackson lançou *Beat it!*

Ou então:

— Você me quer esta noite de Indiana Jones ou Robocop?

As cirurgias degenerativas serão a grande novidade da medicina. A de inflamação induzida do nervo ciático será uma alternativa viável, porém a cirurgia de olhos – para ficar míope – ganhará especial notoriedade. Não conseguir enxergar um palmo diante do nariz se tornará sinônimo de maturidade e sabedoria. Óculos de armações grossas, em tom escuro, serão os preferidos, e valerão como uma espécie de atestado de pertencimento do usuário às faixas etárias superiores.

No campo das intervenções estéticas, o transplante de rugas será uma forte tendência. Nesse contexto, haverá bancos de doadores de rugas à disposição dos adultos que desejarem abreviar seu caminho para a condição de sênior. Assim, será comum ver sujeitos fisicamente jovens portando as marcas do amadurecimento no rosto e no

pescoço. A pigmentação artificial das mãos constituirá recurso complementar, a fim de tornar a aparência sênior mais verossímil.

Além das rugas transplantadas, o aspirante a sênior poderá, ainda, recorrer à inovadora técnica de tatuagem de comissuras supra e infralabiais. Desse modo, o cliente poderá escolher o grau de envelhecimento do contorno de sua boca com base num catálogo de imagens oferecido pelo tatuador. Embora impossível de ser revertido, o resultado poderá ser reforçado, sendo sempre possível aprofundar mais e mais o envelhecimento do contorno labial.

Os homens, seguramente, irão preferir recorrer ao enxerto de papada e de bolsas nas pálpebras. Um profissional que apresente um bom trecho de pelanca a balançar sob o queixo terá uma credibilidade muito maior e, conseqüentemente, chances melhores de conseguir emprego, promoção, ou aumento de salário.

No que se refere à parte superior da cabeça, tinturas para tornar os cabelos grisalhos serão amplamente utilizadas, tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Uma opção para os homens será a adoção da calvície prematura, bastando manter o cabelo raspado, no todo ou em parte, ou então fazer uma depilação permanente a laser.

Mas é claro que, como tudo na vida, chega um momento em que a simples aparência não basta. Por isso, o aspirante deverá aprender a pensar e agir como sênior. Essa será, sem dúvida, a parte mais complexa e polêmica do processo de seniorização.

Leitura de clássicos da literatura, cursos de filosofia oriental, técnicas de meditação, tudo isso poderá ser de grande utilidade. A indústria do lazer sofrerá forte influência das mudanças de hábitos da população. Em vez de sair para beber e dançar, as pessoas preferirão frequentar grupos formados com base na afinidade de gostos, que se reunirão em casa, ou mesmo em locais específicos para conversas, cursos, conferências e convenções: as novas academias.

Assim, a pergunta “Você vai à academia hoje?” deixará de se referir a se o outro irá correr na esteira durante 30 minutos, ou dedicar-se a levantar cargas cada vez mais pesadas. A resposta, no futuro que se avizinha, será provavelmente algo do tipo:

— Claro! Depois da sessão virtual do clube de leitura, às 17 horas, irei à academia malhar um pouco o cérebro num encontro presencial sobre a importância de se pensar duas vezes para não dizer bobagem.

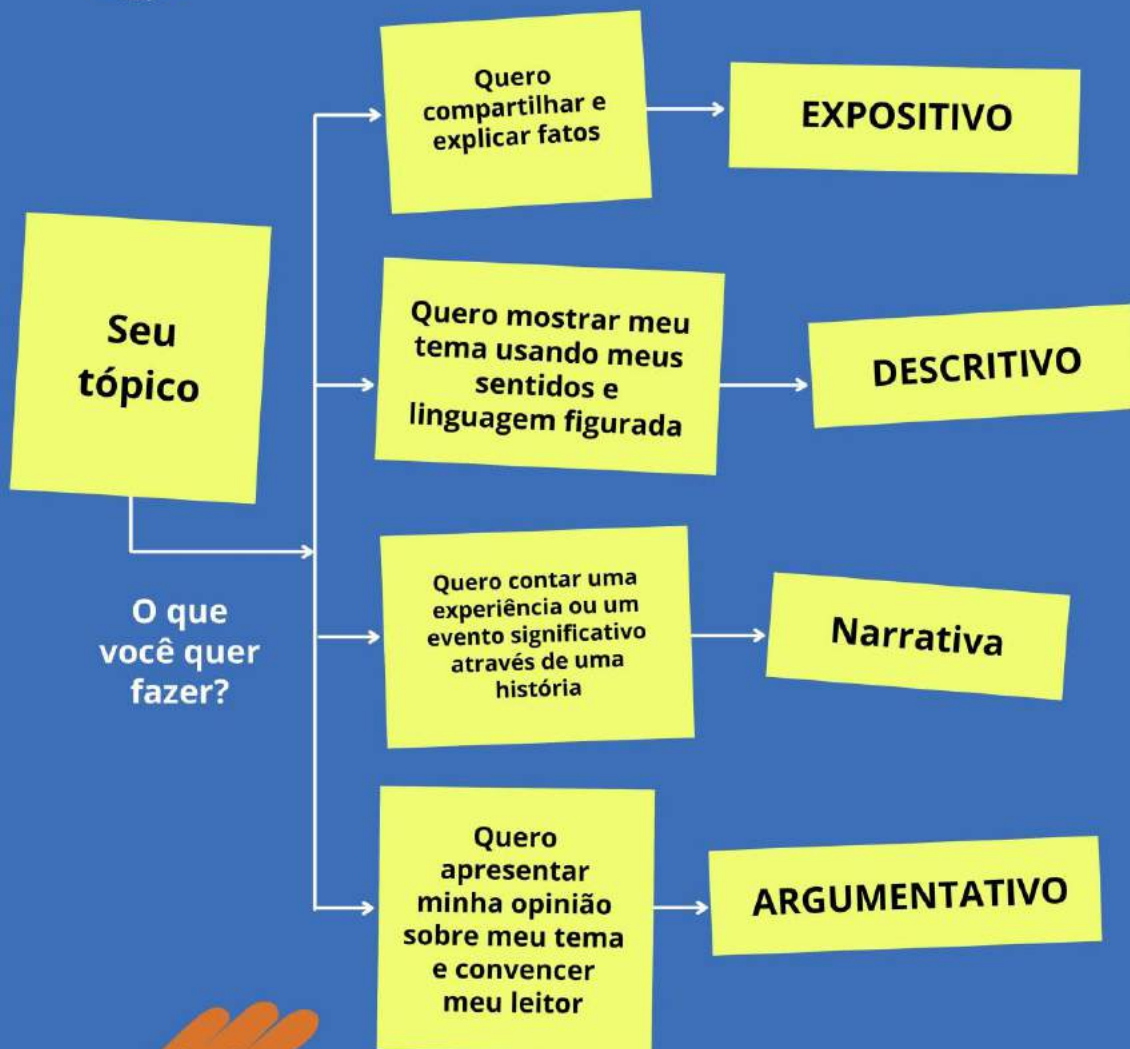
Como se vê, certas questões não envelhecem jamais.

**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, deverá publicar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino*. Instagram: @\_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.



**Que tipo de artigo**

**devo escrever?**



# Ida

partes de mim  
me partes  
parte de mim  
te aplaude

segues um fim  
te exalto  
fixo em ti  
meu canto

rego o jardim  
me prezo  
volta pra mim  
te peço

**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, deverá publicar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino*.  
Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).





JORNALISTA RECÉM-FORMADA, TINA FINALMENTE REALIZA O SONHO DE TRABALHAR EM UMA REDAÇÃO. ELA SÓ NÃO ESPERAVA QUE SEU MAIOR DESAFIO FOSSE SER PESSOAL, E NÃO PROFISSIONAL. EM RESPEITO, FEFÊ TORQUATO USA A CLÁSSICA PERSONAGEM DE MAURICIO DE SOUSA PARA EXPOR UM PROBLEMA QUE MULHERES ENFRENTAM DIA A DIA, E PRECISA ACABAR: O ASSÉDIO.



EM POEMAS MARÍTIMOS, O LEITOR PODERÁ CONFERIR DIVERSOS POEMAS ESCRITOS POR ALGUNS DOS MAIS PROMISSORES ESCRITORES BRASILEIROS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).

# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

x x x x  
x x x x  
x x x x  
x x x x

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**



*anotações pela*  
**PAZ**

**APRESENTAÇÃO  
POR BERT JR.**

Anotações pela paz é uma série de 30 frases, que começou a ser escrita no início da guerra da Rússia contra a Ucrânia. Ao ritmo de uma por dia, as frases foram sendo publicadas nos stories do meu perfil no Instagram. Decidi encerrar Anotações pela Paz na frase de número 30, de modo a marcar o primeiro mês do conflito que surpreendeu e segue assustando o século XXI. Porém, como alguns meses têm 31 dias, criei a seguinte frase adicional, que conclui a série com uma mensagem positiva:

Paz  
é onde a felicidade acontece.



Sem paz  
o preço de se viver é de morte.

Sem paz  
o tempero da vida vira pólvora.

Sem paz  
toda história é de horror.

Sem paz  
os sonhos se abrigam em ruínas.

Sem paz  
a justiça pede refúgio à esperança.

Sem paz  
a sorte se vê ao longe e o azar à porta.

Sem paz  
a gestação do futuro é de risco.



Sem paz  
resistir vira o (décimo-) primeiro mandamento.

Sem paz  
tudo o que se deseja é paz.

Sem paz  
cardápio nenhum dá gosto.

Sem paz  
o balanço do dia fecha no vermelho.

Sem paz  
o fatal se imagina normal.

Sem paz  
confiança é terreno minado.

Sem paz  
as perdas irreparáveis são os frutos da estação.

Sem paz  
o ego da violência dilata.



Sem paz  
a insolência asfixia o bom senso.

Sem paz  
os investimentos se concentram no setor da desconstrução.

Sem paz  
os brindes são feitos com coquetéis incendiários.

Sem paz  
a truculência parasita as intenções.

Sem paz  
a insegurança e a incerteza tornam-se irmãs de sangue.

Sem paz  
cada momento é vítima de assédio.

Sem paz  
o que mais tem valor não vale nada.

Sem paz  
não há música para acalmar as feras.



Sem paz  
as fantasias ficam de molho até apodrecer.

Sem paz  
as moscas se banqueteam sobre pilhas de sonhos.

Sem paz  
os ventos de mudança formam tornados.

Sem paz  
o pântano do sofrimento é a praia das almas.

Sem paz  
o desalento preside os ânimos.

Sem paz  
cada bilhete premiado encontra um banco falido.

Sem paz  
o sentido da vida vai para o fim da fila.

**Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, deverá publicar um segundo volume de contos, intitulado Do Incisivo ao Canino.**

**Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).**

# EU ESTAVA LÁ

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Ela costureira

Costurava de qualquer maneira  
Os chinelos de lado. Descalçada de cada pé  
Acho eu pelo "pedalar"... a função  
Ou quem sabe lá por algum desejo... ou pela "fé"  
Havia mesmo uma combinação  
Da coligação dos pés com as mãos

Sim! Dos óculos? De tão cansados, sobre o nariz debruçados  
Ah! Claro! Duplo olhar  
Para longe e para perto  
Sacudia a cabeça! Talvez retrucando a beleza na face  
Sorria! Mas pedia que ninguém sobre o fato... falasse  
Com euforia dizia tudo estar certo  
Mais importante vibrar pelos trabalhos executados

Na entrega (alegria), aquele cerimonial  
Reclamações de ajustes daqui, dali tudo normal  
Sempre atenciosa... paciente  
Do mais desejado se orgulhava: a felicidade da cliente  
Após a contagem das "moedas", pelo pagamento  
Sorria! Sorria sim a cada momento  
Semana dura, mas vencida alegremente

Dela

Essa foi a vida  
Enorme querida  
Não se fartava! A todos cumprimentava na janela  
Sem distinção! A cada um mais amava  
Nas manhãs, o choro da criançada, sorridente acalmava  
E para o Mundo também sorria! Eu, no entanto, sabia, que por dentro chorava

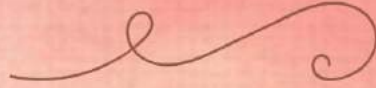
Esta foi a querida costureira  
Sempre alegre à sua maneira  
Por testemunho estou aqui poetizando  
E da época só lembranças dos pés pedalando  
Costurando, alegre, cantarolando  
Eu, relembro, confirmo deste lado de cá  
Com olhos umedecidos. Por saudade! Porque... EU ESTAVA LÁ!





# AGORA?

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Do primeiro beijo  
Mantenho ainda o desejo  
De continuar... (a te amar) esta a doce vontade  
Infinda! Pela imensa saudade



Em mim  
Ao vê-la feliz, brincando, despojada  
Partindo... sofri pelo tanto que foi amada  
Pois, lembro-me, muito sorriu! Sei lá por quê? Talvez saciada! Enfim!

Deixou no coração  
Aquele arranhado  
Por puro amor... emoção  
E, assim manifesto! Coitado!

Fica assim o pensar de verdade  
No início, o começar  
A dificuldade em amar  
Agora? Somente abraçar a saudade!



Joaquim Cândido de Gouvêa é brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

#PAREAQUECIMENTOGLOBAL

# BREVE DISSECAÇÃO DA IGNORÂNCIA



POR GILMAR DUARTE ROCHA

AJUDE A SALVAR O NOSSO PLANETA

**A** ignorância é a representação do cadáver em vida. O ignorante é como um ser que vive, respira, trabalha, sua, sente dor, às vezes pensa, sente algum tipo de felicidade, mas não tem alma, pois se não nasceu com esse órgão espacial abstrato, ele o perdeu em alguma curva durante a trajetória de sua vida vazia.

A ignorância é uniforme por essência: não tem sexo; não tem cor; não tem raça; não tem grau de escolaridade; não se enquadra em nenhuma faixa de renda e não tem nenhum ideal na vida. Se o tem, deve ser alguma meta absolutamente econômica e patrimonial.

O ignorante vê sempre o sol pelo mesmo prisma; vê a lua também, mas não sabe distinguir ao certo quando a lua é nova, cheia, quarto crescente, quarto minguante, ou, até mesmo, quando está em fase de eclipse.

Há ignorantes que se dizem letrados, que escreveram montanhas de artigos; que publicaram cadeias de livros. Se de fato esse tipo de gente pôs a público alguma opinião sob a forma escrita, pense três vezes antes de perder tempo folheando as páginas, ou rolando a barra de uma tela de leitor eletrônico, pois, decerto, você irá se debater com palavras vazias, sem essência e sem substância; com muita asserção, afirmação, certificação e informação duvidosa, pois como dizia Aristóteles “o ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete”.

Segundo a maioria dos lexicógrafos, o termo ignorância significa:

- Condição da pessoa que não tem conhecimento da existência ou da funcionalidade de algo: ignorância dos acontecimentos contemporâneos.
- Estado da pessoa desprovida de conhecimentos; sem cultura; condição de quem não tem estudo: ignorância literária.
- Comportamento carregado de grosseria; quem se comporta de maneira incivil; grosseria: o chefe é de uma ignorância gigantesca na maneira como expressa suas ideias.

Mesmo não sendo lexicógrafo ou filólogo, eu tomaria a ousadia de acrescentar mais um item:

- Natureza daquele que só pensa aquém do seu nariz; que não vê a realidade à sua volta, em detrimento dos seus interesses pessoais; que se tem por dono da razão e de que tudo que lhe é oposto é ruim e prejudicial à sociedade, sendo ele próprio um egoísta a toda prova.

Esse tipo de ignorante a que refiro está em voga e cresce em todas as partes do mundo e começa a se utilizar da tecnologia e das redes sociais para fazer proselitismo das suas ideias ocas; da sua desonestidade ciente e consciente; do seu falso moralismo; da sua cegueira espacial (não enxerga nada além do perímetro que condiz com a realidade que ele pensa achar certo).

No entanto, pior do que esse tipo de ignorante, está o arquiteto mor que alimenta o grau de ignorância dessa horda de imbecis. São os reis da esperteza, os profetas do apocalipse, os gurus de falsos líderes, os manipuladores de livros religiosos, os destruidores de conhecimentos resultantes de muitos anos de pesquisa ao longo de séculos; os que fogem de debates e simpósios sobre assuntos tão importantes relativos ao avanço da qualidade de vida humana; os novos “donos da verdade”.

Contudo, há sempre uma luz no fim do túnel.

Por exemplo, o fator clima, que afeta e afetará a todos os habitantes do planeta. O que a gente espera nos próximos anos, com o alerta geral dos especialistas em clima e ecossistema, que preveem o aquecimento irreversível da Terra nos próximos quinze anos, é que esse grau de ignorância arrefeça e novos governantes promovam política públicas de conscientização, de união (ou pelo menos de entendimento comum), para que possamos enfrentar os desafios crescentes que colocarão a humanidade, em algum ponto do tempo, à beira do paredão.



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENCONTRE NOVAS  
**AVENTURAS**

EM CADA LIVRO





# *O ADEUS...*

Por Mónica Palacios

CRÔNICA

**N**ossa, parei para pensar, não consigo entender como algo circunstancial ou definitivo pode ter tantas nuances.

Sim.

Partir para um curso no exterior, motivo de orgulho pela conquista, mas o desgarramento é duro. As amigas(os) não ligam a toda hora, aquele quarto bagunçado está parado, frio, sem vida.

Partir para uma nova vida junto ao homem ou mulher que se ama é um leque de emoções, mas, deixamos atrás uma família que nos criou. As expectativas de uma nova convivência, o aprender a viver a dois, abandonar os mimos e considerações que só pai e mãe tem a grandeza de oferecer... o convívio com irmãos, disputas por aquela camiseta ou o lápis que sumiu...

Partir de nossa cidade natal, nossa! Imaginam os imigrantes quanto poderiam nos contar. As vezes, a mudança se justifica por um trabalho, outras por situações especiais e até pela inessária e inconsequente guerra.

Quanta dor esconde cada uma dessas partidas, desses adeuses e que diversidade de emoções entrelaçadas.

O que dizer do adeus a esta vida. O saber que jamais voltaremos a compartilhar nada, que o que levou estará lá, com ela ou ele e que aqui só nos restam lembranças, orar por sua paz eterna e a resignação dos familiares.

A religião nos sustenta, mas a dor em nós, simples humanos, corroe, nos retorce e debilita física e emocionalmente.

Sem dúvida, não nasci para suportar nenhum adeus. Favor, me poupam?



### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

DEPOIS DA LEITURA, QUE TAL UM LANCHINHO?

# DIVULGUE

O SEU RESTAURANTE OU LANCHONETE  
NAS EDIÇÕES DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENTRE EM CONTATO

ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# O SEMPRE E O NUNCA POR HANNAH CARPESO

Vou-te amar para sempre  
Sempre terás meu coração.  
Sempre.

Eterniza desejo  
Todavia sempre, tem o seu alcance.  
Seu contorno limitado  
E, mesmo próximo à promessa.  
Não passa de coração apressado  
Assim, o sempre se desfaz.  
Achegado.

Motivo de amor enganado  
Porém alguns permanecem pela dor.  
Arrependimentos a persistir  
É o sempre das conveniências  
Por não saber viver nem fugir.  
Mas há o sempre que perdura  
Voto.

Revelado no silêncio  
Escolha certa - ao fazer  
Sempre, sempre - até morrer.  
Nunca.

A outra palavra  
Forma de compromisso  
Ledo engano, de quem jura.  
Que nunca passou por isso, quem?  
Nunca retrocedeu ou viveu oprimido,  
Duas pequenas palavras  
Dois votos prometidos  
Duas verdades escondidas  
No seio da boa intenção.  
Nunca vou te amar  
Nunca terás o meu coração  
Contudo,  
Nunca tem suas medidas.



Curta, no tempo ou prolongada.  
Motivado por amor assustado  
Coisas de coração assombrado  
Quem sabe, o nunca mais maduro.  
Sofre a dor do silêncio...  
Porém, há o nunca que perdura.  
Também no arrependimento  
Prosseguir é o nunca da conveniência  
De o não saber viver - sem fugir.  
Sempre e nunca  
Palavras simples  
Tão próximas  
Tão distantes  
Tão fortes  
Tão frágeis  
Tão indecisas em um instante.



Hannah Carpeso surgiu no dia em que um lápis escreveu um sonho e enviou ao mundo um Cartão Postal.

Duas de suas obras que incentivaram a sua carreira literária

Aos 14 anos rascunhou seu primeiro livro: "O LÁPIS QUE ESCREVA SONHOS" publicado pela Chiado Editora, em 2015.

Dois anos depois A Capitolina Editora enviou para o mundo "UM CARTÃO POSTAL À PORTA DE SUA CASA" o primeiro romance da autora.

Carioca, especialista na área da Educação e Bioética, viveu o Magistério e contribuiu na Administração Pública Federal na área da Educação e Saúde.

Com passagens em Publicidade e Marketing explorou a redação do convencimento; além do que na convivência matrimonial viveu talentos expressivos nas ilustrações e pinturas publicitárias, editoriais e artísticas as quais motivaram para que Hannah Carpeso se reinventasse.

Ora revelando sua veia poética, ora narrativa livre e temática.

Seu trabalho tem sido reconhecido e agraciado em concursos em nível nacional e internacional.

Com participação em antologias poéticas e contos.

# JORGE LUIS BORGES PARA ALÉM DA LITERATURA

Por Alvaro Daniel Costa



## **BORGES**

em seus diversos textos nos faz pensar: é somente literatura? O autor vai além do simplismo de uma área apenas, pois ao analisar sua narrativa temos um complexo nó interdisciplinar que vai da Literatura à Filosofia, da História à Religião, etc.

**B**orges em seus diversos textos nos faz pensar: é somente literatura? O autor vai além do simplismo de uma área apenas, pois ao analisar sua narrativa temos um complexo nó interdisciplinar que vai da Literatura à Filosofia, da História à Religião, etc. Pode-se dizer que sua escrita parte de muitos questionamentos filosóficos sendo possível estabelecer diversas relações entre distintas áreas do conhecimento.

Em Borges, o real e imaginário podem fundir-se e confundir-se, permitindo ao leitor dar vida ao discurso através da sua própria imaginação, pois a própria noção de autoria é subvertida quando pensamos que nós também somos autores do que estamos lendo, afinal de contas, nós que damos sentido ao que está sendo experienciado no texto. Em “Magias parciais do Quixote”, discute-se a questão de autoria, realidade e ficção ao mencionar que somos partícipes da narrativa quando a lemos. Refletimos quão real são os personagens ao mesmo tempo que podemos arrazoar quanto de nós é um pouco ficção. Quem nunca se sentiu representado em uma obra? Só aí percebemos o quanto o mundo objetivo e subjetivo se confundem e se fundem ao ler uma narrativa. A literatura enquanto um espelho de nós mesmos, dita e narrada também por nós. O leitor possui, então, papel fundamental ao “dar vida” ao texto, ou seja, é um sujeito ativo na noção de autoria, afinal quem é o autor de Quixote? Cervantes? Sou eu? Ou se todos somos os autores, não seria ninguém? Essas ponderações seguem em torno do que seria a definição de panteísmo, muito presente em seus contos.

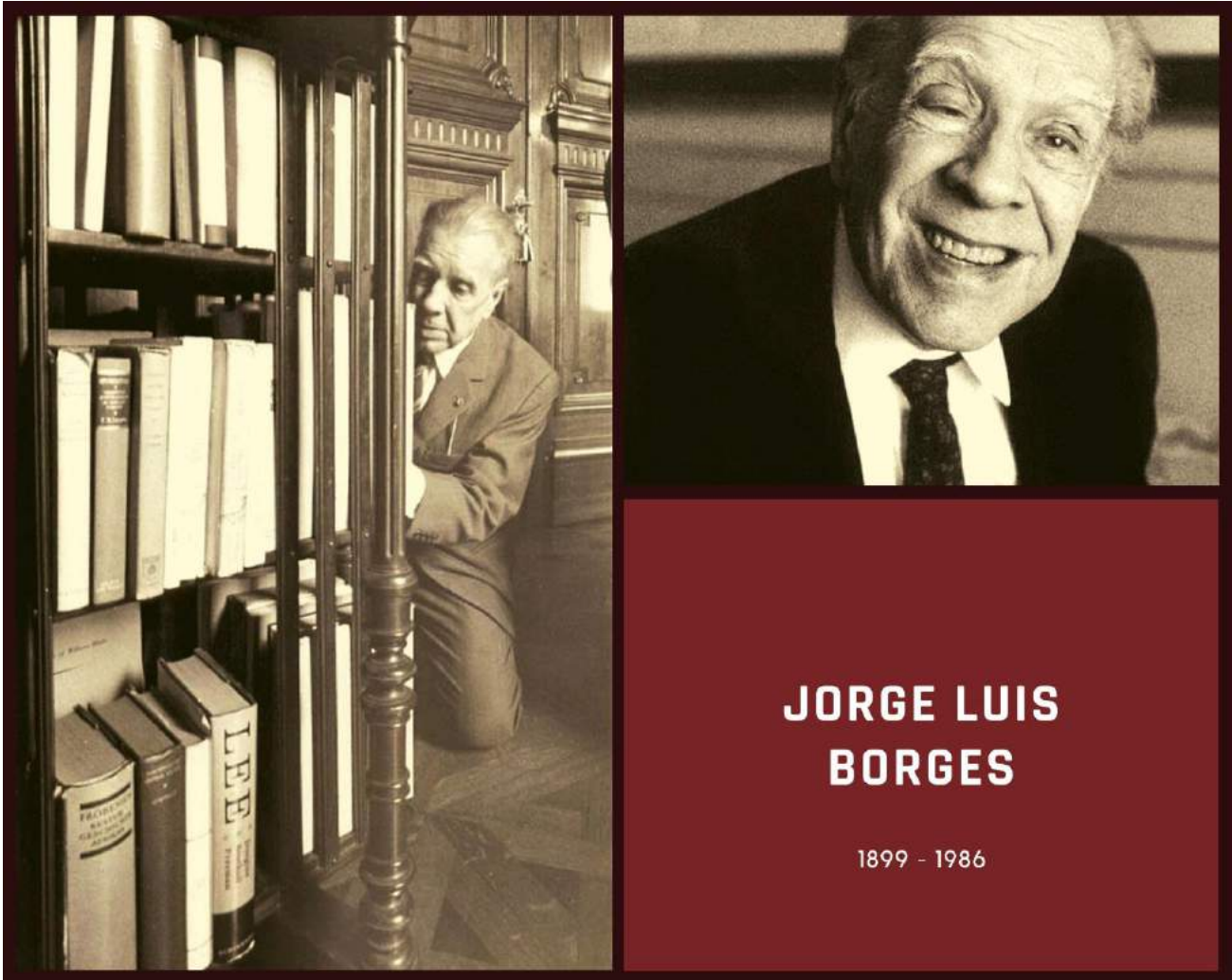
Em “Magias parciais do Quixote” vemos o quão é perturbadora a noção entre mundo do leitor e mundo do livro, pois podemos conjeturar a seguinte indagação: somos uma metanarrativa de nós mesmos? Somos reais, porém também temos ficção dentro de nós mesmos? Outro ponto tangenciado é a questão de autoria ao pensar até que ponto somos originais. Seria possível rastrear todas as inspirações?

Borges também nos brinda com outra questão problemática ao discorrer da possível “utilidade” da Filosofia quando pondera que “não há exercício intelectual que não resulte ao fim, inútil”. Vemos uma noção parecida em “A Biblioteca de Babel” quando interpretamos sobre a utilidade de uma vasta biblioteca, pois ao mesmo tempo que uma ela pode ensinar, pode não significar nada. Isso vale quando elucubramos se os livros têm algum sentido ou se o conhecimento possui serventia.

Como reflexão final, pode-se dizer que Borges nos desperta diversos questionamentos que vão além de um reducionismo objetivo de análise. Ler, sentir e interpretar Jorge Luis Borges é um mergulho em questões conflituosas e, portanto, filosóficas, afinal, quem é o autor? O conhecimento ou uma biblioteca tem utilidade? Somos originais? Borges é mestre em trazer e mostrar a instrumentalização da Filosofia em seus contos e também ao colocar os conflitos humanos de uma maneira a romper a barreira de uma explicação pronta e fácil da realidade.

### Referência

BORGES, Jorge Luis. Ficções. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



Sobre o autor Alvaro Daniel Costa: Doutorando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e bacharel em História e jornalista graduado pela mesma instituição (UEPG). Também cursa Licenciatura em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas pela UEPG.

Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba:

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**



# O QUE SÃO QUADRINHOS?

Quadrinhos são um tipo de narrativa visual que usa imagens (e, no formato digital, multimídia) em painéis, para contar uma história ou ideia. No início, referiam-se a tirinhas publicadas em jornais, posteriormente compiladas em "livros." Quando eles se tornaram populares e o tipo de histórias contadas expandiu, os "quadrinhos" foram reconhecidos como uma forma de arte visual. O cartunista e escritor americano Will Eisner propôs um termo abrangente para este tipo de história visual, que ele chamou de "arte sequencial".

## ALGUNS TIPOS DE QUADRINHOS, DE ACORDO COM O FORMATO



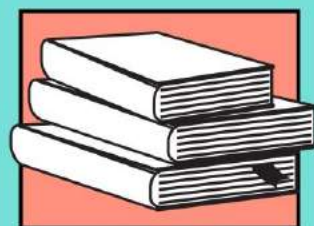
### TIRINHAS

Tirinhas são histórias curtas, geralmente cômicas, contadas por uma sequência de imagens em painéis, com ou sem diálogo e narração. Elas podem ser encontradas em uma seção de jornal ou online como webcomics. Algumas contam histórias, enquanto outras apresentam piadas ou frases de efeito em vez de uma narrativa.



### REVISTAS EM QUADRINHOS

Elas são originalmente tirinhas compiladas em volumes. Mas os quadrinhos modernos são similares a panfletos ou revistas em formato. Eles geralmente são sobre fantasia e super-heróis, em séries ou com histórias que continuam em várias revistas.



### ROMANCE GRÁFICO

O romance gráfico é autônomo, longo e complexo, como o de um romance tradicional. Ele permanece como uma forma de arte sequencial através do seu uso de painéis, balões de falas e imagens para contar uma história.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# ESPADA E FEITIÇARIA

*contos e poemas épicos*



CONTOS E POEMAS ÉPICOS

E-BOOK

## *Espada e Feitiçaria*

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR



saiba mais: [clique aqui](#)

# BREVES ATITUDES

Por Aline Suely Dias de Souza Ferreira

O sol raiou  
A primavera chegou  
Novos sonhos surgiram  
Novas esperanças cresceram

Novos tempos  
Novas paixões  
Novos ciclos

Renovações apontaram no horizonte  
Amplificações despertaram as cenas  
Mudanças ecoaram nos campos  
Incrementos toaram o cenário

Novo rumo  
Novas metas  
Novos sonhos

Aline Suely Dias de Souza Ferreira:  
Autora, escritora, pesquisadora,  
professora, poetisa. Cursou letras,  
fez especialização, leciona como  
professora efetiva pela Secretaria  
de educação do estado de Alagoas.

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



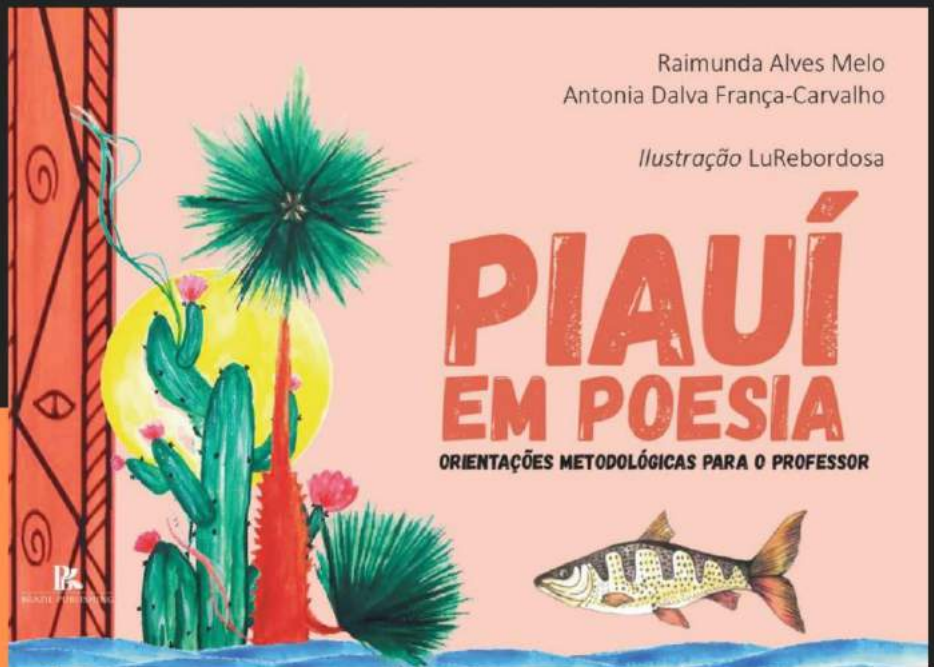
**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

RAIMUNDA ALVES MELO  
ANTONIA DALVA FRANÇA-CARVALHO

# PIAUI EM POESIA

Raimunda Alves Melo  
Antonia Dalva França-Carvalho

Ilustração LuRebordosa



## APRESENTAÇÃO

Caro (a) estudante, caro(a) professores(a),

Conhecer os aspectos históricos e geográficos do lugar onde nascemos e vivemos nos possibilita perceber as mudanças que ocorrem em nosso meio bem como a compreender a relação dos acontecimentos em escalas global, regional e local. Permite ainda adquirirmos sentimento de pertencimento e desejo de transformação da realidade. Isso quer dizer que para amar e valorizar o Piauí é necessário conhecê-lo melhor. Portanto, em uma combinação de palavras, conceitos, sentidos que se entrelaçam e forma estética, produzindo sentimentos e emoções, apresentamos a você o Piauí.

Como o nosso propósito é contribuir para a formação cultural de crianças e adolescentes, o livro: Piauí em poesia discorre a história e a geografia do nosso estado em forma de poesia, através de uma linguagem lúdica, atrativa e acessível. A poesia, como toda literatura, é a arte da palavra e ela nos oferece a possibilidade de imaginar, de produzir sentidos e de estabelecer relações entre a palavra e o mundo, entre o conhecimento histórico e literário. Esperamos que por meio da leitura dessa obra você amplie o olhar histórico e poético sobre a diversidade dos acontecimentos sociais e políticos que marcaram a história do Piauí, e que, a poesia lhe permita refletir sobre a sua história de vida e relacioná-la com os fatos narrados.

Boa Leitura  
Raimunda Alves Melo e  
Antônia Dalva França-Carvalho

PARA ADQUIRIR O LIVRO OU SABER  
MAIS:  
[raimundinhameo@yahoo.com.br](mailto:raimundinhameo@yahoo.com.br)  
(86) 999397763

## SOBRE AS AUTORAS



### RAIMUNDA ALVES MELO

Doutora e Mestra em Educação pelo Universidade Federal do Piauí - UFPI. Graduado em Licenciatura em História e Pedagogia. É professoro efetivo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do UFPI de Teresina. Tem experiência no área de educação, com ênfase em formação de professores, Educação do Campo, currículo e prático educativo.

### ANTONIA DALVA FRANÇA-CARVALHO

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Educação Infantil pela UFC. É Professora Associada IV, integrante do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, Editora da Revista Epistemologia e Práxis Educativa (EPEduc) e Líder do NIPEEPP (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Epistemologia da Prática Profissional). Desenvolve pesquisas científicas em educação, cultura e cibercultura, práticas educativas, aprendizagens e formação profissional de todas as áreas epistemológicas.

# A Chave

Por Denise Marinho

Chave lançada fora  
Aprisionado pássaro não mais.  
Silenciosa e confortável prisão  
Sem desafios e dificuldades  
Era só permanecer e viver  
Mas, nas noites de angústia  
Sonhava por mais.  
Ansioso observava os demais  
Voos extraordinários executavam!  
Em sua mente cores e imagens criava  
Extraordinárias ideias desenhava  
Mas, medo o detinha como um capataz.  
Sofria em jaula sem porta  
A chave que o prendia  
Era imaginária  
Um passo e tudo muda  
Um passo de cada vez  
Coragem o fortalecia  
O processo foi duro  
Desta vez seguiu decidido, e obstinado.  
Como um solitário viajante no deserto em busca de  
um oásis  
Sedento e sôfrego percorre seu novo caminho  
Ganha velocidade, e liberto  
Voa alto e ousado agora.  
Livre da prisão de outrora.  
Conquista seus sonhos  
Faz sua própria história  
Liberta sua memória,  
E vai.



# Coração

Por Denise Marinho



Coração não é parque de diversões  
Coração não é playground e nem brinquedo,  
Coração é de gente que guarda segredos no peito.  
Coração é de verdade, tem sensibilidade, vontades e voz.  
Coração tem terminações, emoções e densidades,  
Coração é um tesouro, quem conquistou um, guarde como ouro.  
Fazer um coração aguardar respostas por muito tempo,  
Gera um tremendo descompasso.  
Verdadeiro tormento, chega ser até horrendo,  
Esperar contando os minutos no relógio, as horas, o tempo.  
Coração tem até ansiedade, quer logo saber o final  
Mas, o tique-taque sempre presente limita seus passos de forma cabal.  
A desventura, o descaso, a frieza e a dureza ferem o coração  
Como um instrumento afiado que faz sangrar, com seu toque frio e preciso.  
E como dói, como dói ter o coração ferido.  
Coração quer ser tocado por amor e cuidados,  
Vai amor por todo lado, como um céu estrelado,  
No coração tratado, como um bem sagrado.  
Cuidar bem do coração de quem te ama  
É se enamorar todo dia, falar versos e rimas,  
Flores ao amanhecer, e bombons ao entardecer.  
Fazer mimos, dialogar e amar intensamente,  
É saber honrar e respeitar um coração que bate por ti todo dia,  
Expressando todo o amor que sente,  
Tum tum, tum tum...



## Biografia:

Poetisa, Escritora, Servidora Pública de carreira na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Unirio. Nascida no Rio de Janeiro em 29 de maio de 1970, sempre estudou em escola pública onde fez amizades para toda a vida, e recebeu incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Apaixonada por Artes: tem participado de diversas Antologias. Acredita que a arte tem o poder de curar, e levar a transformações positivas. Ama estar em contato com a natureza, família e amigos. Sua escrita está ligada ao amor, fé, relacionamentos, reflexões profundas e a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar: Voar, sem sair do lugar.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Leia  
Para uma criança



# *Saudade!*

*Por Miriam Santiago*





*E quando a saudade bate, a mente divaga entre o passado e o presente  
tentando entender, compreender o verdadeiro sentido de tudo.*

**E**m meio a um turbilhão de acontecimentos, desde o início da pandemia do novo coronavírus – Covid 19, que deixou o globo de cabeça para baixo, as novas cepas do vírus que também se alastraram em todos os cantos do mundo, depois a forte Influenza, que novamente elevou o número de internações nos hospitais, e agora que tudo parece estar se encaixando à normalidade, a bonança, temos que lidar com a saudade daqueles que partiram, dizem... para um mundo melhor.

Não sei se esse sentimento é amplo às demais pessoas, mas no meu caso, minhas emoções, por enquanto, estão aquém da alegria plena, a falta, a perda irreparável que devora o coração, estraçalhando a mente e reduzindo a nada a vontade até por muitas vezes de continuar a jornada.

Perder alguém, um bichinho de estimação para muitos é um sentimento momentâneo, tem gente que consegue se recompor, mas outros, demoram anos para cicatrizar a emoção, a tristeza e a angústia em saber “que se foi” é algo terrível!

Sei até que toda essa dor não é saudável, mas esse sentimento oscilante sobe e desce e não desaparece, a paciência me acompanha diariamente, meu Eu pedi por isso.

Dia 16 de maio completará um ano sem ela. Sem a mulher que me conduziu a esse mundo na Terra, ao planeta das dimensões. E por falar neste assunto, quem parte sem sofrimento se recupera mais rápido, e com minha mãe aconteceu assim, encerrou sua jornada em sete dias, como quem “pega carona” num foguete e desaparece. Foi tão rápido o seu adeus, me pegou despreparada e sem chão. Espero que ela esteja em patamar mais elevado, e seu espírito irradiando luz.

Precisava escrever essa crônica para que as palavras pudessem perpetuar o meu amor, traduzindo meu sentimento, minha angústia latente, minha ajuda à dor. É como se os dias (nem todos graças a Deus) virassem um inferno, obscuros pensamentos tentando uma resposta, um silenciar ao tormento, e o que me alegra são as lembranças deixadas por ela, foram tantas recordações desde a infância até a adolescência e fechando na fase adulta.

Não desejo deixar a impressão de um sentimento egoísta perante a tanta tristeza que acometeu o mundo novamente com a recente guerra da Rússia e Ucrânia, sei o quanto tantos padecem todos os dias mergulhados na escuridão de um grande pesadelo, que parece sem fim. Rogo a Deus que esse momento termine e que a luz possa brilhar novamente no universo trazendo boas energias, fluídos, sabedoria e mais humanidade aos corações das pessoas e, principalmente, dos governantes.

E que assim possamos prosseguir, guiados pela esperança de um mundo e pessoas melhores com corações mais abastados em ternura para somar e dividir com as pessoas mais frágeis, mais vulneráveis da sociedade.

Obrigada a todos!

**Miriam Santiago:** jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)

# ENTREVISTA

COM ANDRÉ WAGNER RODRIGUES



## André Wagner Rodrigues

Sou pai da Sofia, historiador e Mestre em Filosofia da Educação. Moro na cidade de Osasco-SP. Gosto de ler, ouvir boa música e passear com minha filha. Descobri que queria ser professor aos 14 anos, pois sempre acreditei que a Educação transforma pessoas para o bom caminho da vida. E assim fui trilhando meu caminho profissional. Já lecionei para estudantes do Ensino Fundamental, Médio, Pré-vestibular e até Universitários. Já são mais de 20 anos trabalhando na sala de aula, usando a História e a Filosofia para promover reflexões sobre o nosso tempo e a forma que devemos respeitar a pluralidade de opiniões que ajudam a formar o ser humano.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**André Wagner Rodrigues:** Acredito que todos aqueles que escolhem verdadeiramente o caminho da docência já possuem dentro de si a sensibilidade e experiência que podem resultar em muitas obras literárias. Já estou no meu 5º livro. Quando resolvi escrever, tinha a intenção de levar aos meus leitores como num bom bate-papo, alguns assuntos que podem promover reflexões e mudanças na forma de entender e se situar no Mundo. Tão importante quanto o ato de ensinar em sala de aula, está a leitura de um livro. Por isso, acredito que a escrita foi apenas uma extensão do meu trabalho de sala de aula...

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Sofia - A menina que gosta de filosofar". Poderia comentar?**

**André Wagner Rodrigues:** Sofia é uma menina de 13 anos que adora perguntar. E essas perguntas geram conversas muito interessantes com amigos, familiares e até pessoas aleatórias que percebem a importância de deixar o celular um pouco de lado para resgatar a beleza de um interessante diálogo. Essas perguntas de Sofia abre a reflexão sobre variados temas, tais como: “inteligência emocional”, “bullying”, “descoberta da paixão na adolescência”, “enfrentamento do luto”, “ética”, “limites da liberdade”, “todos os tipos de (pre) conceito” e muitos outros que ajudarão na renovação do nosso interior assim como das relações humanas. Essa é a verdadeira finalidade de filosofar: entender melhor o nosso tempo e respeitar a pluralidade de opiniões que formam o ser humano!

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**André Wagner Rodrigues:** O convívio com meus estudantes e os diálogos que produzimos juntos em sala de aula foram alicerces para criar cada capítulo do meu livro. Minha inspiração, além de meus estudantes foi minha filha que tem o mesmo nome da protagonista. Além de pensar nesse livro como um canal de comunicação com os jovens, sempre pensei em poder conversar sobre cada tema do livro com a Sofia. Espero que isso aconteça. Ah, não posso esquecer de mencionar que Joisten Gaarder, autor de “O Mundo de Sofia” também sempre foi uma das principais referências de leitura em minha adolescência.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**André Wagner Rodrigues:** "Aprendeu a não julgar por tantas vezes que errou e se arrependeu. Notou que cada pessoa tem um potencial de se superar e corrigir seus defeitos, por isso, entendeu que os erros só existem para nos ensinar valiosas lições. E

que cada pessoa tem um ritmo particular de reconhecer os danos que suas práticas causam em outras pessoas. A vida acaba ensinando. Às vezes de uma forma natural e feliz, mas quase sempre, de uma forma triste e cruel, pois a consequência de nossas ações, sempre ensinam. Por conta de saber disso, preferia agora olhar para os próprios defeitos com o propósito de corrigir a si mesma. Assim, entendia que estava dando maior contribuição para outras pessoas que conviviam com ela... Antes de julgar, melhor corrigir a si próprio, não é mesmo? O Mundo todo agradece..." (pag. 71)



**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**André Wagner Rodrigues:** Pode ser diretamente comigo pelo Whats App (11) 94402-8448. O livro vai com dedicatória e assinatura da Sofia para qualquer lugar do Brasil, sem custo de frete. Cada livro custa R\$ 35,00.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**André Wagner Rodrigues:** Crie um blog, publique alguns textos e peça a opinião sincera de seus amigos e até algumas críticas construtivas. Lembre-se que a escrita é um

processo lento e com muitos desafios. Importante também saber para quem você quer escrever e também como funciona o mercado editorial. São ideias fundamentais que não tive a oportunidade de aprender no início da minha carreira...

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: O Mundo de Sofia

Um ator ou atriz: Will Smith

Um filme: Pequena grande vida

Um hobby: Passear com Sofia

Um dia especial: Nascimento da minha filha

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**André Wagner Rodrigues:** Que possamos incentivar cada vez mais a leitura e a valorizar os profissionais da Educação. Só assim conseguiremos evitar a barbárie das guerras, o desmatamento, a proliferação do racismo e (pre) conceitos e colaborar para a formação de uma sociedade mais humana, justa, ética e feliz em nosso país.



# ENTREVISTA

COM JOYCE VIANA



## Joyce Viana

Joyce Viana Silveira, quase 30 anos, mineira de Belo Horizonte, autora, produtora e gestora de conteúdo.

É bacharel em Direito, pós graduada em Direito Penal, nas horas vagas estuda Teologia e possui um semestre cursado de Jornalismo.

É cristã e possui uma fé inabalável, apaixonada pelos animais, por poesias, Clarice Lispector e por vinhos.

Literalmente uma camaleoa, se precisar muda de opinião quantas vezes for preciso, pois, entende que amadurecer é florescer sem perder suas raízes.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Joyce Viana:** Desde criança, fiz da escrita minha melhor amiga e nunca mais parei. Sempre escrevia cartinhas para os namorados das minhas amigas como se fossem elas, por saber escrever poesias e textos mais bonitos. Na faculdade de Direito, participei de uma coletânea de poesias com outra autora, mas infelizmente não vingou por dar prioridade para a faculdade. Depois disso, comecei a ser chamada para escrever para sites jurídicos e eu amava conciliar o Direito e a Escrita. Hoje entendo que juntos formamos um time de peso! Mas, foi só ao término da faculdade e início de 2020 que finalmente comecei no meio literário com o meu primeiro livro publicado.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Florescer". Poderia comentar?**

**Joyce Viana:** O livro Florescer nasceu para mim no início de 2020 em meio a crise mundial e ao novo vírus. Ele é meu primeiro livro e por isso também é o mais especial. No meio de um isolamento assustador, eu, juntamente com outra autora tivemos a ideia de escrevermos um livro juntas falando sobre a saúde mental impactada pelo isolamento, porém, entendemos mais a frente que nosso projeto precisaria se dividir em dois e cada uma seguiu o seu caminho.

Neste processo, entendi que eu precisava falar sobre saúde mental, comportamento humano e fé e que essa seria a minha linha, mas nunca parei para escrever o livro. Ele veio como um presente de Deus nos meus sonhos. Sempre acordava de madrugada e tinha todas as mensagens do livro prontas em minha mente apenas para passar para o papel.

Florescer é mais que um livro de autoajuda, é um livro de autoconhecimento, isso pois, nele eu não busco ajudar alguém a sair de um momento de angústia, mas, a entender a razão pela sua angústia. Ele veio para mim como uma resposta de Deus para aliviar sentimentos guardados que tinha há anos e, talvez, para responder perguntas de pessoas que eu nem mesma conheço.

E através dele, quero que as pessoas se divirtam; chorem; sintam saudades; se apaixonem; deem gargalhadas; busco uma conexão profunda, de almas e que juntos possamos chegar a algum lugar.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Joyce Viana:** Como eu disse anteriormente, o isolamento social me forçou a escrever sobre o comportamento das pessoas e o impacto na saúde mental delas. Minhas pesquisas foram basicamente pautadas em conversas com familiares, amigos e pessoas conhecidas e em como eles foram impactados pelo isolamento.

Além de claro, assistir noticiários e ler bastante sobre o assunto e ver o quanto o número de suicídios aumentou nesta época, além de divórcios e mulheres que eram agredidas pelos companheiros.

Neste período, passei a me questionar se o ser humano deixou de ser humano ou ele passou a ser verdadeiramente humano a partir de agora.

Entre tantos questionamentos, me vi escrevendo sobre todos eles para não surtar literalmente e também nunca me dei muito bem com especialistas em saúde mental pois não gosto muito de falar, prefiro escrever.

Percebi que era o caminho para mostrar ao mundo o que eu sentia e também de alguma forma impactar a vida dessas pessoas.

Neste processo de idas e vindas da escrita, demorei em média 1 ano e meio para deixar o livro pronto para publicação.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Joyce Viana:** “Se as borboletas fossem como nós, se sentiriam incapazes de ser quem nasceram para ser e morreriam sendo lagartas”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Joyce Viana:** Pode acessar minhas redes sociais. Por lá, eu faço postagens diárias sobre o livro além do meu trabalho. O livro está disponível comigo, com a editora Letras Virtuais e também em sites como Magazine Luiza.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Joyce Viana:** Sim. Na verdade, existem alguns. Mas, por ora, estou em um projeto solo de um livro de poesias.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Bíblia Sagrada

Um (a) autor (a): Clarice Lispector



Um ator ou atriz: Meryl Streep  
Um filme: O diabo veste prada  
Um dia especial: Dia do meu batismo na Igreja.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Joyce Viana:** Quero agradecer a oportunidade de mostrar o meu trabalho, pois, acredito ser importante dar cada vez mais espaço para a literatura no Brasil!

Hoje, digo que vivo o meu propósito de vida, vivo pela arte da escrita e me sinto abençoada por isso! Mas, abençoados seriam todos aqueles que pudessem viver pelo que acreditam e assim fazer a diferença no mundo em que vivemos!



# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# ENTREVISTA

COM JULIANA K. TAVARES



**Juliana K. Tavares**

Juliana K. Tavares nasceu em Chapecó-SC, e formou-se em Publicidade e Propaganda pela Univali. Ela mora no litoral catarinense, onde trabalha com Marketing e Terapia Holística.

A autora escreve histórias desde 2003, começou escrevendo fanfics de animes. Depois em 2019, ela sentiu que era a hora de dar outro passo na sua vida literária e decidiu escrever a sua primeira história autoral que foi publicada na Amazon em formato ebook.

Juliana escreveu as histórias: Amor além das estrelas!, Não me abandone!, Contos Sobrenaturais!, Miss Galáxia e A Escolha do Guardião. Suas obras podem ser encontradas tanto no formato físico como digital, nas plataformas Amazon, UICLAP e Inkspired.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Juliana K. Tavares:** Então... eu comecei em 2001 a me interessar por animes e mangás, e de alguma forma isso desencadeou em mim uma grande vontade de escrever histórias, iniciei minha carreira literária escrevendo fanfics. Após isso, eu levei alguns anos até ter coragem para publicar a minha primeira história autoral, tanto que inicialmente eu assinava as minhas obras com o pseudônimo de Megan W. Logan, daí mais tarde resolvi usar o meu próprio nome.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Não me abandone!". Poderia comentar?**

**Juliana K. Tavares:** Este é o meu segundo livro publicado de maneira independente. A história é a respeito de Jason e Lori, um casal que tem a vida virada de pernas para ao ar, após uma revelação de um segredo, que coloca em risco o casamento aparentemente feliz deles. E Jason faz de tudo para conseguir o perdão de Lori, no entanto, não será tão fácil. Esse livro está sendo vendido na Amazon em versão ebook e na UICLAP em formato físico.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Juliana K. Tavares:** Meu processo de criação é simples, surge de uma maneira natural, tudo me inspira, às vezes são filmes, animes, seriados, livros, como também a vida cotidiana, o nosso dia a dia. Sempre quando me vem uma ideia, eu anoto e guardo para mais tarde trabalhar nela. Procuo me informar a respeito dos assuntos a qual escrevo, faço pesquisas para não cometer erros.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Juliana K. Tavares:** “Emma, ao perceber a intenção de Jack, ficou muito preocupada, pois a coisa estava começando a ferver para ambos os lados. Tom somente observou tudo de forma neutra, porém, ao ver que seu rival apanharia ao vivo e a cores da esposa ali na frente de todos, deu um sorriso de canto involuntário.

— Qual é a graça, Tom? — inquiriu a empresária, revoltada ao notar o sorriso na face do esposo.

— O Jason vai apanhar da escandalosa e eu vou assistir de camarote, isso vai ser muito engraçado! A propósito, vou buscar a pipoca, já volto — declarou antes de realmente caminhar até a cozinha.

— Era só o que me faltava, que situação mais constrangedora!

Infelizmente a intuição de Emma estava alertando-a que algo de ruim aconteceria ali, provavelmente um potencial escândalo, mas por sorte a imprensa foi barrada no portão principal. Para aquela festa foram convidados apenas os amigos mais chegados, que não sairiam espalhando segredos por aí caso houvesse algum tipo de tumulto. No entanto, ela odiava não poder controlar aquela situação, que fugia totalmente de suas mãos, só esperava que nada de muito grave acontecesse.”

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Juliana K. Tavares:** Para saber mais sobre mim e adquirir meus livros em versão ebook e físico o leitor pode acessar os seguintes sites:

Meu Blog - <https://escritorajulianaktavares.blogspot.com>

UICLAP - [https://uiclap.bio/Juliana\\_K\\_Tavares](https://uiclap.bio/Juliana_K_Tavares)

Amazon - [https://is.gd/ebooks\\_amazon\\_juliana](https://is.gd/ebooks_amazon_juliana)

Inkspired - <https://getinkspired.com/en/u/juliana-k--tavares/>

Instagram - <https://www.instagram.com/juliana.k.tavares/>

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Juliana K. Tavares:** Acredite sempre no seu potencial, nunca desista no primeiro obstáculo do caminho, por mais difícil que ele seja. Tente respeitar o seu tempo, um dia você chega lá, mesmo que demore um pouco, nunca desanime. Procure ler de tudo, desde romance, ficção científica, terror, mangás e quadrinhos, pois às vezes aquela história diferente pode te ajudar a abrir novos horizontes criativos. Assista também seriados, documentários, desenhos, animes, doramas, seja eclético, porque isso vai te ajudar na hora da criação de uma nova história. E o mais importante, não se desestimele por conta das críticas, tire delas o combustível para ser cada vez melhor no que você faz.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Juliana K. Tavares:** Sim, existe sim! Inclusive, eu tenho um novo livro que foi disponibilizado recentemente em duas plataformas, em formato físico e digital. A obra se chama: Miss Galáxia, a história é uma mistura de romance, fantasia e ficção científica.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: A companheira de viagem – Fernando Sabino

Um ator ou atriz: Orlando Bloom

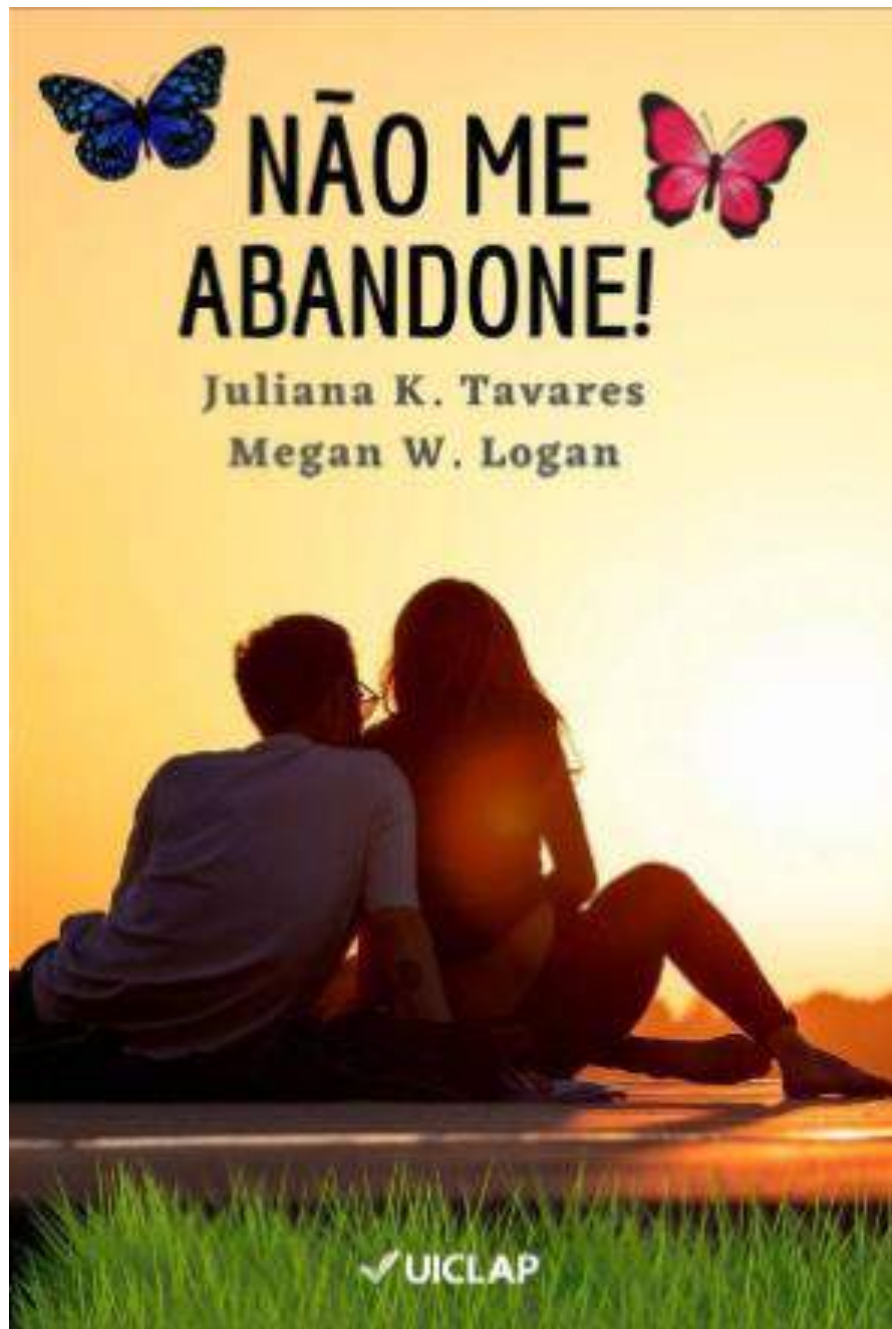
Um filme: O Senhor dos Anéis – (A trilogia).

Um hobby: Assistir doramas.

Um dia especial: Todos são especiais.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Juliana K. Tavares:** Seja perseverante, tenha fé e não desista de seu sonho, por mais que a caminhada esteja difícil. acredite em você!



# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez  
um outono*



*Roberto Schima*

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON

# ENTREVISTA

COM JULIANA ESTER LUNKES



## Juliana Ester Lunkes

Nasceu em 1979, passou seus primeiros anos em Quatro Pontes, interior do Paraná. Graduou-se em Ciências Biológicas em 2001, atuou como professora, estudou e trabalhou no campo das artes, das terapias e do yoga. É uma caminhante. Peregrinou o Caminho Francês de Santiago de Compostela em 2012, o Caminho Português de Santiago de Compostela em 2014 e segue percorrendo outros caminhos e trilhas no Brasil, na Europa e no Peru. Atualmente reside em Foz do Iguaçu, Paraná.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Juliana Ester Lunkes:** Escrevo desde menina, escrevia meio que sem perceber (porque me fazia bem) e um pouco mais crescida me dei conta: eu escrevo! Rsrtrs. Também na escola escrevia peças de teatro, na faculdade peças para teatro de fantoches sobre Educação Ambiental, quando trabalhei no departamento de cultura, escrevia textos para teatro e para outros eventos. Às vezes, me inscrevia em concursos de poesias e tenho participação publicada em 5 Antologias, resultado desses concursos.

**Conexão Literatura: Você é autora dos livros "Sobre o caminhar" e "Espalhando poesias". Poderia comentar?**

**Juliana Ester Lunkes:** Sobre o Caminhar, um livro escrito em prosa poética, foi minha estreia "solo" na literatura, em 2019. Foi quando resolvi, de fato, me dedicar ao universo literário. Digo que é um livro que foi escrito pela minha alma, pois vivi cada palavra e cada trecho me remete à uma experiência de vida. Espalhando Poesias surgiu espontaneamente em 2020 e foi publicado na versão e-book em 2021. São poesias sobre a vida, sobre as emoções e sobre quem somos. Escrito em uma linguagem nova, mais leve do que a usada em Sobre o Caminhar.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?**

**Juliana Ester Lunkes:** Sobre o Caminhar foi escrito quase todo durante uma longa viagem que fiz para a Europa em 2015. Foi um período como que sabático. Só tive coragem e tempo de reunir meus escritos em 2019, quando resolvi publicá-lo. Espalhando Poesias é uma coletânea de poemas que escrevi em 2020, então posso dizer que levou um ano para ficar pronto.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?**



**Juliana Ester Lunkes:** Sobre o Caminhar: *“Quando as ondas do infinito se fizerem perceber em teus ouvidos, quando a canção vier do além-mar, corre, se quiseres, mas vai descalço. O terreno que tua alma habita não é feito de matéria, é feito de energia.”*

Espalhando Poesias: *“No fim, a vida é feita de histórias para contar... É feita de histórias que contam a origem das marcas e sensações que temos no corpo... De histórias que contam os desenhos que trazemos no coração... De histórias gravadas no tempo de nossa memória...”*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Juliana Ester Lunkes:** No meu instagram: julianaesterlunkes. Lá o leitor irá encontrar parte da minha história, bem com vídeos e fotos. Sobre o Caminhar está disponível para compra em versão física no site do Clube de Autores e também na Amazon; e a versão e-book disponível na Amazon. Espalhando Poesias no momento está em versão e-book também na Amazon.

**Sobre o Caminhar:**

<https://www.amazon.com.br/Sobre-Caminhar-Juliana-Ester-Lunkes/dp/8556979440>

<https://clubedeautores.com.br/livro/sobre-o-caminhar>

**Espalhando Poesias:**

[https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B0992QN5DC&preview=newtab&linkCode=kpe&ref\\_=cm\\_sw\\_r\\_kb\\_dp\\_EBZTHATPQ2454B1CH387](https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B0992QN5DC&preview=newtab&linkCode=kpe&ref_=cm_sw_r_kb_dp_EBZTHATPQ2454B1CH387)

[https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B0992QN5DC&preview=newtab&linkCode=kpe&ref\\_=cm\\_sw\\_r\\_kb\\_dp\\_EBZTHATPQ2454B1CH387](https://ler.amazon.com.br/kp/embed?asin=B0992QN5DC&preview=newtab&linkCode=kpe&ref_=cm_sw_r_kb_dp_EBZTHATPQ2454B1CH387)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Juliana Ester Lunkes:** Com certeza. Sigo escrevendo e já tenho a concepção e parte do material para o meu próximo livro.

**Perguntas rápidas:**

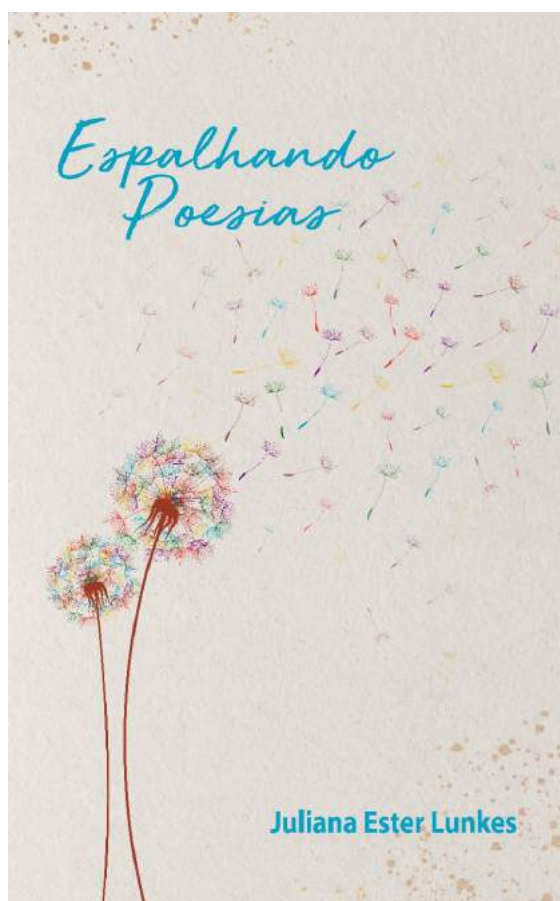
Um livro: A Divina Comédia

Um (a) autor (a): John O´donuhue

Um ator ou atriz: Selton Melo

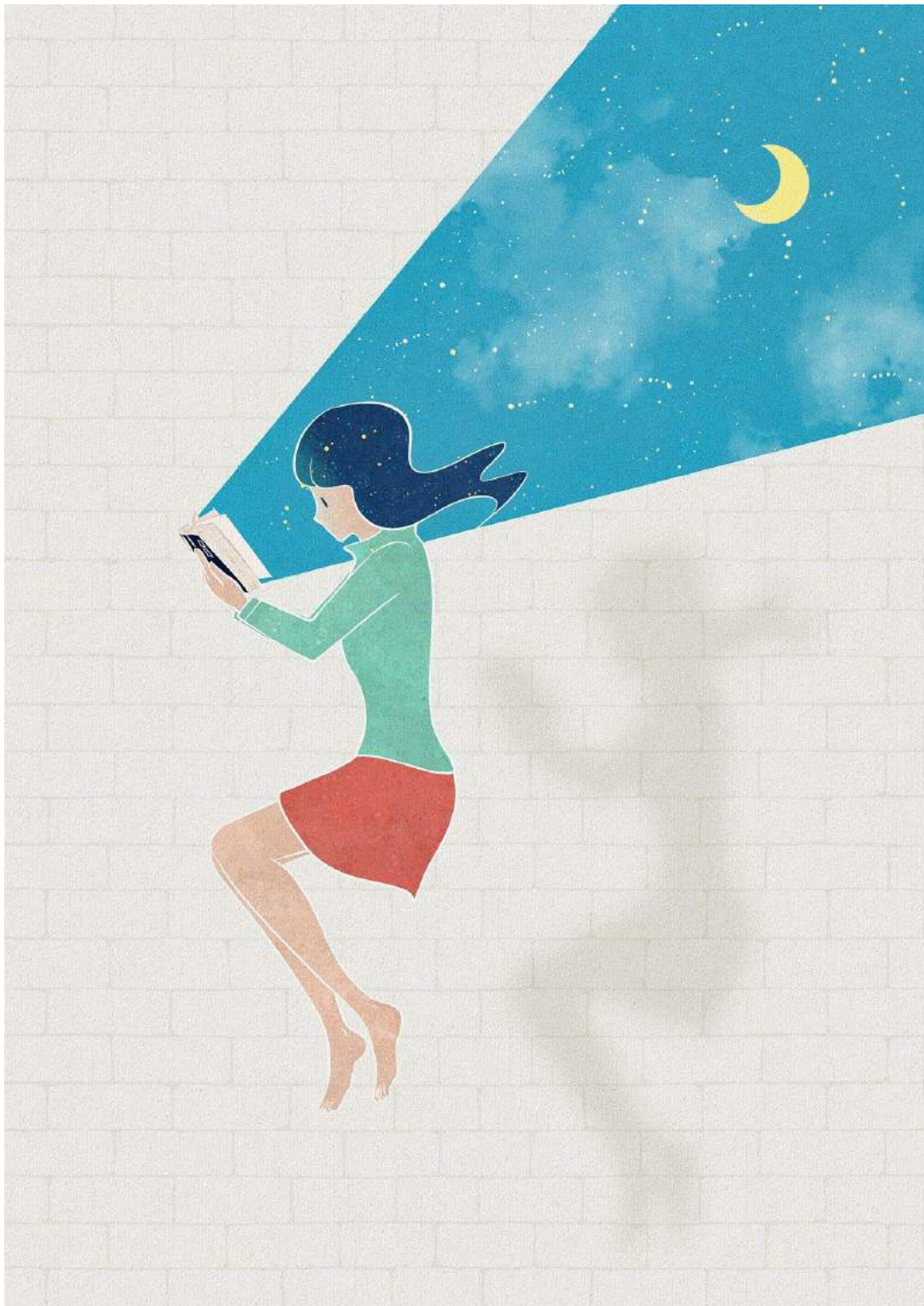
Um filme: Sweet Tooth (seriado)

Um dia especial: O dia que viajei para fazer o Caminho de Santiago de Compostela.



## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Juliana Ester Lunkes:** Encerro com mais um trecho de Sobre o Caminhar: “Que os ventos uivantes confortem todos os povos, que o amor se espalhe por todas as direções. Que a dor, seja sempre vista com amor, por todos. Que aquilo que não se vê, se torne visível.”



# livre, leve & feliz



# ENTREVISTA

COM R. C. NUGEM



## R. C. Nugem

Doutora e Professora em administração, saúde pública e epidemiologia. Natural de Canoas, no Rio Grande do Sul, morando na França desde 2018. Sempre amou escrever e já ganhou vários concursos de poesia e contos quando estava na escola. Até o momento, só havia publicado artigos e livros científicos sobre as pesquisas acadêmicas realizadas. A vida leva a outros rumos e o sonho de se tornar escritora só começou a se tornar realidade em 2021, com o esboço do já imaginado “Azul Índigo”, na gaveta desde 2016, que ganhou finalmente corpo e força, sendo publicado de maneira independente em 2022. Para ela, ser escritora de ficção-fantasia é, de alguma forma, fazer os outros sonharem ou, despertarem...

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**R. C. Nagem:** Desde a época da escola eu tinha facilidade em escrever e uma imaginação criativa. As professoras sempre me elogiavam muito e, sempre que havia um concurso na escola, eu participava e ganhava. Uma professora até me incentivou a me tornar escritora, mas meu pai não me permitiu porque ele me dizia que não se pode viver de livros. Então, eu busquei outra profissão, mas sempre escrevi, tenho vários artigos e capítulos de livros publicados. O meu currículo lattes tem um bom tamanho.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Azul Índigo". Poderia comentar?**

**R. C. Nagem:** Na verdade a ideia me veio na mente em 2016, restando na gaveta da minha mente, até finalmente consegui passá-la ao papel. E não vou parar nele, esse é o primeiro da série que levará o mesmo nome – Azul Índigo, pois, ele finaliza prometendo uma continuação. Creio que é o livro mais cosmopolita de todos os tempos, os personagens principais são diferentes uns dos outros. É necessário ter uma mente bem aberta a novos cenários e situações, porque Azul Índigo veio para abalar a Terra.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**R. C. Nagem:** Eu pesquisei muitas coisas diferentes que fazem parte do universo do livro antes de escrevê-lo, precisei estudar as dimensões, um pouco de física quântica, mas não me limitei ao que é conhecido, eu quis ir além e deixei a minha imaginação guiar as dimensões e as situações abordadas no livro. Eu escrevi o Azul Índigo em seis meses, trabalhando muitas horas nele, diariamente. Aproveitei que a pandemia nos deixou mais livres para iniciarmos outras atividades, então, eu creio que ele não se parece com nenhum outro livro do mesmo gênero.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**R. C. Nagem:** Eu separei alguns trechos, porque no livro o tempo não é síncrono, então inicia-se no presente, mas volta-se ao passado para que se possa entender o porquê dos acontecimentos no presente. Azul Índigo: “É difícil entender o início de toda essa transformação. Poderia ser a confirmação de várias profecias conhecidas de vários povos, desde a antiguidade. Algumas pessoas dizem que é o Juízo Final, ainda arraigadas em suas crenças, outras dizem que demorou muito tempo para se compreender o que era tão simples – o invisível está presente, assim como o vento, que não se pode ver, no entanto se pode sentir. O excesso de confiança no mundo material e a falta de contato com o

mundo espiritual, levou a humanidade a criar um vazio em seus corações, o qual se tentava preencher com os bens materiais, mas esse vazio não se preenchia nunca.

---

O cenário na face da Terra desde então, era o deserto quase absoluto. Um imenso vazio nas cidades e os poucos que permaneceram em suas casas, circulavam como zumbis pelas ruas a procura de alimentos. Entravam em grandes supermercados e carregavam os seus carros com tudo o que podiam transportar. Alguns, mais ousados, pegaram veículos de maior porte ou mais caros nas concessionárias vazias, as quais mais pareciam um depósito de carros que não serviriam a mais ninguém.

---

Nesse novo ciclo não somente as formas humanas habitarão a Nova Terra, mas outros seres possuindo outros corpos, vindos de outros pontos do Universo partilharão do mesmo espaço. O conhecimento que esses seres possuem fará a Nova Terra avançar tecnologicamente e eticamente. O casamento entre esses seres dará origem a outros seres, pelo cruzamento dos genomas, assim multiplicando a diversidade universal. Esse é o desejo do criador, diversificar e unir as almas, em uma vibração de amor, paz e respeito mútuos. Uma vez que a Nova Terra será criada, não haverá espaço para o mal dentro dela. Aos que ainda precisavam expiar pelos seus erros, será dada uma nova oportunidade de viver em um outro planeta.

---

Em seu sono o seu espírito se liberta de seu corpo e vai ao encontro desse chamado, enquanto o seu corpo descansa na Atlantis. Com a liberdade de se deslocar no espaço-tempo sem barreiras, rapidamente ela se vê ao pé de uma montanha. Nesse momento o seu espírito capta com força o chamado recebido e ela encontra a flor azul. Ela sabe que tem alguém precisando de sua ajuda e que ela não pode negar isso a ninguém. Ao tocar a flor, ela sente uma energia forte e perturbada invadir o seu espírito. Memórias que não são suas começam a desfilar em sua mente. Por um momento ela consegue enxergar Dak-Ho na sua frente. No mesmo instante, Dak-Ho que estava concentrado em sua meditação diária procurando pelas energias diferentes presentes na Zona Sombria, sentiu a presença de Índigo.

---

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**R. C. Nagem:** No Brasil, ele está disponível na Amazon em forma de e-book. Em outros países ele está disponível em versão impressa e e-book, somente em português. Até o final de abril a versão em francês será publicada e, até o final de maio a versão em inglês. Quem quiser me contatar é só me procurar nas redes sociais, como Facebook e Instagram. O início do livro está disponível no Wattpad também, para aqueles que estão curiosos. Na Amazon é só procurar por Azul Índigo ou por R. C. Nagem.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

R. C. Nagem: Sim, como eu já havia dito, o Azul Índigo não finalizou a história toda, ele terá a continuação e, até o final desse ano pretendo lançar o Vermelho Rubi, que está em esboço nesse momento. No entanto, a série se chamará Azul Índigo, pois é uma saga. Além da continuação, eu quero traduzi-lo para o japonês, coreano e chinês até o final desse ano, além das outras traduções já citadas.

### Perguntas rápidas:

Um livro: O Sol é para Todos (Harper Lee)

Um (a) autor (a): Victor Hugo

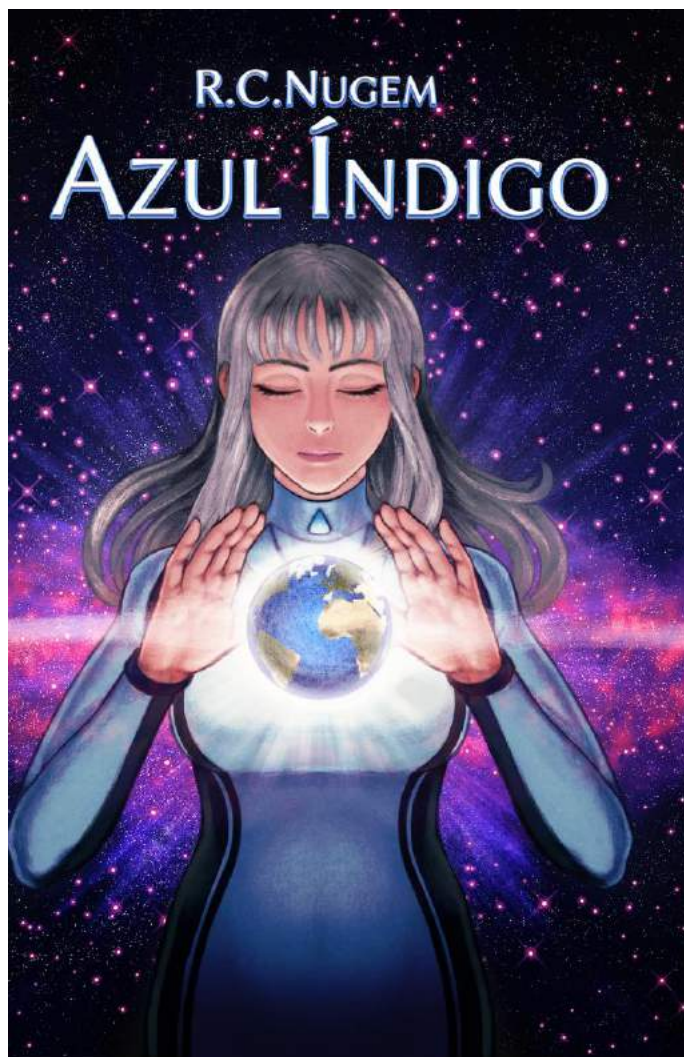
Um ator ou atriz: Nia Vardalos

Um filme: Meu Casamento Grego

Um dia especial: Todos são especiais, estou sempre aprendendo.

### Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

R. C. Nagem: Agradeço a oportunidade e estou disponível para conversar com os meus leitores.





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM ROBERTO SALGADO DE CARVALHO



## Roberto Salgado de Carvalho

Nasceu no Rio de Janeiro em 1959. Formou-se em professor de Educação Artística e lecionou em comunidades, em Santa Cruz e no Andaraí. Radicou-se desde 1987 nos EUA, trabalhando como professor de Educação Artística na capital e no estado de Maryland. Publicou em inglês dois livros sobre arte brasileira: “Brazilian Rock Paintings and Shamanism” (2009) e “The Mysterious Stone” (2014) e em português os livros “Breve História da Arte Popular” (2021) e “A Pedra Misteriosa” (2022), esse último sendo uma interpretação etnográfica sobre a Pedra do Ingá, monumento rupestre nordestino.

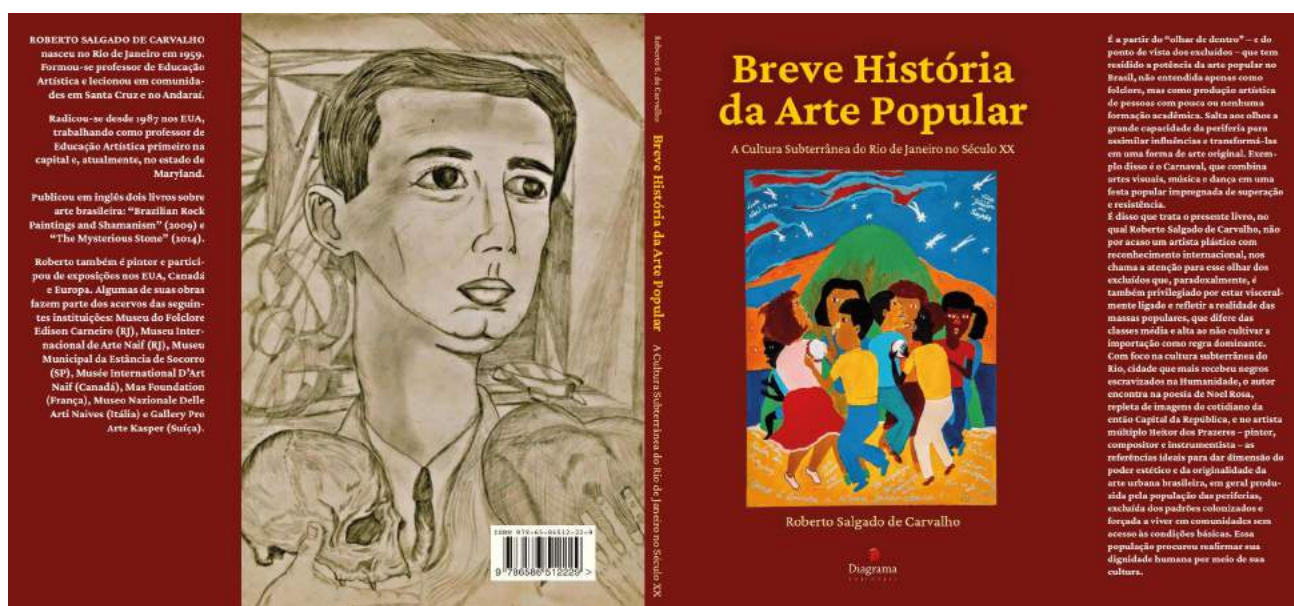
## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** Eu sou professor de arte e sempre gostei de ler. Minha mãe teve um papel importante nisso pois ela também era professora e, quando eu era pequeno, ela lia e dramatizava para mim, por exemplo, as fábulas de Esopo. Mas, a ideia de escrever livros veio em decorrência do prazer que sinto em ensinar. Tanto que os livros que eu escrevo são basicamente informativos.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Breve história da arte popular - A cultura subterrânea do Rio de Janeiro no século XX". Poderia comentar?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** As criações das classes pobres são pouco conhecidas. O livro explica porque isso ocorre e, em linhas gerais, apresenta exemplos de criações originais, ou seja, menos imitativas do que se faz no exterior. É um livro para os que amam as artes visuais e a música e desejam conhecer sem preconceitos elitistas um pouco da criatividade do povo brasileiro.



**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** A minha inspiração vem de três temas entrelaçados: arte, história e ideologia. A arte obviamente reflete a história e a ideologia (filosofia, religião, política, etc) das sociedades. Eu me interessou em focar o que é artisticamente menos conhecido para esclarecer melhor, ou até mesmo questionar, o que consideramos ser a nossa realidade. Não sou xenófobo, mas tampouco defendo a postura de que o Brasil só faz sentido em termos de importações. No Brasil já foram editados muitos livros sobre,

digamos, Shakespeare e poucos livros sobre a arte das massas. Os três temas que mencionei me instigam a pesquisar o Brasil como se eu fosse um detetive da cultura nacional.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** Há muitos trechos dos quais gosto. Por exemplo, essa breve análise da letra do samba “Triste Cuíca” escrita por Noel Rosa, cognominado “Poeta da Vila”:

*O samba conta a trágica história de Laurindo, que era disputado por Zizica e Conceição. Note-se como Noel magistralmente sintetiza a escolha de Laurindo dizendo simplesmente que ele “foi guardar a cuíca/ na casa da Conceição”, em vez de recorrer aos clichês melodramáticos desgastados da música popular (“apaixonou-se”, “amou”, etc.). Poeta das contradições da alma, a Noel realmente não interessa quem matou Laurindo. Não é essa a problemática da letra. Antes, o poeta menciona que Laurindo era o “gostoso” da Zizica, para, poucos versos depois, afirmar que ela “está sorrindo” com a morte de Laurindo. Mas como ela poderia sorrir sabendo da morte de Laurindo, já que ela gostava dele? A resposta óbvia é que ela preferia vê-lo morto do que com outra. A irracionalidade da alma humana, em que a grandeza e a miséria podem coexistir, é um dos temas preferidos do Poeta da Vila.*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** O livro está disponível no Clube dos Autores. Ele custa R\$ 36,34 na versão impressa preto e branco. Eu pretendo lançar outros, inclusive com reproduções de minha obra pictórica que, espero, agradarão aos interessados.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** A dica que considero fundamental é a pessoa fazer aquilo que gosta sem se fechar para as sugestões dos demais. Quando gostamos de algo, nossas emoções afloram. Um autor cativa seus leitores quando ele fala com o coração. Por outro lado, gostar e aprender mais da nossa própria cultura pode gerar uma fonte de inspiração para obras genuinamente criativas. É difícil alguém conseguir emplacar um gol se não gostar de jogar futebol e se não aprender vendo outros jogarem futebol.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** Acabei de lançar o livro “A Pedra Misteriosa”, também disponível pelo Clube dos Autores por aproximadamente o mesmo preço do livro “Breve História da Arte Popular”. “A Pedra Misteriosa” procura interpretar o significado da Pedra do Ingá, uma gravura rupestre famosa que alguns sugerem ter sido feita por fenícios ou habitantes da Ilha de Páscoa, enquanto outros creem ser obra de extraterrenos. Eu abordo o aspecto estético da obra e sua relação com o contexto cultural nativo do Brasil. Em breve devo lançar também um livro com mais de 300 obras minhas

sobre arte indígena brasileira baseadas nos conceitos de representação artística das tribos ao invés de baseadas apenas em pinturas figurativas retratando os índios.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: “Memórias Postumas de Bras Cubas” de Machado de Assis

Um ator ou atriz: Chico Anysio

Um filme: “O Intendente Sancho” de Kenji Mizoguchi

Um hobby: Pintar quadros

Um dia especial: Todos

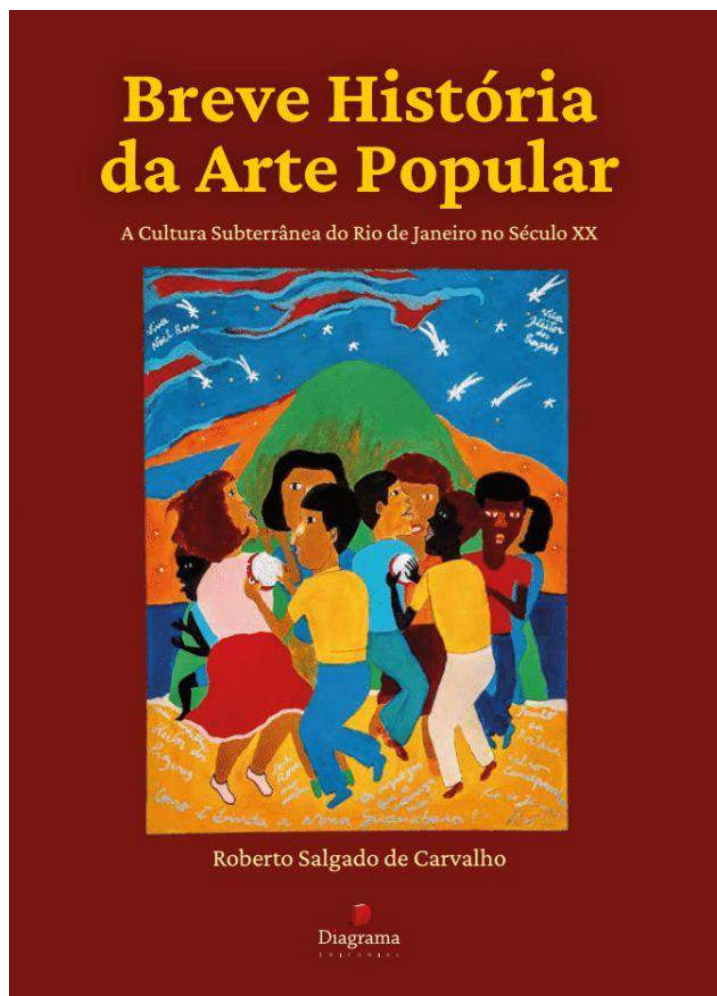
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Roberto Salgado de Carvalho:** Somente agradecer essa oportunidade de apresentar meu trabalho e também aos leitores pela atenção. Espero que meu livro corresponda às expectativas dos que se interessam pelo tema.

**Links de venda:**

<https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Popular-Roberto-Salgado-Carvalho/dp/6586512220>

<https://clubedeautores.com.br/livro/breve-historia-da-arte-popular>



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS CONTEMPORÂNEOS

*antologia nacional*

ANTOLOGIA NACIONAL

## POEMAS CONTEMPORÂNEOS

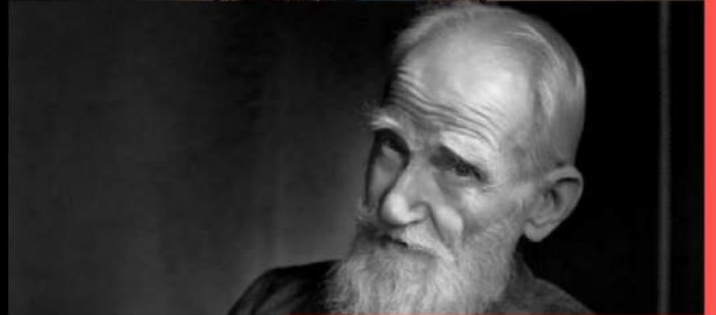
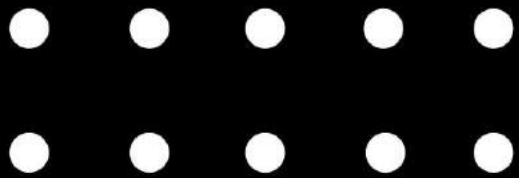
ESCRITOS POR ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

E-BOOK

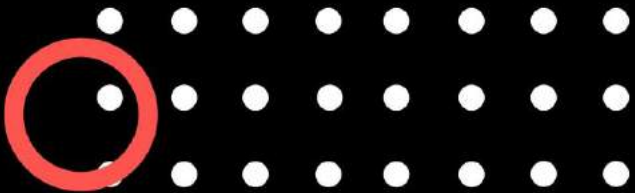


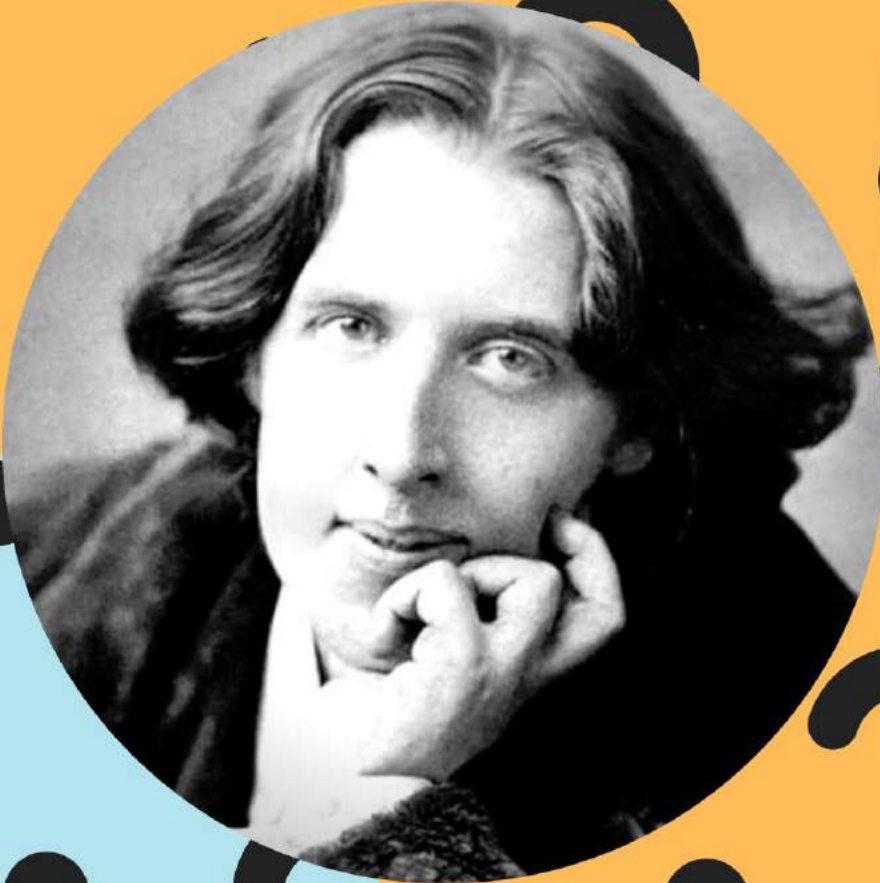
saiba mais: clique aqui



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura



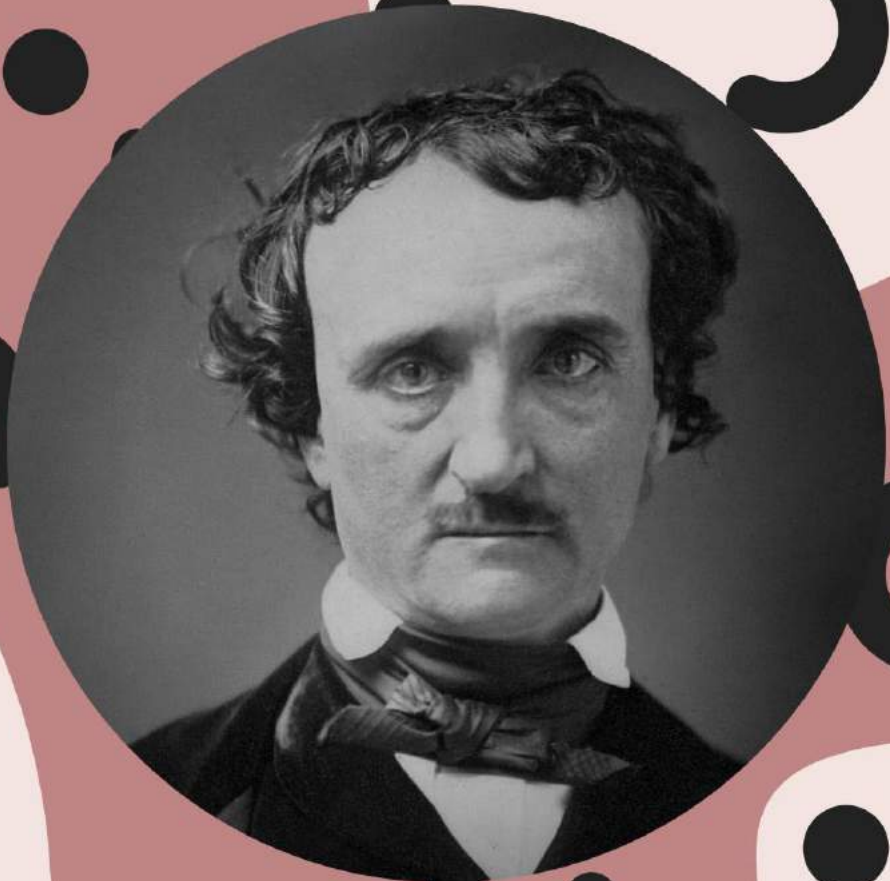


## **OSCAR WILDE**

Ser grande significa ser  
incomprendido.

# EDGAR ALLAN POE

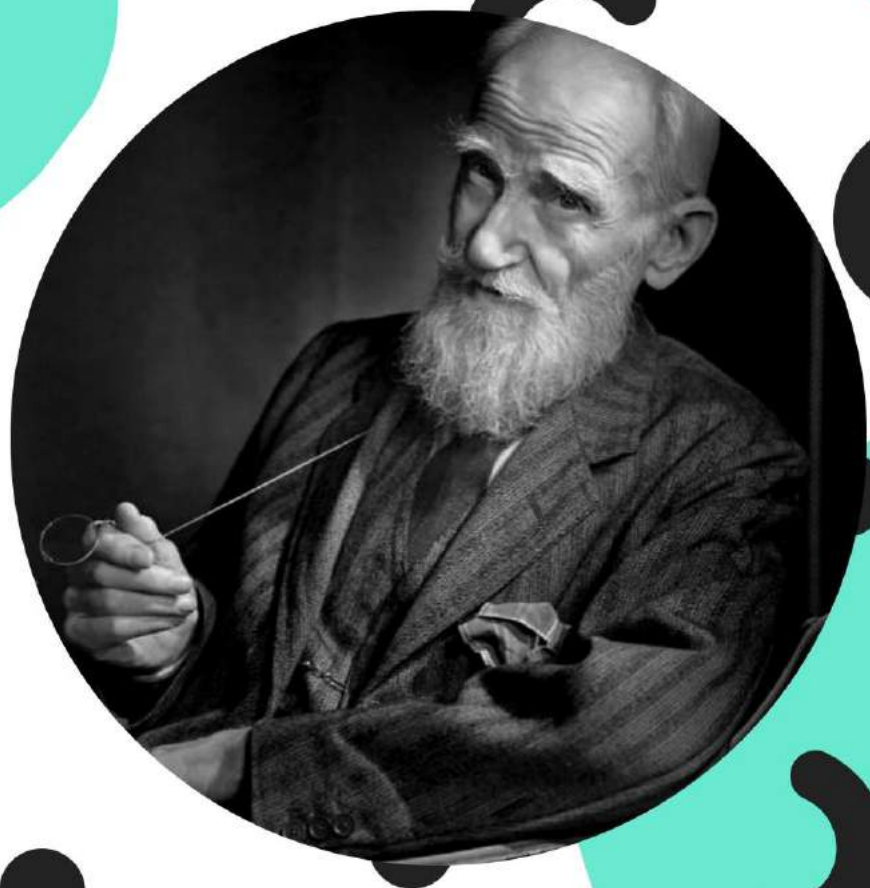
A vida real do ser humano  
consiste em ser feliz,  
principalmente por estar  
sempre na esperança de  
sê-lo muito em breve.





# GEORGE BERNARD SHAW

Nós não paramos de  
brincar porque ficamos  
velhos, nós ficamos  
velhos porque paramos  
de brincar.



CONTOS FANTÁSTICOS

# UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



## *Ele era um Kappa*

**CONTO**

"Era um Kappa. Sua pele era verde, seus braços eram longos e fortes. Era palmípede, suas mãos e pés apresentavam membranas para o auxiliar no nado."

**ANDRÉ V. S. LIMA**

**Conto**

**E**ra um Kappa. Sua pele era verde, seus braços eram longos e fortes. Era palmípede, suas mãos e pés apresentavam membranas para o auxiliar no nado. Era como uma tartaruga, possuía nas costas um casco redondo e resistente que o protegia da maioria das ameaças externas. Era como um pássaro, tinha um bico resistente em mandíbulas poderosas para lhe ajudar em sua alimentação. Ele era um Kappa. Disso sempre soubera.

Viera de longe. Quando filhote fora criado por sua mãe, ou pai, ele não saberia dizer, Kappas não tinham sexo. Viviam em um rio distante, estreito, embaixo de uma pequena ponte. Fora alimentado por este Kappa maior com o sangue e órgãos dos seres que atravessavam a ponte sobre suas cabeças. Eles lhe pareceram muito estranhos à primeira vista. Eram semelhantes aos macacos da floresta ao redor do riacho, porém não possuíam pelos e cobriam sua nudez com curiosas confecções coloridas que ele não compreendia. Eram assustadores e barulhentos.

Bastava ouvir o som de um destes seres caminhando pesadamente sobre a ponte acima, para que o Kappa maior agarrasse o desavisado pelas pernas e o puxasse para dentro do rio. Após alguns minutos com a presa se debatendo inutilmente abaixo da superfície, eles a devoravam às margens do córrego. Às vezes duas de uma vez. Seu progenitor sempre lhe presenteava com as partes mais saborosas e depois, juntos, jogavam os restos nas correntezas.

Porém, nem só de carne ele se alimentava. Algumas vezes, os monstros da superfície atravessavam a sua moradia arrastando e empurrando grandes objetos de madeira com rodas, que continham muitos alimentos saborosos em seu interior, como pepinos, nashis, umes e satonishikis. Destas o pepino era seu predileto. Após afugentar as criaturas, ou após uma breve luta, eles podiam facilmente ficar com o conteúdo daquelas caixas.

Na maioria das vezes, ao serem confrontados, aqueles seres gritavam coisas como “Kappa”, ou “Yokai”. Ele sabia o que a primeira significava, já nascera sabendo. Kappa se referia a ele, algo que comia, dormia, respeitava o seu próximo e a natureza em que vivia, então “Kappa” era algo bom. A segunda palavra ele desconhecia, mas imaginava, pelas expressões e gritos daquelas assustadoras criaturas que fosse algo negativo, algo ruim, assim como eles. Por isso, o filhote resolveu chamá-los de “Yokais”. A cada dia era um novo aprendizado. Ele era um Kappa e se alimentava de Yokais. E assim, ao longe, sobre as florestas ao redor, o pico do Monte Fuji observou seu crescimento.

Quanto mais crescia, mais forte ficava, e mais se questionava. Por qual motivo os Yokais eram tão cruéis? Eram propensos à violência gratuita e constantemente procuravam formas de aumentar a sua capacidade de tirar a vida de seus semelhantes. Eles matavam muito mais do que podiam consumir. Não era raro alguns deles transportarem sozinhos em carroças, quantidades absurdas de peixe, muito mais que o necessário para um Yokai sozinho se alimentar. Quando resolviam se instalar nos

arredores do rio, traziam ferramentas para derrubar árvores e bambus para com eles, construírem suas moradias e abrigos. Eles nunca permaneciam por muito tempo e logo se mudavam novamente, mas mesmo assim, a vida das árvores que derrubaram jamais voltaria. Eles não conviviam em harmonia com a natureza como faziam os Kappas, apenas se aproveitavam dela e exploravam indiscriminadamente seus recursos. Era irracional. O pequeno Kappa não compreendia.

Certo dia, um grupo deles levou o seu protetor embora e o pequenino ficou sozinho naquele mundo tão vasto. Eles eram desonrados. Os Kappas, desde o nascimento, aprendiam com os mais velhos os valores do decoro, cortesia e honra. Eram disciplinados na arte do sumô, para defesa, e da medicina, para cura. Durante as refeições, aprendiam sobre o funcionamento e a função de cada osso e órgão da anatomia Yokai. Eram também muito versados no “Ojigi”, ou seja, a saudação mediante reverência. Desta forma, sempre que alguém lhe dirigia este cumprimento, era o dever do Kappa retribuí-lo. E foi assim que o Kappa maior fora derrotado.

Em certa ocasião a ponte reboou trovejando com passos pesados que se aproximavam cada vez mais. Logo em seguida, uma horda de Yokais raivosos começou a atirar pedras e galhos no rio abaixo para atrair a atenção dos seus moradores. O Kappa maior se adiantou, escalando agilmente a construção de madeira e prostrando-se diante dos intrusos. Cumprimentou-os com os movimentos tradicionais shiko, com as pernas, e chirichozu, com os braços, assumindo por fim a posição de luta shikiri. Era um claro desafio de sumô.

O pequeno Kappa havia sido treinado para estas eventualidades, portanto conhecia seus procedimentos. A ponte funcionaria como um Dohyô, a arena onde se realizaria a luta. O seu protetor enfrentaria os monstros e sempre que derrubasse um para fora dos limites da ponte o pequenino, escondido, se encarregaria de afogá-lo levando-o até o fundo do rio. Assim sendo, o filhote ficou atento, aguardando para desempenhar seu papel. Observou quando um dos Yokais se adiantou e fez a reverência Ojigi. O Kappa maior, em reconhecimento, retribuiu o gesto. Porém logo em seguida, todos os presentes também se adiantaram e, um de cada vez, repetiram o cumprimento. Em nome de sua honra, o Kappa foi obrigado e corresponder a todos.

Acontece que no topo de sua cabeça, entre os cabelos emaranhados, os Kappas apresentam o “sara”, uma cavidade óssea em formato de pires que é a fonte de sua vitalidade. Enquanto os Kappas estiverem longe dos rios e lagos, esta concavidade deve permanecer sempre cheia de água, caso contrário o ser aquático estará condenado a perder as forças e poderes mágicos.

Desta forma, após ser forçado a esvaziar seu “sara” ao se inclinar tantas vezes, o Kappa foi consideravelmente enfraquecido pelos astutos Yokais. Em seguida, todos partiram para cima dele ao mesmo tempo com pedras, bastões e instrumentos de metal afiado nas mãos, não dando ao Kappa maior chance alguma de se defender. O seu filhote observava de dentro do riacho, apavorado, sem saber o que fazer. Não foi uma luta justa.

Após o espancarem quase até a morte, o prenderam em uma rede de pesca e o levaram embora. E assim o pequeno Kappa nunca mais o viu.

Permaneceu naquele lugar alguns dias e orou ao Buda para que seu progenitor voltasse, mas suas preces nunca foram atendidas. Por que eles fizeram aquilo? Por que levaram seu protetor embora? O porquê ele jamais soube, porém sabia agora o quanto os Yokais eram desonrados. Os Yokais eram monstros. Temendo que eles pudessem voltar, resolveu partir para sempre. Com grande pesar, despediu-se da ponte que fora seu lar durante toda a sua breve vida e, seguindo o rio, adentrou na floresta.

Viajava apenas durante a noite, pois era o horário em que os Yokais dormiam. Não temia a escuridão, pois nas noites sem luar os Kodamas, espíritos habitantes das árvores, iluminavam seu caminho. Estes pequenos seres eram capazes de imitar a voz dos Yokais. Com eles, o filhote de Kappa aprendeu algumas palavras de seu vocabulário e que eles na verdade se chamavam “ningen”, ou seja, “humanos”. Aquelas pequenas entidades lhe explicaram que “Yokai” era o termo usado pelos humanos para nomear os seres como os Kodamas, Kappas e muitos outros que também habitavam a natureza e dela extraíam sua magia. Para os “ningen”, os Yokais eram criaturas cruéis que se beneficiavam da morte de seres benevolentes, como os humanos. Ouvir aquilo o revoltou. Para ele, os humanos sempre seriam os “Yokais”. Absorvendo novos conhecimentos, ele prosseguia sua viagem.

Durante o dia se escondia em buracos no chão, em ocos de árvores ou no fundo do rio. Se alimentava principalmente de peixes Ayu e Unagis que apanhava na correnteza. Os Kappas podiam atrair cardumes sempre que estivessem perto de um rio, o que foi de grande utilidade naquele período em que começara a viver sozinho. O pequenino não fazia ideia de que possuía tal habilidade, até que em certa ocasião, durante um período de grande fome, se deparara na floresta com uma Kitsune, uma sábia raposa de várias caudas, que lhe ensinara como o fazer para se alimentar.

Certa vez, exausto pela jornada, um bondoso Tengu, um duende vermelho protetor de crianças perdidas, lhe carregou nos ombros e voando lhe encontrou um novo lar: Um grande lago na província de Shimane, próximo à cidade conhecida como Matsue. Todos estes seres eram muito bondosos. Não podiam ser Yokais. Eles só poderiam ser Kappas, que em sua concepção significava “bom”.

O seu novo lar era bastante amplo e nas redondezas apenas vivia um pobre humano, idoso e solitário. Nenhum sabia da existência do outro até que o velho homem, ou melhor, Yokai, avistou o Kappa nadando às margens da lagoa e, pensando se tratar de uma tartaruga, tentara pesca-lo. Quando os dois pares de olhos se fixaram um no outro, ambos levaram um grande susto.

No dia seguinte, pepinos foram atirados à água. O Kappa mal pôde acreditar. Aquele era seu alimento favorito e já não o comia desde a época em que morava em baixo da ponte de madeira. Ele devorou aqueles frutos com felicidade e ao mesmo tempo, grandes saudades do Kappa que lhe criara. Enquanto comia, não deixou de notar que aqueles pepinos possuíam palavras gravadas em suas cascas. Ele nunca aprendera a

ler aqueles kanjis, porém sua magia natural lhe permitia saber que ali estava escrito, várias vezes, o nome do Yokai que lhe presenteara com aquele alimento, Mifune Akira, e também o pedido de desculpas, gomenasai.

Uma das regras de sua natureza, uma coisa da qual nunca recebera nenhuma lição, mas que simplesmente sabia desde o seu nascimento, era que não poderia jamais matar uma pessoa que lhe presenteasse com pepinos com o seu nome gravado na casca. Ele também acreditava que a sua educação e honra não o permitiriam que atacasse aquele humano após aquele pedido de desculpas, o que para ele era bastante irritante pois isso mesmo assim não impedia aquele humano Yokai de tentar lhe fazer algum mal. Assim, ele permaneceu sempre alerta. Ele não poderia machucar aquele ancião, mas a recíproca não era verdadeira.

Algum tempo depois eles se encontraram novamente. Seus caminhos se cruzaram defronte ao lago, em um afloramento próximo à cabana do Yokai. O idoso buscava pedras para fazer uma pequena construção quando seus olhares se cruzaram e o ambiente ficou tenso. Após alguns segundos de avaliação o homem curvou-se em reverência.

Era isto, pensou ele, o Yokai estava procurando enfraquece-lo para assim, poder lhe atacar, como aqueles monstros fizeram com o seu protetor. Aceitando então o seu destino, o Kappa também se curvou, retribuindo o Ojigi, como ordenava a sua honra. Sentiu a água escorrendo de seu sara e seus poderes se esvaindo, porém, para seu grande espanto, o velho Yokai não lhe fizera nada, apenas sorriera e dera meia volta, em direção à sua cabana, carregando pedras em uma espécie de jinrikisha, um carrinho de madeira de pequeno porte. Ainda surpreso, o Kappa voltou ao lago e lá permaneceu por alguns dias.

Passado mais algum tempo, ele e o velho humano, Mifune-san, que continuava a lhe presentear com pepinos, tornaram-se amigos. O Kappa, que agora se chamava Kawako, que significa “criança do rio” o ajudou muitas vezes, trazendo-lhe peixes e pedras para a sua construção: Um pequeno templo de pedra em sua homenagem, com uma pequena estátua de Kappa.

Várias vezes Kawako, já um Kappa adulto, usou seus conhecimentos de medicina para curar seu amigo até que a morte por fim o venceu. Suas cinzas estão depositadas no Kawako-no-miya, “O templo de Kawako”, onde muitas vezes aparecem pepinos com as palavras “arigatou, Mifune-san” escritas em suas cascas. Afinal de contas, pensava ele, Mifuna-san não era um Yokai. Ele era um Kappa.



**André V. S. Lima** é mestre em Letras pela UNIFESSPA. Apaixonado pelas figurações do Horror e do Fantástico desde a infância, André busca em seus próprios pesadelos e vivências bizarras a inspiração para seus contos. Este professor almeja horrorizar seus leitores assim como seus próprios contos o aterrorizam. E-mail: [andrevslima@gmail.com](mailto:andrevslima@gmail.com)

incentivo à leitura



## *0 percalço*

### **CONTO**

"Janaína contava que desiludida do amor, com o coração partido, abandonara o afeto, no término do expediente da gafeira, naquela madrugada, numa quinta-feira triste de dezembro, véspera de natal..."

**IDICAMPOS**



**Conto**

**O** outro lado da moeda, a existência da mulher, colocada em segundo plano, impunha a sua presença, gritava contra a história patriarcal; exigia pertencimento, na direção dos rumos da sociedade.

Janaína contava que desiludida do amor, com o coração partido, abandonara o afeto, no término do expediente da gafeira, naquela madrugada, numa quinta-feira triste de dezembro, véspera de natal; corria da desilusão: jamais voltaria àquela condição de objeto, merecia ser amada...

Arrastou as pernas, no perímetro da cidade de Duque de Caxias, as lágrimas deslizavam dos olhos. A dor esmagava o espírito da trabalhadora, o semblante denotava um sofrimento crônico, aguçado na perda irreparável.

Remontava os acontecimentos, trazia gravado consigo o beijo acalorado, as juras de amor, a temperatura do corpo dele, a transpiração do gozo sincero... Dobrou a esquina, sentou no bar, chorou copiosamente, bebeu todas; dormindo esquecida na mesa.

A ressaca de amor deu uma trégua, procurou as amizades, registrou ocupação numa livraria; abraçou a sabedoria, desanuviou o raciocínio, encontrou refugio nos textos, ampliou o universo, acendeu a luz no fim do túnel...

Ponderou, procurou a família, reabilitou a relação familiar, conciliou com a mãe, aproximou-se dos irmãos, reinventou o caminho; deixou lá atrás a trajetória confusa. Arregaçou as mangas, enfiou a cara nos livros, terminou o curso de magistério.

Aprendeu alfabetizando adultos, tirando os alunos da ignorância, remodelando as expectativas, conscientizando, humanizando; oferecendo solução às vítimas do descaso.

Inserida na atividade de ensinar, acumulou uma grana, pagou a faculdade, estudou bastante, encerrou o curso de história da arte; conquistou o mestrado, brilhou no doutorado: defendeu, em tese, a identidade do ser contemporâneo...

Prestou concurso, aprovada dentro das vagas oferecidas. Assinou a carteira de trabalho, no cargo de professora de história da arte, numa faculdade pública proeminente.

Deixava o semblante de coitadinha, na memória, renunciava a recordação de cria da favela do lixão, em Duque de Caxias; aplumava o esqueleto, avançava diante das atrocidades, lavava a alma, pulava na classe média.

Segurou a onda, bloqueou o envolvimento sentimental, permaneceu distante dos apelos românticos. Reprimia qualquer investida amorosa, dizia: — Estou fechada pra balanço...

A arte na academia trouxe alento, passou a pintar quadros, desenvolveu uma plasticidade com um colorido quente, injetando nas artes plásticas os meandros do encontro da vida com a morte...

Convidada a participar de uma coletiva no Museu de Belas Artes, ganhou notoriedade; a visibilidade referendou a autoestima, entretanto, nada preenchia aquele coração vazio.

O estilo individual, o traço leve, o tema universal, levaram a artista a compor exposições, nas galerias mais cobiçadas do planeta, destacando-a como uma das personalidades eminentes da arte contemporânea.

O talento da artista plástica trazia a carga das experiências da lida, na Favela do Lixão, traduzia o âmagô sofrido do lixo, o cheiro do chorume grudado nas entranhas; uma produção distante do comportamento pequeno burguês, dos salões de arte.

Venceu um concurso internacional de vanguarda, conduzir-se-ia num estilo individual singular, respondia às aspirações da época... Pintava uma nova tendência, na história da arte.

O prêmio constara de passagens de avião, estadia, traslado; além de uma exposição individual no Louvre.

No Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, a mídia europeia cobria a presença da artista, na Europa. Janaína, desajeitada, driblava a timidez, na coletiva de imprensa.

A exposição transcorreu dentro do previsto (muita bajulação), todavia poucos coçaram o bolso, a crise da pandemia havia afetado o mercado de arte.

Na imensidão do Museu do Louvre, na França — a veia artística de Janaína estufava — a artista brasileira, encantada, visitava a coleção do museu. Onde esbarrava nas contradições da sociedade europeia... Reagiu perplexa, na estética fria, das linhas precisas do Classicismo grego.

A sensibilidade da professora arrepiou com a genialidade do quadro: Gioconda, de Leonardo da Vinci, dependurado nas dependências do Louvre.

Visitou Roma, compareceu ao Museu do Vaticano, estalou a face com a Capela Cistina; deslumbrou-se com a delicadeza de Michelangelo, mas questionou a luxúria, o tropeço da filosofia cristã, nos limites do Estado católico.

Ainda na Itália, viu Verona, adentrou na casa de Julieta (alusão fictícia a “Romeu e Julieta”, romance de William Shakespeare). Tocou o seio direito da estátua de Julieta, no jardim; segundo a lenda, garantiria sorte no amor. Suspirou fundo, colando no paredão, da locação, espremido na imensidão das mensagens apaixonadas, um bilhete sem endereço.

Em Nápoles, no sul da Itália, atravessou de lancha, atingiu a ilha de Capri, viajou de teleférico ao topo da ilha, visualizando a delicadeza da natureza...

Na sequência, causou surpresa o sítio arqueológico da cidade de Pompeia — perto da costa do Golfo de Nápoles — com suas múmias vulcânicas, consequência da erupção do vulcão Vesúvio.

O intercâmbio apresentou-lhe Florença, o berço do Renascimento artístico; ficou deslumbrada com a biografia de Leonardo Da Vinci, imortalizado como mestre, no século XVI.

A ausência de amor, em Veneza, cercou o coração de Janaína, no passeio solitário de gôndola, nos canais da cidade de São Marcos...

Aproveitou a estadia, degustou uma boa massa, resistiu ao preconceito italiano com o povo brasileiro. Encerrou os compromissos, transitou os pertences na apresentação do passaporte... Sentou na cadeira do meio, no jato, viajando apertada para o Brasil.

Saiu, sorrateiramente, da aeronave, no Galeão, condicionando em si, o emocional da mulher carioca... Trazia na bagagem, em meio às malas, suas obras de arte.

Tropeçou nos degraus, na descida do avião... Precipitando-se, desengonçada, escada a baixo, quebrando a cabeça, contraindo traumatismo craniano; mesmo socorrida, chegou morta ao hospital, deixando o legado da vida, para ingressar na imortalidade, através da arte...



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

incentivo à leitura



## Dois nomes

### CONTO

"Ainda me conhecem por Juliana. Não é um nome revelado pela certidão de nascimento ou de batismo; ele nasceu no prostíbulo. Foi onde Júlio me encontrou.

Minha história começa, mesmo, muito antes disso, quando meu nome era Joana e eu tinha outra vida. Fiquei órfã de pai e mãe ainda adolescente."

**IRACI JOSÉ MARIN**

## Conto

---

**A**inda me conhecem por Juliana. Não é um nome revelado pela certidão de nascimento ou de batismo; ele nasceu no prostíbulo. Foi onde Júlio me encontrou.

Minha história começa, mesmo, muito antes disso, quando meu nome era Joana e eu tinha outra vida. Fiquei órfã de pai e mãe ainda adolescente.

Fiquei órfã e ninguém quis ficar comigo, era bonita demais. Ser bonita era um problema: os pretendentes não sossegavam a vida de quem tomasse conta de mim. Uma tia solteirona até tentou, mas desistiu antes de findar o primeiro mês. Daí fui parar na casa dos padrinhos de batismo, que – diziam – são os segundos pais. Era coisa que eu não sabia se era verdade, mas diziam. Estes também tiveram dificuldades comigo. Comigo mesmo, não. Com os meus pretendentes. Eles atormentavam a vida de meus padrinhos. Não conseguiram manter o cerco, ou a cerca.

Fui levada para um colégio de freiras. Fugi na segunda noite. Não era vida para quem tinha a existência como sua própria morada. Mas precisava morar em algum lugar, onde pudesse dormir, comer, fazer o que fosse para sobreviver. Perambulei por pedregulhos e não consegui me livrar nem de mim. É que eu fugia de lugares hostis e não sabia que ia encontrar outros lugares igualmente hostis. Depois eu vi. Cheguei a uma cidade nova e logo minha beleza encantou um qualquer. Me cercou, me bajulou, me convenceu, e foi o meu primeiro passo.

Mas não concordou que eu ficasse com ele. Alegou que teria problemas com os pais. Foi generoso, no entanto. Indicou um endereço e eu fui, fazendo perguntas pra chegar lá e recebendo propostas indecorosas como resposta. Afinal cheguei e, sem saber, me aprisionei. Até a chegada de Júlio.

Senti que o meu rapto abria caminho para a liberdade. Meu sentimento e minha esperança eram de que ele estava me levando para a salvação.

Fiquei tempo sob o braço forte de Júlio. No começo, não percebi. Só mais tarde. O braço forte de Júlio foi minha dor.

O abraço dele não aflagava, seus beijos doíam como uma mordida. Era impulsivo. Me fazia ler trechos de romances ou contos eróticos – naquele tempo não existia nem videocassete – para se excitar. Então arrancava minhas roupas brutalmente e me amassava na cama. Com o tempo, pra não ter as roupas rasgadas e sair arranhada, ficava seminua. Ele ficava terrivelmente excitado. Eu não sabia o que era melhor ou pior fazer. Então me aquietava. Aprendi logo que não devia reclamar. Não podia, na verdade.

Sáíamos pouco. Ele me disse, um dia, que tinha poucos amigos, e nem queria promover aproximação de ninguém. “Melhor é cada um ficar na sua concha”, falou certa vez. Achei até engraçada a expressão, mas claro que não gostei do que aquilo significava. Sáíamos pouco, eu disse. Uma destas saídas foi para uma festa de aniversário. Cumprimentos amigáveis, prazer-prazer... Logo um cara olhou pra mim e sorriu. Não pude sorrir, mas fixei-me nele. Júlio puxou-me pelo braço e fomos sentar. Aquele cara... ele me conhece? Eu o conheço? Fiquei nesta perturbação algum tempo, ensimesmada; Júlio não permitia que eu me distanciasse dele.

A festa começou e acabou igual pra mim: sentada ao seu lado, bebendo suco, comendo alguma coisa e acompanhando o movimento e a algazarra dos outros. Ficamos pouco tempo, ainda bem.

Mais tarde, em casa, lembrei-me: era Vicente, um frequentador do prostíbulo. Quando lá ele ia, era a mim que ele queria. Deslizava carinhosamente em meu corpo e enchia o encontro com palavras leves. Não sei dizer se eu pensava que um homem assim poderia me fazer feliz. Eu então não pensava a vida em outra dimensão. Meu destino era entregar-me sem resistência.

Júlio me tirou de lá e as pessoas ao nosso redor consideravam que éramos um casal que vivia entre amenidades. Nossos nomes já davam a entender que era assim - Júlio e Juliana.

Eu não estava apaixonada por ele; não via nem sentia que ele estivesse apaixonado por mim. A verdade mesmo é que éramos duas pessoas numa mesma casa, convivendo numa relação desigual. Um dia comentei esta percepção de nossas vidas. Ele olhou-me com severidade, depois riu, virou-me as costas com desdém, avançou uns passos até a porta, daí voltou-se: “Você é minha, só minha, sempre minha. Só isto importa“. E foi embora. Eu não tinha como sair; sem chave, nem podia fugir. E fugir pra onde? Para o prostíbulo? Não, já não tinha o mesmo calor e a inocência de quando lá cheguei. Não podia, absolutamente, pular do quinto andar. Nada podia fazer nada. Não tinha telefone fixo, não existia celular ou internet. Estava isolada. Presa.

Começava a sentir o peso do calvário. Não conhecia esta palavra, naquele tempo. Mas era mesmo um certo calvário que eu vivia. Não podia reclamar, não conseguia me impor; acho que era por causa de meu temperamento. E do dele, que era colérico. Ficava extremamente irritado comigo, por qualquer coisa.

“Vamos a uma festa no próximo sábado”, falou logo ao chegar do serviço. Acho que estremei. De novo, aquela coisa de ficar sentada o tempo todo, grudada nele, no sofá. “Eu não tenho roupa adequada”, aleguei. “Bota aquele vestido longo escuro, é quase novo. Vamos e pronto.” Ele batera em mim se eu contestasse, como já tinha acontecido. Eu nem me lembrei de falar disso antes. Sim, ele me batia, principalmente quando seu tesão não tinha a minha correspondência. Ficava com manchas pelo corpo, às vezes sangrava.

Fomos à festa.

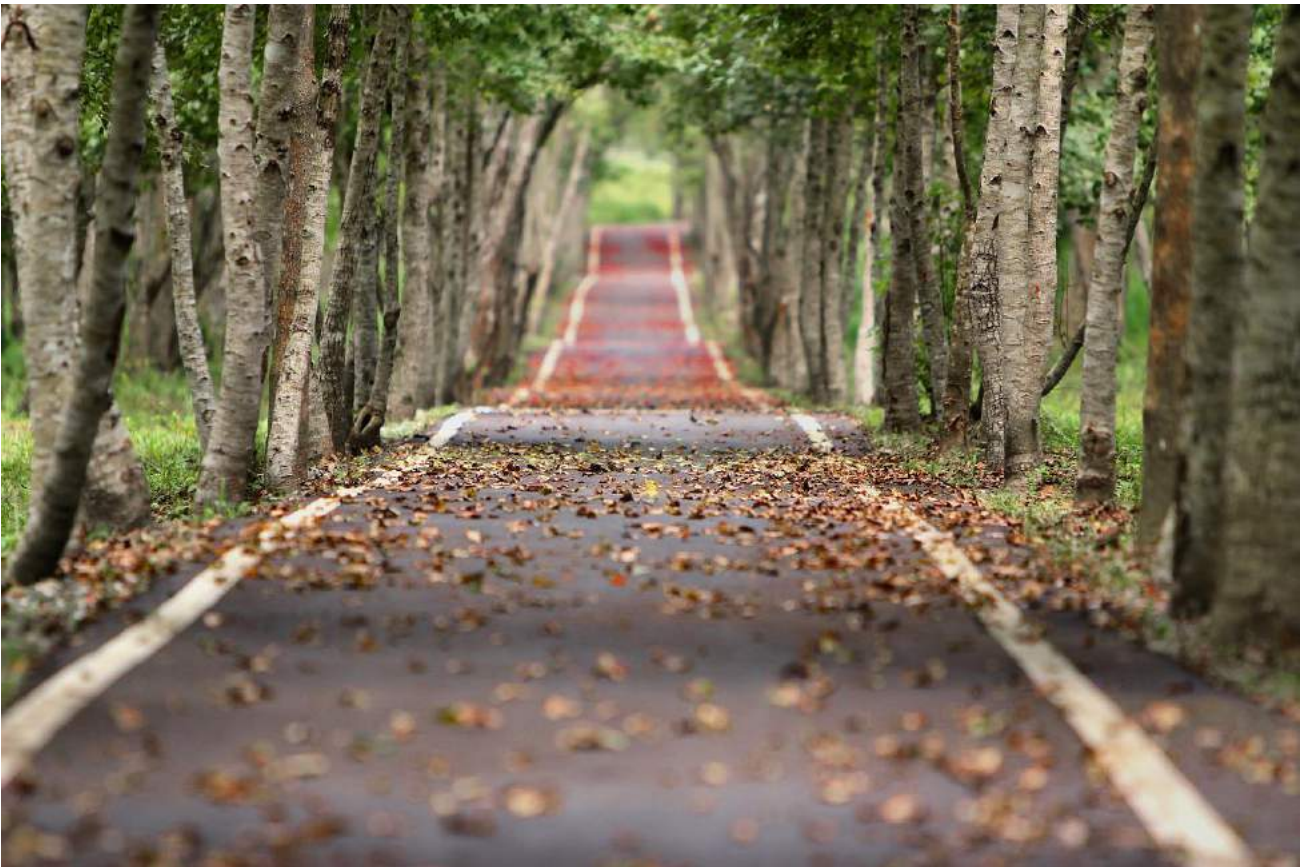
Chegamos ao local e ele segurava firme a minha mão. Percebi que controlava o meu olhar. Se eu o desviasse pra algo que fosse suspeito pra ele, apertava-a com força. Era um sinal. Ali mesmo poderia fazer qualquer escândalo, como bater em meu rosto e ordenar: “Comporte-se”.

Logo cruzei o olhar com Vicente. Meu coração pulsou forte, com intensa alegria. Acho que tremi, pois Júlio apertou forte a minha mão e me olhou de modo ameaçador.

De novo, sentamos num sofá e ficamos olhando as gentes se saudando, se abraçando, comemorando. Num momento, Vicente passou por nós e me olhou furtivamente. Júlio estava de cabeça baixa, procurando um salgadinho no prato, e não viu. Eu falei: “Vou até o banheiro”. De boca cheia, falou: “Espera”. Engoliu a iguaria e disse: “Vou te acompanhar”. Quando entrei no reservado feminino, ele entrou no masculino –

isto eu percebi depois. Mas eu não queria o banheiro, queria Vicente. Saí com temor, espireitei o corredor e não vi Vicente. Nem Júlio. Então corri em direção à saída, quando ouvi: “Juliana”. Parei. Não lembro se corei intensamente ou fiquei lívida. Virei-me. Era Vicente. “Me leva com você”, eu disse, mal contendo a ansiedade e o medo.

Ele me levou e eu voltei a ser Joana.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou contos em diversas revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)

incentivo à leitura



## *Em nome da favorita*

**CONTO**

"Era Dia das Mães. Estava nublado, ventando gelado fazendo daquele um dia triste, o que contrastava com a beleza comemorativa da data."

**LUIZ DE SAOVAGÃO**



## Conto

**E**ra Dia das Mães. Estava nublado, ventando gelado fazendo daquele um dia triste, o que contrastava com a beleza comemorativa da data. Grazi pegou o carro e foi visitar sua mãe, dona Stela Maria, mesmo sabendo que não seria bem recebida pela matriarca dos Conegundes de Alcântara. Na mansão da família que mais parecia um mausoléu, entregou o presente que havia comprado. Simplesmente, ele fora relegado, sem ser aberto, sobre a mesinha ao lado da poltrona preferida dela. A matriarca, sem se levantar, agradeceu por mera obrigação, não se vendo obrigada a abraçar a filha.

Grazi sentiu o duro golpe, sabia dos riscos de antemão, mas não demonstrou fraqueza perante a frieza da mãe. De momento, apenas engoliu o choro; se chorasse, o faria mais tarde na solidão do seu apartamento no centro da cidade.

Desestimulada, Grazi não começou uma discussão, optou em dar um tchau seco, virando-se para a saída. Sabia que nada poderia fazer para melhorar o humor materno enterrado nos recônditos sombrios daquela propriedade ostentadora de arrogância devido ao tradicional nome de família. A atitude da mãe a estimulava a nunca mais a visitá-la. Quem sabe assim, perceberia que tinha outra filha além de sua irmã gêmea, internada numa colônia psiquiátrica penal. Que a vida continua apesar dos pesares. Pararia de compará-la a Greice, pois sempre odiara desde criança ser qualificada como inferior em todos os aspectos. Elas: Grazi e Greice — somente eram idêntica quanto à aparência física, o conteúdo do caráter delas se distinguia como a água e o óleo que não se misturam.

— Espere, filha...

A voz se apresentou em um timbre tímido, o que causou estranheza em Grazi. Foi mais que suficiente para frear o corpo, fazendo-a voltar-se para Stella. Não se iludiu com aquele momento de fraqueza inédito. Encarou a famigerada matrona, talvez envergonhada, pois os olhos dela estavam grudados no chão. Reparou que Stella usava uma estranha peruca, a qual deixava sua cabeça com o formato de ovo de páscoa, cuja franja bisonha escondiam as sombrancelhas delineadas. Apesar do parentesco próximo, não tinha intimidade para perguntar o por quê daquele extravagante adereço. Conhecia bem a mãe orgulhosa, sabia que era preferível ter algum membro amputado a ter que pedir qualquer favor a alguém. Favores eram sinônimos degradante de submissão agora ou futura.

— Sim — respondeu Grazi, esperando uma facada sem lâmina no coração.

— ... desculpas, não queria que fosse assim entre nós. Obrigado pelo presente. — Stella grunhiu como todo demônio subalterno faz ao receber ordens absurdas vindas de patentes superiores no inferno. Manteve os olhos abaixados, talvez para pronunciar uma palavra de baixo calão.

— Não tem de quê. Mas a senhora nem o abriu. Poderia ao menos fazer como nos anos anteriores, fingindo que se importa. O que esperar de você, nem de filha a senhora me chama?

— Uma verdade doída é melhor que qualquer mentira sutil.

Stella sorriu amargo, retribuindo o golpe. Por um instante, reparou o presente ao seu lado, não tinha vontade de abri-lo, enquanto Grazi pousava seus olhos sobre ela.

— Preciso de um favor.

— E o que seria dona Stella? Qual é o seu desejo supremo?

— Se realmente quer me presentear, leve-me até sua irmã. Ela está sentindo nossa falta.

— Talvez a sua, não a minha. Da última vez, ela tentou me agredir. O pior só não aconteceu, porque os enfermeiros agiram rápido.

— Não seja rancorosa. Ela teve um pico de estresse e surtou.

— Simples assim, né?

— Isso é passado. Conversei com o doutor Ayrão por telefone, que disse que todo apoio familiar se fará necessário para a reabilitação dela.

— Sei...

Grazi fez uma longa pausa, avaliando os prós e os contras. Quando pensou em dizer não, foi atropelado pela maldade de Stella.

— De nada adianta você ir à igreja rezar, se não pratica a verdadeira caridade para com a sua irmã. Ela é sangue do seu sangue. Deus se envergonha com pessoas hipócritas como você.

— Ele sente mais vergonha pelo que sua outra filha fez. Ela jogou o bom nome dos Conegundes de Alcântara na lama. E mais vergonha ainda, quando uma mãe pretere uma filha em relação à outra.

— Cale-se! Se não quer ir, basta dizer um simples não. Aproveite e vá embora de nossas vidas, víbora.

Stella sem explodir, mantendo a postura da rainha da Inglaterra, enrijeceu o braço, expondo o dedo indicador em riste rumo à porta. E continuou:

— Covarde, fuja de nossas vidas. Fuja em quanto há tempo. Eu lhe libero de quaisquer compromissos com essa família que tanto você se envergonha.

— Sou melhor que isso. A senhora não me abala mais.

— Por veras, pela fortuna que paguei de psicólogos durante sua infância, em algum momento o tratamento surtiria efeito. Pena que não foi o bastante. Você é tão fraca quanto o simplório do seu pai.

— Não ouse desrespeitar a memória dele.

— Nem preciso. A bibliografia fracassada dele fala por si só. Ele falhou em todos os campos onde se aventurou. O tolo sempre trocou os pés pelas mãos. Falhou como empresário, marido, pai, amante daquelas vagabundas...

— Elas vendiam somente os seus corpos. Pior é a senhora que vendeu sua dignidade.

— Louca, nunca me compare a tais mulheres sem gabarito.

— A senhora é como um passarinho que prefere ficar dentro de uma gaiola dourada a ter que bater as próprias asas. Casou-se com ele, por conveniência, porque tinha a dolorosa obrigação de salvar sua tradicionalíssima família bicentenária da bancarrota e da sarjeta.

— Por favor, não fale o que não sabe. Não incorra de cometer o mesmo erro que seu pai alcoólatra.

— Bebia, sim. Era para esquecer o seu azedume cínico que fede.

— Ele sempre foi um fraco de caráter.

— Basta! Essa sessão de tortura gratuita não está acontecendo à toa? Chama-me de víbora, porém são suas palavras que insistem em ser venenosas. O que realmente, quer de mim?

— Eu já lhe disse. Vamos visitar sua irmã.

— Pois bem, — Grazi engoliu seco, mordendo os lábios, — vou mostrar que sou superior. E mostrar que já superei o fato de ser rejeitada por anos. — Virou as costas, cuspidando as palavras mais ásperas que brotaram do coração. Nunca pensou dizer aquilo em toda sua vida. — Apronte-se! Estarei no carro lhe esperando. Se dentro de meia hora a senhora não estiver lá, irei embora para sempre de suas vidas.

A viagem consumiu três horas de rodovia. Nada foi dito entre elas. Se fosse Greice dirigindo, Stella faria questão de ir ao lado dela, trocando boas anedotas indecorosas e outras confidências inescrupulosas. O interior do veículo tornou-se um sepulcro de rancores mal resolvidos, putrefazendo os frágeis laços de famílias. Às vezes, por teimosia, Grazi tirava os olhos da estrada para espiar o retrovisor interno para verificar a passageira no banco traseiro. Via uma Stela a admirar a paisagem faceira se tornar um borrão ficando para trás, com um semblante sereno. Sabia que transportava somente o corpo da mãe, acariciando no colo o presentinho que seria dado à favorita, pois alma dela estava longe. Talvez vislumbrando o encontro maravilhoso com Greice. Teve um momento, em que ambos os olhares se encontraram e Stella maldosamente soltou um sorriso lívido, então Grazi decidiu que era passado da hora de cessar a autoflagelação de sua alma e se concentrar na direção.

Grazi parou no estacionamento da instituição, sua alma estava sobrecarregada. Quando estava prestes a saltar para fazer aquela via *crucis*, foi interrompida pela última surpresa de Stella.

— Vou ficar aqui no carro, — informou ela, indiferente ao estender o pacote que segurava, — você entra e entrega meu presente para Greice.

— A senhora deveria entrar, afinal a ideia foi sua.

— Você não é mãe. E não sabe como isso é doloroso para mim.

— Ver sua favorita nessa situação?

— Essa discussão não nos acrescentará em nada. Agora, tome. Lembre-se, que está aqui para fazer caridade.

Grazi desistiu de guerrear, evitando destrinchar mais vísceras. A contragosto pegou o presente que tinha algo chacoalhando de um lado para o outro dentro da caixa. Ficou curiosa, mas evitou perguntas. Preferiu apenas deixar Stella sozinha com o seu egoísmo.

Sumiu dentro da instituição. Era sua primeira naquela casa de loucos. Na outra instituição em que sua irmã fora hóspede parecia uma masmorra medieval, onde os pesadelos mais tenebrosos saltavam aos gritos para a realidade, capaz de perturbar o mais são dos santos. Os relatos aberrados se confirmavam fartamente quando via homens e mulheres sendo amontoados como indigentes. Não aptos para a sociedade convencional que mantê-lo afastados, era o mesmo que jogara sujeira sob o tapete. Onde a loucura transformava pessoas em zumbis, fazendo-os vagar como espíritos sem ânimo sobre a

Terra. Mas, ali, espantou-se por encontrar um ambiente salutar e pacientes sendo tratados como gente de verdade, o que poderia auxiliar numa reabilitação próxima.

Uma enfermeira a conduziu até a porta do quarto 25. Entrou sem bater, empurrando a porta com cautela. Viu a irmã de costas, sentada numa cadeira. Numa mão segurava um espelho com cabo, enquanto a outra mão penteava seus cabelos vermelhos. O cabelo que outrora cobria metade das costas dela foram cortados na altura dos ombros. Estranhou ver Greice com aquele visual, para ela era novidade ver que a irmã havia mudado tão radicalmente a aparência.

“*Será que é por isso que Stella não quis entrar?*”; perguntou-se Grazi. “*Será que ela não suportaria ver sua favorita caída e emergir como uma ovelha negra?*”.

A mãe tão gabarola, orgulhava-se do seu anjo loiro. E, Greice nunca escondeu de ninguém que adorava ser uma loira fatal e enredar os homens ao seu bel-prazer em suas teias. Uma das razões para qual Grazi, há anos, adotara a tonalidade rubra em suas madeixas e o corte mais curto, era para evitar a inevitável comparação materna e adquirir uma individualidade própria.

— Olá! — disse Grazi.

Greice ajustou a posição do espelho, fazendo-o como um retrovisor. Viu a recém-chegada e escancarou um sorriso eufórico. E, no instante seguinte, jogou o que tinha nas mãos sobre a cama, saltou sobre a irmã, dando-lhe um abraço caloroso. Grazi se surpreendeu com a recepionalidade, o que a deixou sem reação para tanto afeto. Recebeu um beijo barulhento na face.

— Você está ótima, mana. Que saudade, a quanto tempo?! Ficou mais bonita, se mudou foi para melhor.

— Obrigada — respondeu Grazi, constrangida.

— Vendo assim, parece que ficou mais nova. Sua pele está radiante. E esse perfume de jasmim é ótimo.

— Obrigada...

— Disponha. Você deve estar amando muito. Só os amantes são capazes de exalar pureza e luz. Diga-me: Como está o Jamil? Aquele mulato fantástico com quem você namora?

— Creio que bem. Nós terminamos a quase dois anos. Tudo que sei é que se formou ano passado, e foi trabalhar numa siderúrgica em Volta Redonda/RJ como engenheiro de processos.

— É uma pena que tenham terminado.

— Estávamos em momentos diferentes dentro da relação.

— Jamil é um guerreiro de fibra. Além de fazerem um belo par, os dois seriam imbatíveis. Quem sabe não tem volta?

— É...

Greice mudou o tom de voz, como se cochichasse um segredo.

— Que mamãe não me ouça. Eu sempre simpatizei com ele.

— Vai dizer que torcia por nós? Bah! Duvido muito.

— Acredite. Agora que não sofro sob o julgo de mamãe minhas ideias estão chegando no lugar. Percebo que cometi muitos erros. Um deles foi não apoiar vocês quando mais precisavam. Hoje, estou disposta a pagar todos, não me importo quanto

tempo ficarei aqui. Mas quando sair, saio de cabeça erguida não devendo nada para ninguém.

Greice recuou dois passos, lembrando-se das regras de etiqueta. Deu um leve tapa na testa, convidando-a irmã a puxar uma cadeira. Disse que aquilo era reflexo de sua falta de hábito em receber as poucas visitas que lhe eram permitidas.

Sentaram-se. Grazi na cadeira e Greice na cama. Grazi havia pensado que o ambiente seria hostil como um campo minado e qualquer diálogo seria impossível. Percebeu que havia feito um prejulgamento, agora, além da mudança estética, conseguia ver pingo de luz no fim túnel. Animou-se com a melhora de comportamento dela, mas tinha algumas ressalvas. Sabia que a outra carregava traços de dissimulação na alma. Olhou Greice com as mãos comprimindo os joelhos e fixando o olhar arguto no embrulho que Grazi segurava. A reclusa estava quase engasgando ao querer perguntar algo sobre o que lhe afligia.

— E mamãe? Por que ela não veio hoje?

— Ela está no carro. Não teve coragem de entrar para vê-la.

— Queria abraçá-la. Se não me falha a memória hoje é dia das Mães.

—

— Aposto contigo, que ela queria mais esse abraço que você.

— Tolinha, não precisa ter ciúmes. Ela é mulher suficiente para ser mãe para nós duas.

— Sei...

— Às vezes o excesso de amor dela sufoca mesmo. É o jeito estranho dela dizer que nos ama.

— Bem esquisito. — Grazi concordou com amargura.

Percebeu que Greice estava fissurada com o pacote em seu colo. Aquilo intrigava ambas. No entanto, mais ela. Queria saber o que Stella havia mandado dessa vez para irmã, pois no último aniversário não ganhou nenhum cartão para felicitar a data. Enquanto a favorita ganhou um pesado casaco vermelho que era um semi sobretudo com pelúcia interna. O qual Greice estava usando naquele momento.

— Toma, Stella mandou para você.

Greice tomou-o para si. Abriu-o com a sutileza de quem faz origami, respeitando as convenções da mãe, que abominava quem arrebenta laços ou estraçalha papéis de presente. Grazi estava aflita para descobrir o que a irmã ganhara dessa vez. A alegria da presenteada era genuína equiparando-se a de uma criança com olhos vidrados esperando o desejado presente de Natal. Ela retirou uma garrafa rústica como aquelas que Stella fazia questão de guardar seus incomensuráveis licores finos a sete chaves. Junto à garrafa um bilhete de frase singela que feriu Grazi de forma pungente:

— Com amor, mamãe — leu Greice.

Grazi deu um sorriso amarelado de constrangimento. Não queria ser estraga prazeres e destruir uma das poucas alegrias de Greice nos últimos tempos. Mas, procurou ser delicada ao dizer uma dura verdade:

— Você não pode beber. Lembre-se que está tomando remédios fortíssimos.

Greice riu antes de informar.

— Que nada! Isso não é alcoólico. É a limonada suíça que mamãe havia me prometido. — Destampou a garrafa e cheirou a bebida, seu rosto ficou mais leve com o aroma invadindo suas narinas. — Essa é minha bebida predileta.

— Pensei que tivesse o mesmo gosto por champagne como Stella?

— Isso é passado. Agora estou tentando ser mais saudável tanto física e espiritualmente. — Voltou a cheirar a bebida antes de enumerar os ingredientes. — Limão siciliano, açúcar mascavo, água de coco e leite condensado. Que delícia! Toma, cheira um pouquinho.

Greice evasivamente quase introduziu a boca da garrafa dentro do nariz de Grazi, que se esquivou. Pediu desculpas, dando um cálido sorriso. Grazi aceitou-as, aproximando-se da garrafa. Cheirou e adorou.

— Não falei que era bom?

— Sim. Parece ótimo.

— Claro que sim. Foi a Maria, nossa cozinheira quem fez.

— Maria? — lembrou-se da gentil senhora de sessenta e tantos anos que era empregada da família há décadas.

— Mamãe não sabe fritar um ovo, o que dirá prepara uma preciosidade dessa. Mamãe sempre foi dondoca.

— Verdade. Stella só entra na cozinha para dar ordens aos criados.

— Entra num pé e sai no outro.

As duas encaixaram uma risada contagiante e a reciprocidade era um poderoso remédio capaz de curar as feridas pretéritas. Grazi teve a sensação que poderia voltar a confiar na irmã, que de alguma forma procurava se firmar longe da sombra do julgo de Stella. E quando Greice saísse daquele inferno vigiado, estaria lá fora para apoiá-la.

— Vamos, brinde comigo.

— Certo.

— Não tenho copos e nem taças aqui. Se não se importar, tenho duas canecas de alumínio sobre a pia do banheiro. Você pegaria para a gente?

Grazi anuiu, meneando a cabeça. Entrou no banheiro que era cubículo. Uma das canecas estava suja, manchada com café com leite ressecado. Lavou-as e secou-as. Ao retornar, passou uma delas para Greice que encheu-as prontamente.

— Então, o que especificamente vamos brindar? Dias melhores?

— Também. Mas, não esqueçamos de uma nova vida repleta de sabedoria para enfrentar os obstáculos diários. E, a nossa família que voltará a ser unida e forte de novo. Um brinde a tudo de bom e positivo que estar por vir.

— Que assim seja!

Estalaram as canecas, produzindo um baque seco ao contrário do tradicional tilintar.

Grazi cerrou os olhos, virando a bebida na boca, com gosto, consumindo dois terços. Entretanto, ela não percebeu que após o brinde, Greice invés de beber, jogou a bebida por sobre o ombro dela. Ao abrir os olhos, sua expressão facial tornou-se mais lívida como se houvesse bebido o néctar dos deuses. Sorriu para a irmã, que lhe retribuía com cordialidade dissimulada. Reparou o esfriamento da amistosidade no olhar de

Greice, a mesma lançou-se deliberadamente no abismo das vaidades. E, quando fosse catapultado das profundezas para a vida seria um monstro vil como fora no passado trazendo a infelicidade e a desgraça de quem lhe cruza o caminho.

Esfregou os olhos para conferir se aquela expressão era real, ou coisa de sua cabeça. Sentiu uma ligeira tontura, mas conseguiu manter-se de pé. Por um segundo ou dois, viu Greice se multiplicar na sua frente. Balançou a cabeça e viu apenas uma Greice — como havia de ser. Sorriu. E, Greice moldou um sorriso sarcástico. Não entendeu o por quê. Sua mão ficou frouxa, deixando cair a caneca e sujar o seu tênis. A visão ficou turva. Tudo começou a girar como se estivesse sido jogada dentro de um liquidificador. De repente um manto negro a engoliu.

\*\*\*

Horas mais tarde, Grazi acordou. Abriu os olhos com dificuldade, a claridade lhe incomodava, causando uma leve dor de cabeça. Sentia-se debilitada como se tivesse sido atropelada por um trem. Estava deitada numa cama, então lembrou-se que não havia ido para seu apartamento. Portanto, aquela cama não era sua. Tentou se levantar e teve outra surpresa cruel. Percebeu que seus tornozelos e pulsos estavam amarrados à cama. Tentou gritar, mas sua voz não saiu. Pois, sua boca estava amordaçada com o que parecia ser uma fronha torcida. Entrou em pânico, debatendo-se como peixe em terra seca. De nada adiantou, as amarras eram fortes demais, ofegava próximo à exaustão.

— Calma, minha querida, — disse Stella em tom sinistro. Grazi virou a cabeça na direção da progenitora. E, ela continuou: — Estou aqui e tudo ficará bem.

Grazi se debatia tentando livrar-se. O olhar esbugalhado denotava uma ira desmedida contra aquela ação torpe em que fora submetida. Stella se levantou da cadeira, destilando todo o seu orgulho venenoso a contemplar a filha imobilizada e desesperada a soltar murmúros revoltosos. De certa forma aquela visão perversa lhe trazia um prazer reconfortante.

— Pensei que você não acordaria hoje. Já estava impaciente para lhe dizer adeus. Mas como sou uma lady, tenho de cumprir todos os protocolos de etiqueta. Calma, querida, não precisa se agitar desse jeito. Essa será sua nova morada, vou sepultá-la aqui. É melhor já ir se acostumando, isso é fato consumado.

Stella riu e passou um lenço de seda nos cantos dos lábios como se limpasse o veneno que escorria.

— Assim poderei com Greice pelos bons anos que me faltam. Somente nós duas. Seremos felizes como merecemos ser, sem a intromissão de ninguém. Quanto a você, sua rebelde, eles vão lhe entupir de medicamentos, os quais roubará sua sanidade e outros traços negativos de personalidade que ostenta. Com o tempo, será reduzida à condição de um fantasma indigente. Não sabendo de onde veio, ou para onde vai. Mas, não se preocupe como havia dito sou uma lady caridosa, vou deixá-la em boa situação. Greice e eu desembolsaremos uma considerável fortuna mensal para mantê-la aqui, com todo conforto do mundo. Espero que goste, pois planejamos tudo com amor.

Grazi se agitou mais ainda, tentando revidar aos murmúros todas as ofensas sofridas.

— Acalme-se. Você terá todo o tempo do mundo para refletir suas atitudes como filha má. Se faça isso é por amor. — Fez uma pausa para enfatizar um sentimento que somente conhecia de nome e nunca praticara na verdadeira acepção da palavra. — É por amor a você e principalmente por Greice. E, por amor, escondi das duas que descobri pelos exames de rotina que tenho um câncer de mama. Antes que a doença me estrague, eu fiz isso — Retirou a peruca, deixando a careca reluzente à mostra por alguns segundos.— Viu o que fui obrigada a fazer? Queria que você pudesse ver sua cara de espanto agora? Estava certa quanto ao seu respeito, não é capaz de aguentar uma notícia traumática com a devida compostura.

Ajeitou-a e continuou o monólogo.

— Mais saiba que terei o apoio de Greice. Vou me tratar e vencer essa batalha contra esse parasita maligno dentro do meu corpo. — Levou a mão ao seio direito como se quisesse arrancá-lo como estava extirpando Grazi de sua vida. — Se tivesse lhe contado, com certeza, teria me dado às costas como fez tantas outras vezes para retornar para sua vida promíscua. Greice será meu arrimo, minha força, minha fé. Quando lhe contar, não tenha dúvida que ela abraçará minha causa como dela fosse. Venceremos e ainda viveremos felizes por muitos anos.

Grazi queria ter a boca desobstruída para chamá-la de louca perversa e desaguar todas as verdades do seu coração que Stella necessitava ouvir. Era Stella que deveria fazer companhia a Greice naquela instituição.

Novamente a porta se abriu. Greice entrou acompanhada pelo dr. Ayrão. O médico cumprimentou Stella com uma reverência conservadora. Depois ele observou a paciente com o desdém de quem olha uma pilha de lixo na rua, descarta seu dejetos na mesma ignorando o problema e continua seu trajeto. Ele falou de forma conivente confortando as duas.

— Não se preocupe, sua menina estará em boas mãos.

— Confio no senhor. Fez um grande trabalho com minha favorita. Aposto que fará um belo trabalho com essa ingrata.

— Não tenha dúvidas quanto a isso. Faremos maravilhas pela Grazi...

— ... Greice, doutor, Greice. — interrompeu a filha impostora, corrigindo o lapso do médico. — O nome dela é Greice. Não, Grazi. Grazi sou eu agora.

— Sim, claro. Podem confiar. — O médico deu outra olhadela para a paciente que se mantinha agitada.

— Não esperaríamos outra postura se não esse, doutor.

Stella terminou de falar e enfiou a mão na bolsa, retirando um maço generoso de notas de cem reais. Dr. Ayrão sorriu e pegou sua propina. Ele se despediu das três e antes de sair deixou recomendações que as duas teriam de sair dentro de cinco minutos do quarto.

Stella ordenou com uma doçura indômita mais um ato de crueldade.

— Agora, minha filha, despeçasse-se de sua irmã.

— Sim, mamãe. — Greice respondeu similar a um boneco sentado no colo de um ventriloquista.

A impostora obedeceu cegamente, com ar de satisfação nos lábios. Ela quase conseguiu dar um beijo na testa da usurpada que ainda lutava. Mesmo assim, agradeceu a



oportunidade oferecida de bandeja para que ela pudesse ter uma segunda chance fora daquelas paredes. Sem pudor, disse que voltaria ser o fatal anjo loiro tão venerado por Stella. E, em breve, a existência de Grazi seria poeira de memória carregada pelo vento, assim como uma vírgula com a finalidade de separar períodos distantes. Antes de sair de cena, abraçou Stella salpicando-lhe beijos de gratidão na bochecha.

— Obrigada pelo presente, mamãe.

— Não há de quê, querida. Você é quem é o meu presente. Se não lhe ganhasse hoje, o dia não teria graça.

Sozinhas de novo como no início daquela manhã. Stella não hesitou em crivar a preterida com seu olhar empalador para enterrar todo o seu ódio no coração de Grazi. Aquele momento era mais que vencer uma guerra e ultrajar os despojos do inimigo deixando-os nus de esperança. Era transcender sobre o bem e o mal, transformando seus devaneios em um bendito revitalizador para si. Tornando-se uma espécie de “*deusa*” com o direito de brincar com o destino das pessoas. Aquilo era bom. No entanto “bom” não era um vocábulo suficiente para descrever a magnitude daquele desfecho tão sonhado e planejado por anos. Era preciso ser excepcional como um estouro de uma apoteose estrelar, a qual justificaria sua ganância e mesquinharia desmedida. Era preciso fazer o inimigo sangrar. Apreciar o refinamento da dor alheia em leito agonizante. Uma dor enlouquecedor a ponto da vítima implorar pelo fim do suplício.

Se todo bolo tem uma cereja para complementar a primorosa perícia do confeito, para Stella não poderia ser diferente quanto à sua perturbadora maldade. Era preciso ir além do limite das crueldades realizadas, era preciso assinar sua obra com seu toque de mestre. Era preciso desafogar seu coração, um segredo que ela poderia carregar consigo para o túmulo. Falar a verdade mais crua e desumana, mesmo que tal pudesse soar como uma mentira elaborada pertinentemente. Era preciso provocar até o caldeirão explodir.

Aproximou-se e falou ao pé do ouvido de Grazi, que já não mais lutava por falta de forças. Apenas ofegava de raiva.

— Sabe, o Gerson? Seu paizinho querido, que tanto você ama. Aquele fraco de caráter, que só serviu para salvar minha família. Pelo menos nisso você tinha razão. Meu casamento foi um negócio entre famílias, e, eu fui a mercadoria.

Stella riu. E depois, sussurrou lentamente cada palavra pontiaguda que rasgaria o coração de sua filha recém-falecida.

— Ele não é o seu pai.

Grazi arregalou mais ainda os olhos, chocada com a revelação. Petrificou-se sobre a cama, parecia uma pálida estátua de mármore.

Stella se afastou, deleitando-se com cada detalhe da expressão de Grazi. Julgou que conseguira atingir seu objetivo com louvor. Não lhe restava mais nada daquele espetáculo, se não apagar a luz e fechar aquela porta do seu passado abortado.

**LUIZ DE SAOVAGÃO** — Natural de Volta Redonda (RJ) e residente em Barra Mansa (RJ). Nascido sob o signo de escorpião, na antevéspera do dia das Bruxas no ano de 1982. Luiz de Saovagão também faz uso do pseudônimo Peri Roosevelt. Enquanto Saovagão relata o sobrenatural, o fantástico e o incrível em suas histórias; Peri Roosevelt prefere narrar as crônicas do cotidiano de pessoas comuns como você ou eu, em meio à multidão avassaladora. Participou da revista Literomancia nº 6 com o conto “*O cárcere, as fábulas e o dilema*”. E teve trabalhos publicados na revista Literalivre. Teve contos publicados pelas editoras: Perse, Persona, Arkanus, e, Dark Books.

incentivo à leitura



## *Sob a Lua e as Estrelas*



**CONTO**

"Fitou-me daquele jeito peculiar, aparentemente desinteressado, mas cujos olhos permaneciam fixos nos meus como se me segurasse firme pela lapela do sobretudo e fosse capaz de devassar a minha alma."

**ROBERTO SCHIMA**

## 1 - O VELHO E O BAR

Era uma vez um velho e um bar...

Uma atmosfera soturna e antiga permeava o lugar.

— Tenho uma história para lhe contar — falei num meio sussurro.

O rosto de aspecto macilento e coberto de rugas de Pascoal somente anuiu. Havia cansaço em seu semblante, porém — eu sabia —, o vigor de seu corpo sob os trajes puídos o desmentia. Era velho sim, mas dotado de um vigor que colocava muitos garotos no chinelo.

Fitou-me daquele jeito peculiar, aparentemente desinteressado, mas cujos olhos permaneciam fixos nos meus como se me segurasse firme pela lapela do sobretudo e fosse capaz de devassar a minha alma. Havia algo familiar e antigo naquele olhar desde que o conheci anos atrás, porém, nunca entendi o porquê.

Tal característica era o que eu mais apreciava nele: o seu silêncio. Ouvidos e olhos atentos, mas os lábios cerrados, pacientes, inquisitivos, ruminando por nossas palavras.

Normalmente, as pessoas tagarelavam demais sem nada dizerem, perdidas em sua mesquinhez estreita de curta visão. Era tanta saliva desperdiçada em contraste a uma carência de conteúdo que chegava as raias da náusea. Aliás, esse fora um dos motivos por eu me ter tornado eremita anos atrás: o vazio daquela gente, seu cinismo e descaso. Os tempos mudaram e eu não passava de um fóssil incrustado na rocha dura e fria, atrás de valores que não mais existiam. Se eu tinha de conviver com o vazio, o cinismo, o descaso e a mesquinharia, que fossem somente os meus.

Mas, como eu dizia, por isso agradava-me estar com Pascoal. Aparentemente, era um andarilho de sessenta e tantos anos, curtido pelo Sol e pelo álcool. Do mínimo que falara sobre si, deduzi que percorrera muitos rincões deste mundo, trabalhara em várias coisas, vira de tudo um pouco, do sublime ao sórdido, do contemplativo à insanidade, e viera acabar neste vilarejo de algumas centenas de almas por um desses acasos da vida. O que fazia para viver? Só Deus sabia e não me contou. Por quanto tempo ficaria, eu não tinha a menor ideia, tampouco ele iria se dar ao trabalho de me falar, se é que o próprio teria um plano sobre o seu destino. "A vida é uma aventura; a rotina, o seu veneno", dissera certa vez em um de seus momentos de reflexão, brindado num conta-gotas. Era um filósofo das estradas, um forasteiro ao qual, certa feita, eu encontrara por acaso na rua e ele trouxera-me para esse bar, onde tomáramos uns tragos. Eu pagara a conta e ele aceitara de bom grado como um favor. Eu quero frisar isso, deixar bem claro: *ele* fizera um favor para mim em trazer-me ali para eu poder desfrutar de sua companhia. Entendido? Como não gostar de um sujeito assim?

Proseguí:

— Não sei se eu mesmo acredito. Às vezes, acho ser somente uma alucinação terrível. Mas antes que você tome novo rumo na vida, quero que saiba. Alguém precisa saber! E você é a melhor opção.

Ele balançou a cabeça afirmativamente. Não estava sendo compreensivo. Somente confirmava ser sim a melhor opção, provavelmente a única.

Era o tipo de indivíduo que ora estava aqui; ora, acolá. E ninguém — exceto eu — daria por falta. Então, num belo dia, alguém perguntaria: "Ei, lembra de fulano? Sim, aquele sujeito grandalhão e mal vestido, todo desgrenhado e taciturno? Alguém sabe o seu nome? Não? Pois é, ele sumiu!" Assim, era Pascoal, um cara perdido na multidão, contudo, de algum modo, ficava encravado feito uma unha num cantinho da memória, sem ser completamente esquecido. Era muito mais do que se poderia dizer da maioria dos tagarelas do vilarejo... Cedo ou tarde, Pascoal partiria mundo afora, porém, por ora, estava ali, do outro lado da mesinha, dividindo comigo uma velha garrafa de *whisky* e um punhado de azeitonas em conserva.

Era um bom ouvinte e — por Deus! —, naquele instante, era tudo o que eu precisava.

Percorri a vista acima de seu ombro esquerdo.

Havia pouca gente no bar, o que era natural, e estávamos num cantinho perto dos fundos, pouco iluminado, cercado por aquele mobiliário pesado de madeira escura e gasta.

O cheiro de bebida velha e fumaça de charuto, cigarro e até cachimbo dominava o ambiente. Em algum lugar nas paredes cobertas de pequenas molduras e toda sorte de gravuras e retratos havia uma placa com os dizeres "Proibido Fumar" onde alguém, mais embaixo, impetuosamente escrevera com pincel atômico: "Dane-se!"

Felizmente, nenhum infeliz colocara uma música — ou aquilo que chamavam de "música" atualmente — na *jukebox*. Senão, sequer eu teria entrado, exceto se fosse o *Auld Lang Syne*, sim, essa canção combinava perfeitamente. Aliás, um motivo que me fizera gostar de frequentar o lugar nas ocasionais descidas da montanha fora justamente a quietude sussurrada em suas mesas. Ninguém se interessava por sua vida. Era como se cada frequentador fosse parar ali para se esconder de algo, refugiar-se de um mundo que se tornara por demais barulhento, sórdido e estranho. Cada excêntrico parecia guardar dentro de si a sua própria história extraordinária, só a espera do ouvinte adequado. Não era um local para se exhibir ou flertar. Raras mulheres punham os pés ali, e, aquelas que punham, era bom desconfiar: mulher e sigilo nunca combinaram. Aliás, alguém já se perguntou sobre o suplício que deve ter sido para Eva não ter ninguém para fofocar a respeito de Adão? Não havia sequer um terminal de computador disponível. Nada de *Internet* ou *wi-fi*. Era como retornar para uma época da qual ninguém haveria de se lembrar, um tempo mais simples, franco e direto. E, ainda assim, tocava nosso íntimo.

Nem sei como o dono, McGregor, podia lucrar desse modo. Era um inglês de sangue escocês nas veias, já na meia idade e um espesso par de costeletas grisalhas. Resolvera montar essa imitação de *pub* para fazer de conta que ainda morava nos subúrbios de Londres, onde agitara bandeiras contra a rainha sob um poster de Rob Roy. Diziam ser ele um fugitivo de sua terra natal. As pessoas falavam demais. Fosse a razão que fosse, certamente McGregor possuía também o seu quinhão de histórias fora do comum. Pessoalmente, eu suspeitava ter sido ele próprio o autor do texto malcriado na placa, fumante inveterado que era de seu inseparável cachimbo de marfim. Nem todo mundo se identificava com o lugar, aliás, a maioria. De certa forma, acho que podia até ser esse o motivo dele conseguir ir levando: a grana não devia ser muita, contudo, a clientela era fiel.

Quando o meu silêncio tornou-se prolongado demais, Pascoal parou de deslizar o seu dedo na borda do copo e pigarreou:

— Você dizia, Vlad...

A voz dele era pastosa, vinha de um jeito áspero através da língua regada à *whisky*.

Movi a cabeça, confirmando.

— Sim, a minha história.

Apanhei uma azeitona com o palito de dente e enfiei-a na boca antes de prosseguir.

Nesse momento, ele retirou uma caixa de fósforo do bolso — não era adepto do isqueiro — e acendeu um resto de charuto amassado que apanhara de outro bolso do casaco um segundo antes.

Observei fascinado a corajosa chama enfrentar a penumbra de nosso canto sem conseguir iluminá-lo a contento. E senti um certo pesar quando Pascoal agitou o palito, extinguindo-a num inquieto rastro de fumaça.

Segui a brasa do charuto entre seus dedos.

— Pois bem, vamos lá...

Assim, inspirei a atmosfera gasta do bar, o odor de tabaco e bebida gasta e comecei a falar.

## 2 - O DESAPARECIMENTO

Décadas atrás, quando eu tinha dezessete anos, levava uma vida pacata com a família em um vilarejo não muito distante daqui. Éramos pobres e eu era o filho do meio de três irmãos. Vivíamos daquilo que a abençoada terra negra poderia prover: da lavoura, do pomar, da horta, de alguns patos e galinhas.

Certa tarde, alguém veio bater à nossa porta. Pancadas duras e impacientes.

Fui eu a atender.

Tratava-se de um agricultor vizinho. O homem era uma montanha e sua sombra eclipsou facilmente a minha. Pelo tamanho da pança, parecia ter engolido um leitão inteiro. A fisionomia exalava preocupação.

— Chame o seu pai, Vladimir — disse laconicamente.

Meu pai veio atendê-lo.

O agricultor foi direto ao ponto:

— Pegue sua espingarda, Tobias. Vamos caçar.

— Caçar? Como assim? A essa hora? Já é tarde e...

— A filha do Coronel desapareceu na floresta.

Intrometi-me:

— Izadora?

O homenzarrão confirmou com a cabeça.

Meu pai fez para mim a sua familiar carranca que dizia: "Saia daqui, moleque, isso é conversa de homem!"

Como se fosse dotado de telepatia, o agricultor continuou:

— Deixa ele ficar e chame seus dois outros filhos também. Todo mundo está se reunindo para formar uma patrulha.

Meu pai tentou argumentar:

— Você mencionou uma caçada...

— O Coronel acredita que as feras pegaram ela, assim como fizeram com tanta gente. Ele quer achar a filha, mas também quer dar um basta nos sumiços de uma vez por todas. Fomos todos convocados.

— Mas...

— Você também é arrendatário das terras dele, não é, Tobias?

Meu pai anuiu, nem um pouco animado.

O Coronel era o homem mais rico da região, dono de quase tudo. Alguns diziam, meio na brincadeira e meio feito realidade, que era dono das vidas deles também. De seus sete filhos, Izadora era a caçula: uma mocinha meiga e miúda de dezesseis anos, loira, sardenta, inocentes olhos verdes e lábios generosos.

Embora sem esperança e jamais tendo me atrevido a algo mais além de admirá-la; desde que os hormônios afloraram, eu era apaixonado por ela. Toquei o pingente que trazia no pescoço. Repeti seu nome para mim próprio, morto de preocupação:

— Izadora...

Fazia muitos tempo, séculos talvez, que corriam boatos sobre criaturas demoníacas na mata. Diziam que tais monstros fundiam-se à escuridão, suas garras rasgavam a carne, mandíbulas partiam ossos e os sons que emitiam congelavam os espíritos. Sim, todas as culturas possuíam suas lendas sobre seres malévolos, todavia, na maioria das vezes, não passavam de interpretações místicas de fenômenos naturais. Mas não na *nossa* floresta...

... A Floresta da Escuridão Perpétua.

O nome fora dado por um professor no início do século passado. Mais do que histórias para assustar crianças, a verdade era que, desde os tempos da colonização circulavam histórias sobre caçadores, vândalos, fora da lei e incautos que se embrenhavam na mata fechada e jamais eram vistos. A coisa poderia terminar por ali, não fosse pelos relatos dos sobreviventes. Falavam do silêncio pesado repentinamente interrompido por barulhos de galhos partidos, dos rugidos amedrontadores cujo cerco apertava-se pouco a pouco, de olhos brilhantes destacando-se na escuridão e da morte negra que surgia feito um relâmpago. Alguns traziam marcas de garras cruzando-lhes o peito ou as costas. Havia relatos de descoberta de restos humanos despedaçados.

Meu pai olhou para mim e meus irmãos que vieram espionar o que estava acontecendo.

— Só tenho a minha espingarda e a que dei para o Nestor — falou sem firmeza, referindo-se ao meu irmão mais velho.

O agricultor pançudo retrucou:

— Tenho um trabuco e um revólver de reserva. Empréstimo para o Vladimir e o Pedro.

— O Pedro fica. Tem só quatorze anos.

— Ah, Tobias, você sabe como é o Coronel. Se ordena alguma coisa, quer ver empenho máximo de todo mundo, senão criará problemas no futuro.

— Pedro fica! — repetiu meu pai, mais enérgico. — Arrendada ou não, enquanto eu estiver dentro desta casa, mando eu.

O outro deu de ombros.

— Cê é que sabe. Apronte-se depressa. A reunião será daqui a pouco, na frente do casarão.

E saiu a passos largos.

### 3 - CORTESIA DA CASA

A fumaça subia até o teto e por lá ficava feito uma névoa a pairar sobre nossas cabeças.

Pascoal soltou uma longa baforada de seu charuto. Apontou-me o dedo.

— Por que esse Coronel não chamou a polícia?

Dei de ombros.

— Não sei. Imagino que seja porque, naquela época, isso era tão eficaz quanto esperar atendimento médico no interior. Naquele lugar, o Coronel fazia as leis. *Ele* era a lei.

O velho anuiu. As rugas em volta dos seus olhos realçaram-se.

— Ouvi sobre a floresta. As árvores são tão entrelaçadas que tapam o céu. E faz muito frio em seu interior, não é? Como um túmulo onde o tempo recusa-se a passar...

Confirmei, intrigado ante suas palavras e surpreso por seu quase discurso. Só de imaginar aquela selva dava-me arrepios. Não era habitual da parte dele falar tanto. Talvez não fosse somente eu quem tivesse a necessidade de conversar naquele momento. E ele confirmou isso ao acrescentar:

— Existe outro lugar no estrangeiro, no Canadá, se não me engano. Chama-se "A Floresta das Almas Perdidas". Pessoas somem por lá também, só que devido a fantasmas.

Realmente, o velho estava extrapolando.

— Fantasmas? — falei.

— É o que dizem. Só que, no caso de lá, não sobra nada, exceto as roupas.

— Fantasmas não existem — retruquei, achando que ele estivesse fazendo piada.

— E seus monstros?

— Se não quer que eu continue...

— Não seja temperamental, Vlad. Vá em frente.

Assenti, afinal de contas, eu estava louco de vontade de contar, e, ele, fazia-me o grande favor em ouvir. Mas, antes, pedi mais uma porção de azeitonas para o McGregor. Ele trouxe e, ainda, um prato de *haggis*, purê de rabanete e *scotch egg* para cada um.

Franzi o cenho.

— Eu não pedi isso.

— Cortesia da casa — falou McGregor, inexpressivamente.

— Não entendi. Alguma comemoração especial na Escócia?

— Não, aqui mesmo — respondeu o homem das costeletas

— O que quer...

Mas ele afastou-se sem nada esclarecer.

Havia um provérbio que dizia "cavalo dado não se olha os dentes", porém, lembrei-me de outro em contrapartida, afinal, tudo na vida era uma moeda de dois lados: "quando a esmola é muita..."

Enquanto eu ruminava esses pensamentos, Pascoal não se fazia de rogado e mastigava com gosto o seu bolinho.

Provei o meu, embora não apreciasse miúdos. Mas, que diacho, estava saboroso de fato.

O bar continuava tranquilo, *jukebox* calada, pessoas em outras mesas cochichavam entre si através de névoas de tabaco ou bebericavam cerveja preta. O lugar perfeito.

Pascoal limpou o prato e, tão inexpressivo quanto uma estátua de bronze amortalhada pela pátina, aguardou.

Eu não terminara de comer. Pestanejei sob seu olhar.

— Pois bem, vamos lá...

#### 4 - PEEIRA

A busca ou a caçada teve início faltando duas ou duas horas e meia para o Sol se pôr.

O grupo tinha em torno de vinte pessoas. O Coronel apareceu ladeado por dois seguranças, porém, devido ao seu estado emocional, não estava em condições de liderar coisa alguma. Isso ficou por conta do barrigudo que chamara meu pai. Partimos todos na carroceria de dois caminhões e seguimos rumo a floresta até onde a estrada permitisse.

— Como aconteceu? — perguntou meu pai a um sujeito do lado dele na carroceria. — Digo, de pegarem a menina?

Ele falou alto por causa do sacolejo do veículo, porém, não tão alto a ponto do Coronel, na boléia, escutar.

— Não vai acreditar... Ela foi por livre vontade!

Fiquei incrédulo, a Izadora de que eu me lembrava morria de medo dos bichos do mato: aranhas, cobras, escorpiões. Todavia, dessa vez não interrompi a conversa.

Meu pai falou:

— Como assim?

O homem ergueu as mãos, igualmente surpreso.

— Pelo que entendi, ontem à noite, um animal grande rondou o casarão do Coronel. Soltou uns uivos compridos, assustando os cavalos do estábulo e fazendo fugir seus cães de guarda. A barulheira perturbou toda a família dele, principalmente a menina. Ouvei dizer que ela estrebuchou e, depois, implorou para sair ao encontro da fera. Parecia possuída.

— Possuída?

O homem fez um gesto para meu pai falar menos alto, lançando um olhar para a boleia.

— Isso mesmo. Foram precisos três homens para segurar a menina e trancá-la no quarto. Ele fica na parte de cima do casarão. Lá ela esperneou e chiou até de madrugada, assustando as criadas. Hoje de manhã, a mulher do Coronel foi chamá-la para tomar café, mas ela não respondeu. Achou que estivesse dormindo. Só deram falta dela na hora do almoço. Quando destrancaram o quarto, descobriram que ela fugira pela janela. As grades foram entortadas!



— Quem faria isso?

— Alguma força medonha. Só sei que Izadora sumiu e nós estamos atrás dela e daquilo que a levou.

Meu pai ruminou as informações e, então, disse algo que eu não compreendi de imediato.

— Uivos... O lobo predestinado!

O homem assentiu e acrescentou, firmando ambas as mãos no cano de sua espingarda:

— Se for isso, ela será mais perigosa do que as feras.

— Peeira — falou meu pai — Peeira...

Novamente, eu não entendi e, dessa vez, tomado pela urgência diante daquilo que o homem acabara de dizer, não me contive:

— Como assim, pai? "Peeira"? "Lobo"?

Meu irmão mais velho também chegou mais perto, querendo saber.

O caminhão prosseguia pela estrada sinuosa e esburacada, deixando um rastro de poeira atrás, para azar do outro veículo. O Sol estava a uns dois palmos acima do horizonte. Não havia nuvens no céu, o que prometia uma noite muito fria. Por ora, a temperatura estava agradável, não fosse pela inquietação que eu sentia.

O pai colocou a mão direita em meu ombro. Ele sabia de meus sentimentos por Izadora.

— Não é "pereira", mas peeira. É uma espécie de princesa ou rainha dos lobos. Não faça essa cara e escute-me. Você também, Nestor — falou, dirigindo-se ao meu irmão. — Peeira é a sétima filha que foi chamada por um lobo para, juntos, formarem um par. A partir daí, ela deixa de ser uma pessoa normal. Torna-se a líder da alcateia e a mais poderosa do bando. Conseguem controlá-los, apaziguá-los e, até, curá-los quando se ferem ou adoecem.

— Bobagem! — protestei magoado, preocupado por Izadora. — Folclore...

A mão dele continuou em meu ombro, mais pesada.

— Eu quero estar errado, filho. Mas, se eu estiver, Izadora está morta. Porém, se eu não estiver... ela será o nosso alvo principal.

— Mas se é assim, pai — disse Nestor —, por que o Coronel vai atrás dela?

— Um pai nunca desiste de seu filho.

Eu não podia acreditar naquilo que acabara de ouvir. Estariam loucos? Izadora, uma feiticeira de lobos? Como assim? Lobos eram animais do hemisfério setentrional. Não existiam no Brasil. Aqui havia o lobo-guará, mas sem parentesco real com os lobos, apesar do nome. Por outro lado, não deixava de ser intrigante o enorme número de histórias envolvendo lobisomens. Por quê? Por mais malucas que fossem, faziam sentido pelo fato dos brasileiros serem formados na maior parte por descendentes de europeus.

— Eu não acredito! — insisti, rebelando-se pela primeira vez contra meu pai e esforçando-me por não soluçar. — Ninguém irá machucá-la... Ninguém!

— Eu espero estar errado — disse ele, sem ênfase.

O caminhão parou.

A poeira nos alcançou.

Levantamo-nos na carroceria.

O agricultor pançudo saiu da cabine do motorista e gritou:  
— Chegamos!

## 5 - IZADORA

Respirei fundo. Servi-me de mais um pouco de *whisky*, pensamentos em torvelinho.

Um barulho atraiu a minha atenção: dois homens começaram a jogar sinuca num reservado no fundo do bar, mais ou menos próximo a nós. Nada falavam e o som das bolas se chocando era agradável de ouvir.

— Izadora — murmurou Pascoal, riscando a unha no tampo da mesa. — Bonito nome.

— Sim. Para mim sempre foi e será o mais belo.

Seu dedo parou e ele lançou-me uma expressão estranha a qual eu não soube interpretar. Levou o charuto à boca. A brasa brilhou intensamente, dando-me calafrio. A seguir, bateu as cinzas no cinzeiro, esfarelado-as devagar.

— Fale-me sobre ela — pediu.

Pensei durante algum tempo. Fazia tantos anos e, na verdade, exceto pelo nome, a lembrança de seus cabelos loiros e o sentimento que eu preservara dentro de mim, pouco mais restava. Sequer seu rosto eu me recordava direito, além daquilo que já mencionara. Evocava em mim um retrato antigo, pendurado inúmeras décadas na parede, desbotado, mofado, empoeirado.

— Pode-se dizer que nos conhecemos no berço. Nossa diferença de idade era de um ano apenas. Antes de eu nascer a minha família já morava nas terras do Coronel. Embora fosse um homem rígido e evitasse misturar-se aos arrendatários, ele tolerava que eu, Izadora e outras crianças brincássemos. Pelo que posso recordar, ela era uma criança bastante tímida, mas generosa. Não fazia luxo em relação aos seus brinquedos, emprestando às outras meninas cujos pais não tinham condições de comprar. Um dia, lá pelo meus doze anos, salvei sua vida.

O charuto parou no ar.

— Hein?

— Sim. Nesse dia, alguma coisa me fez ir para um lago que havia lá perto. Reparei numa agitação n'água e pequenos braços projetando-se acima da superfície. Eu não sabia nadar, mas corri para lá e pulei. Era Izadora. Por algum motivo, ela perdera o equilíbrio na margem e caíra. Estava indo para o meio do lago e teria morrido. Felizmente, eu era mais alto do que ela e meus pés ainda tocavam no fundo quando a alcancei. Ela engolira muita água. Engasgou um bom tempo. — Fiz uma pausa, perdido nas memórias. — Embora criança, naquele momento descobri o quanto a amava e como a sua ausência seria insuportável. Ela ainda tossia quando a abracei e demorei a soltar como se quisesse segurá-la para sempre. Claro, isso não aconteceu. As crianças acreditam no conceito de eternidade, todavia, ambos sabemos que o "sempre" um dia finda. Soltei-a. Ela, agradecida, deu-me de presente o pingente que trazia em seu pescoço. Representava a lua e as estrelas. Conservei-o comigo durante anos. Como poderia adivinhar que aquela lua e estrelas teriam algo de premonitório a contar?

## 6 - A FLORESTA DA ESCURIDÃO PERPÉTUA

A caçada teve início.

Havia duas perguntas.

Quem era a caça?

Quem era o caçador?

Faltava pouco para o fim da tarde, contudo, tão logo penetramos n'A Floresta da Escuridão Perpétua, o dia se apagou. As árvores entremeadas deram densidade às sombras quase ao ponto da completa escuridão. A temperatura tépida cedeu terreno à friagem. Os ruídos do vento, dos pássaros, dos insetos desapareceram. No interior da mata predominava o silêncio da expectativa, rudemente rompido pelas passadas desajeitadas dos homens.

— Vamos!

— Para qual direção?

— Procurem pistas: ramos quebrados, pegadas, trilhas, fiapos de pano.

Alguns acenderam lanternas; os mais imprudentes, lampiões.

Não tardou para que alguém escutasse sons mais pesados, de pés ou patas.

— Silêncio! — mandou alguém.

De repente, um uivo longo preencheu os ares; logo, outros juntaram-se àquele. O coro ameaçador fez a gente tremer até os ossos e reduziu nossos nervos à pasta. Os barulhos aumentaram. Rochas rolaram. Troncos foram derrubados.

E as pessoas, dispersas na floresta, começaram a morrer...

Tiros ecoaram.

Gritos desesperados.

Rosnados enraivecidos.

Tentei permanecer junto ao meu pai e a Nestor. Estava escuro demais. Muito confuso. O mais provável era que baleássemos uns aos outros.

Mais tiros foram disparados.

Foi quando, através da tênue luz dos estampidos, eu os vi.

Lobos...

... Sim, eram lobos!

Eu nunca vira um na vida, entretantes, perguntei-me se seriam tão grandes e ameaçadores assim. Mas de uma coisa, eu tinha certeza: ao contrário daqueles que enfrentávamos, lobos não eram bípedes! Seus olhos brilhavam feito duas chamas na escuridão. O ladrar era grave, feroz, ensandecido. Dentes rangiam e dilaceravam.

Garras mergulhavam na carne macia.

Toda a floresta rumorejava.

Feridos gemiam.

Houve um momento em que, em meio à cacofonia, escutei vozes sem compreender o que diziam. Em seguida, foram feitos diversos disparos quase simultâneos. Um som terrível de pura agonia cortou os ares, seguido de um silêncio de sepulcro. Corremos em direção aos tiros. Havia uma roda de homens em torno de algo. A luz de um lampião e uma lanterna iluminou a coisa.

Era peludo, enorme e muito forte. Em pé, devia beirar os dois metros de altura. Ficamos todos pasmos diante da realidade de um mito.

— Lobisomem! — exclamou alguém e outros concordaram.

Sim, uma mistura de lobo, gente e pura maldade.

Não tivemos muito tempo para pensar. Alguém sacou de um facão e quis decapitar a criatura para levar a cabeça como prova. Todavia, o monstro ainda vivia. Gemia... Tinha seios!

Seus semelhantes rondavam a nossa volta. Podíamos senti-los.

Éramos em quinze agora, provavelmente menos.

Então, outra pessoa apontou o cano de seu rifle na cabeça do lobisomem e disparou um, dois tiros.

— Não há tempo para *souvenir* — falou.

Seguiu-se novo silêncio, mais denso, exalando ódio.

— Vamos embora daqui! — gritou alguém. — Não podemos enfrentar isso.

Meu pai estava entre os primeiros a concordar.

O Coronel berrou:

— E a minha filha?

Os homens hesitaram, mas daí, meu pai ergueu a voz:

— Se ela se perdeu aqui, não está melhor do que aqueles que morreram!

Começamos a procurar o caminho de volta.

Relutante, o Coronel nos acompanhou. Perdera um de seus seguranças e o outro corria na frente.

Estávamos rodeados pela mata. Não havia pontos de referência. Sentíamos-nos cansados, apavorados e machucados pelos ramos das árvores, espinhos e pedras. Quando estávamos a algumas dezenas de metros da criatura morta, tornamos a ouvir os uivos. Eram lamentos fantasmagóricos de uma dor infinita. Tinham descoberto o cadáver. Foi nossa única vitória, embora eu próprio não tivesse disparado um único tiro. Depois, os sons emitidos por eles traduziram uma cólera ilimitada. Puseram-se a nos perseguir. Mais passadas fortes e galhos partidos fizeram-se ouvir às nossas costas.

O último resquício de lucidez e unidade abandonou-nos. Foi um Deus nos acuda. Cada um por si. Desatamos a correr, totalmente tomados pela aflição. Difícil descrever. Num dado ponto, perdemos-nos uns dos outros. Não tínhamos tempo para raciocinar, chamar, procurar, lamentar. Só para prolongar a vida ao máximo.

Escutei berros a medida em que alguns homens foram alcançados e trucidados. Suas vozes despojadas de qualquer humanidade, as quais você imaginaria ouvir de pecadores castigados no inferno. Eu não sabia se estava alcançando a saída da floresta ou embrenhando-me cada vez mais em seu interior.

Subitamente, de soslaio, algo atraiu a minha atenção. Continuando a correr, virei rapidamente o rosto. Não acreditei.

Era ela... Izadora!

Mas estava diferente. Seu corpo emitia um brilho fraco e ela avançava feito uma corça... na companhia dos lobos!

Nessa hora, despenquei de um barranco e parei na margem de um riacho. Todo esfolado, avistei o céu e percebi os derradeiros raios de sol do crepúsculo que avançava. Cambaleei para a outra margem, aguardando o pior.

O pior não tardou a aparecer.

Um lobo.

Era enorme, muito maior do que aquele que fora abatido. Sua pelagem era toda negra, o que realçava o seu aspecto ameaçador. De sua boca escancarada e repleta de dentes, escorria uma baba viscosa misturada ao sangue das vítimas. Os olhos de um amarelo intenso fixaram-se em mim. Destilavam ódio.

Meio deitado, meio sentado, segurei o mais firme que pude o tabuço e fiz mira. Eu me dava por perdido, pois minha pontaria já era péssima em condições ideais. Naquele estado, não me permitia alimentar maior esperança. O que me restava era deixá-lo aproximar-se o máximo possível e disparar. Todavia, qualquer fragmento de esperança desvaneceu-se de vez, quando surgiu outro lobo e mais outro e mais outro... Vi-me completa e rapidamente rodeado por aqueles demônios. Lágrimas afloraram pelo canto dos olhos.

O cerco se fechou devagar.

Olhos malévolos em brasa, exultantes, antecipavam o festim. Eles eram imensos. Caminhavam nas quatro patas, mas havia algo de vagamente humano em suas silhuetas. Se uma morte violenta e horripilante pudesse ser personificada, seria na figura daqueles seres das sombras.

Atravessaram o riacho, o lobo negro à frente.

Minhas mãos tremiam descontroladamente. Eu chorava feito uma criança.

O lobo negro chegou tão perto de meu rosto que eu pude sentir a lufada de seu hálito em meu pescoço. Era o maior de todos. Sua boca tornou a abrir, revelando os caninos proeminentes.

A arma pendeu para o lado, inútil.

Já podia sentir seus dentes rasgando-me a carne.

Abruptamente, soou um assobio: duas notas longas que se repetiram.

O lobo negro emitiu um rosnado e, a contragosto, recuou. Os outros monstros estacaram, sem desprender os olhos de mim.

Em meio aos arbustos surgiu...

— ... Izadora! — choraminguei, boquiaberto.

Os lobos rosnaram, corpos enrijecidos.

Ela comprimiu os olhos para melhor me enxergar. Eu estava imundo de terra, sangrando, lívido e, certamente, sequer a minha mãe me reconheceria. Novamente, notei a luminosidade tênue a brotar de sua pele. Ela desceu o barranco cuidadosamente, auxiliada por dois lobos retardatários. Pisou nas águas frias, caminhou por entre as feras e posicionou-se ao lado do lobo negro. Pela postura deste, sem dúvida era o líder da alcateia. E Izadora fazia parte dela. Era um deles, embora mantivesse os traços humanos. Acariciou o dorso do lobo negro, cujas orelhas relaxaram imediatamente.

Quando Izadora avançou até a margem em que eu estava, falou:

— Vladimir?

Acenei a cabeça afirmativamente repetidas vezes.

Ela ajoelhou-se na areia sob a luz do sol que findava e o luar que surgia. Observou o tabuco.

— Por que veio aqui?

Engoli em seco. Expliquei-lhe da melhor maneira, mais chorando do que a falar de modo coerente. Quando terminei, ela ficou pensativa um momento.

— Tem sorte de eu haver chegado a tempo. Eles o teriam devorado.

— Nã-não tenho dúvida — gaguejei, evitando fitar aqueles olhos em brasa e concentrar-me na figura de Izadora. — Eles são lobisomens!

Ante essa denominação, toda a alcateia uivou ensurdecidamente.

Minha amiga de infância esperou que eles terminassem.

O lobo negro fez menção de se aproximar.

Ela virou-se rapidamente e, para meu espanto, emitiu um rosnado.

Ele deteve-se, baixou as orelhas, a cabeça e permaneceu onde estava.

— Eles respeitam você... Obedecem-na! — balbuciei.

— É verdade. Não sei como, mas é verdade. — Ergueu as mãos, fitando seu próprio brilho. — E não entendo por que isso acontece. Sou capaz de acalmá-los, trazer algum conforto para a bestialidade que os impulsiona. Eles me veem como uma guia, suponho.

Meu semblante encheu-se de adoração.

— Izadora...

— O que deseja é impossível, Vladimir. Sou a sétima filha. Nasci para isso. Compreendi depois de ouvir o uivo de meu quarto. O uivo dele. — Acariciou a cabeça do lobo negro, o qual cerrou seus olhos um momento, desfrutando o contato. Vez ou outra observava-me de um modo esquisito. Ira? Ciúmes? Izadora prosseguiu: — Eu nasci para ele; e ele, para mim. Sou a irmã, a mãe e a filha desta comunidade. Sou sua guardiã. Aprendi que posso tranquilizá-los e...

— ... E curá-los — falei, lembrando as palavras de meu pai no caminhão. Senti um aperto na garganta ao pensar nele e em Nestor.

— Pelo visto, sim. Infelizmente, não cheguei a tempo de salvar a irmã dele. Posso sarar as feridas de um lobo ou fazer desaparecer a sua doença, mas não tenho o poder de restituir a vida aos mortos. — Tornou a acariciar o lobo negro, o qual ganiu ante a menção do lobisomem morto. — Está sendo difícil controlar a raiva de todos eles em relação às pessoas... a você. Vá embora!

Sem me conter, eu pronunciei o impronunciável:

— Izadora, eu a amo!

O lobo negro deu mais um passo adiante, ameaçador.

E, mais uma vez, ela interveio. Afagou seu dorso, dirigiu-se a ele ternamente, junto a sua orelha e a fúria desapareceu. Sua voz melodiosa acalmou a alcateia. Agora, em vez dos pelos arrepiados, todos ficaram calmos, relaxados.

Izadora era a fada dos lobos. Tornou a voltar-se para mim.

— Já disse: o que deseja é impossível. Sinto afeição por você e lembro-me do dia em que tirou-me do lago. Talvez isso estivesse predestinado também. Quem pode saber? Entretanto, ao ouvir o chamado, algo poderoso brotou de dentro de mim. Fugi e vim para cá... para o meu lugar. — Suspirou. — Vladimir, você me salvou. Agora, eu salvo

— Você. Guarde de mim as boas lembranças do passado, pois isso eu também carregarei. Quanto ao futuro — ela percorreu o olhar em direção aos lobos —, eu pertencço a eles, e eles me pertencem.

Ficamos em pé. Senti-me todo dolorido.

— Vá em paz. É por ali — apontou. — Eles não lhe farão mal. Mas não deverá retornar à floresta nunca mais.

— Posso ao menos devolver-lhe isto?

Ante o olhar desconfiado das feras, busquei dentro da camisa, abri o fecho da corrente e entreguei a ela: o pingente da lua e das estrelas.

— Usei-o desde aquela época, alimentando um sonho impossível... Fique com ele, por favor. Não rejeite o passado. Estou entregando parte dele a você. Guarde-o como recordação das crianças que fomos.

Finalmente, vi um sentimento de pesar em seu semblante, porém, ela recompôs-se depressa. Aceitou a joia e ficou lá, parada, junto ao seu bando, enquanto eu segui na direção indicada.

Longe, na margem d' A Floresta da Escuridão Perpétua, não vi sinal dos caminhões. Tomei caminho em direção ao vilarejo. Seria uma longa e longa caminhada de volta. Ao menos a temperatura tornara a ficar amena. Ouvei grilos e o chirriar de uma coruja. Enquanto capengava pelo chão poeirento, tornei a escutar os uivos a distância. Pensei com meus botões:

— Eu hei de tê-la de volta! A caçada não terminou.

A Lua Cheia iluminou prata por todo o meu trajeto, assim como as estrelas que, vagarosamente, buscaram o seu caminho até o horizonte.

## 7 - O RETORNO DOS LOBOS

O falso *pub* estava em silêncio.

No fundo do bar, por trás de uma porta de vidro, o jogo de sinuca prosseguia.

McGregor lavava pratos, copos e talheres.

Pascoal, cabisbaixo, levava a mão à testa fazia algum tempo.

— Inacreditável — falou, enfim, sem denotar emoção. — Voltou a procurá-la?

Balancei a cabeça negativamente.

— Foi só bravata de um espírito apaixonado. Depois que cheguei em casa, mais morto do que vivo, toda a família me abraçou, pois davam-me por perdido. Eu nunca vira meu pai chorar até aquele momento. Ele precisou ser arrastado de volta para casa. Minha mãe, eu nem preciso dizer, era só olheiras. Pedro, o caçula, também se esvaia em prantos e, claro, eu não fiquei atrás. Foi quando soube de Nestor... Eu não retornei à floresta. Chame de covardia ou de senso de dever para com meus pais. Não voltei. Cresci, tomei o rumo da vida. Pedro fez o mesmo. Entrou para a Marinha e não tive mais notícias. Meus pais adquiriram uma chácara e viveram vários anos dos frutos da terra até falecerem. Segui em frente, arrumei diversos empregos, tive algumas mulheres e, depois, farto do mundo, retornei para estas bandas e isolei-me nas montanhas, em uma cabana de pedras e toras de madeira que eu mesmo construí.

O velho ergueu a cabeça, enfiou um punhado de azeitonas na boca de uma vez e, enquanto cuspiu os caroços, fez outro discurso:

— É uma boa história, Vlad. Contudo, não me chamou aqui para ouvir as suas reminiscências de garotinho. Podia ter feito isso quando quisesse desde que passou a confiar em mim.

Eu expusera meu coração a ele. Não sabia se ficava indignado, surpreso ou atordoado. Encarei o rosto macilento.

Pascoal esperou, impassível. O cansaço aparentava ter sumido de sua fisionomia. Havia interesse real de sua parte. Seus olhos perscrutavam-me daquele jeito especial, agarrando-me a lapela. Eu ainda sentia uma familiaridade inusitada naquilo. Era como se lesse meus pensamentos.

Bem, ele tinha razão. A história que eu narrara era somente um preâmbulo.

— Certo, vou falar... Há algumas noites, eu tenho escutado barulhos ao redor de minha cabana. Começou com um farfalhar nas folhagens, pedras rolando e o estalar de galhos mortos. Não me preocupei, afinal, sons dessa natureza são comuns em qualquer mata e tratam-se de animais noturnos vivendo suas vidas. Na sua esteira, vieram os passos, ranhuras na madeira da cabana, rosnados. Uma onça, talvez, apesar de eu nunca ter ouvido histórias de onça por estas bandas. Verifiquei os arredores na manhã seguinte a procura de pegadas, porém, não encontrei nada. O terreno é muito duro. Mas achei um pequeno tufo de pelo preso entre umas tábuas. Fiquei cismado e deixei meu rifle e um revólver à mão. Cuidei também de reforçar portas e janelas para qualquer eventualidade. Mas, a gota d'água, foi na noite de ontem. Sim, é sobre isso que eu vim lhe falar. Ontem...

Pascoal esperou naquela inexpressividade de dar nos nervos.

Rompi o suspense.

— Escutei uivos! Isso mesmo, uivos. No início, achei que fosse imaginação, algo do passado infiltrando-se em minha mente para adicionar-se ao medo do que haveria lá fora. Mas os uivos ficaram cada vez mais altos, mais próximos. E, dessa vez, ouvi nitidamente o som de passos caminhando pela varanda da cabana. Dois pés! Macios. Pesados. Simultaneamente, garras arranharam a madeira, mais enervantes do que um giz ao riscar uma lousa. Fiquei apavorado. Apanhei minhas armas e, encostado à parede, aguardei, temendo que a porta fosse arrombada. Percebia os rosnados, os ruídos do farejar junto à soleira. Havia mais de uma criatura. Pelo menos três. E deram voltas e voltas ao redor.

Pascoal baixou os olhos para o tampo da mesa.

— Por que não atirou?

— Tudo voltou novamente a minha cabeça: o terror no meio da floresta, o cerco dos lobos, os gritos, as mortes... e Izadora. Tive medo de atirar. Pode rir, mas eu tive medo. O que eu iria conseguir? Eu estava trancado na cabana. A custo, andei até perto de uma das janelas e olhei através da veneziana. Vi uma ou outra sombra negra passar, porém, a luz da varanda mal iluminava lá fora. De repente, um par de olhos surgiu na fresta, encarando-me! Caí de costas. Eram amarelos, olhos amarelos como aqueles que eu vira na adolescência. Voltei para o meu canto na parede e lá fiquei a noite inteira, tremendo, rezando, suando, esperando. De manhã, descobri os arranhões nos troncos e mais alguns tufos... Temo pela noite de hoje.



Meu companheiro encarou-me.

— Quer que eu vá com você até a cabana para enfrentarmos os bichos?

— Eu não deveria pedir isso...

— Não pensou em mudar-se de lá? Ir a um hotel? Chamar a polícia?

— Lá é a minha cabana! Não serei expulso de meu lar. Ademais, não tenho dinheiro para alugar nada. E quanto a polícia, o que vou dizer? Se contar que um bando de lobisomens quer me pegar, irão me trancar numa cela ou internar em um manicômio.

— Ao menos, estaria protegido...

Fuzilei meus olhos na direção de Pascoal. Ergui-me, magoado.

— Não achei que fosse fazer piada.

— Sente-se! Para quem se acha caladão, você é um maldito tagarela.

— Como você está sendo!

Preparei-me para ir embora do bar. Fiquei arrependido por haver gasto minha saliva, expondo o meu íntimo para ele. Acreditei que entenderia o que eu estava passando.

Deixei o dinheiro da conta no balcão e agradei ao McGregor sem esperar pelo troco. Virei-me para sair de sua imitação de *pub*, quando senti ser agarrado por trás.

— Ei!

Virei-me. Eram os dois caras que jogavam sinuca.

— O que é isso? — protestei. — Soltem-me!

Sem me dar ouvidos, arrastaram-me para os fundos e deitaram-me na mesa do jogo. Eram extremamente fortes.

— Pascoal! McGregor! Ajudem-me!

Em vez disso, McGregor dirigiu-se à entrada do bar e deu passagem a uma figura baixa, trajando um casaco com capuz e óculos escuros. Baixou as portas de ferro, fechando o estabelecimento. Os outros clientes também vieram para onde eu estava.

— O que está acontecendo? — berrei, debatendo-me.

## 8 - SOBRE A MESA DE SINUCA

Escutei a voz de Pascoal, o qual se encontrava fora de meu campo de visão:

— E o rei da Arcádia, Licáon, filho de Pelasgo, ousou servir carne humana a Zeus, rei dos deuses, o qual, ultrajado, transformou-o em lobo. Rômulo e Remo foram amamentados por uma loba. Seres amaldiçoados. Alvos do castigo divino. O sétimo filho. O que dormiu sob a Lua Cheia. O fruto do incesto. Licantropo, versipélio, Fenrir, *loup-garou*, *werwolf*, *oboroten*... Lobisomem.

Enquanto ele falava, ocorria a metamorfose.

Pelos.

Caninos.

Rosnados.

Lobisomens.

Fiquei em estado de choque. Vi-me de volta ao pesadelo da última noite. Mas não era uma narrativa, tampouco um sonho ruim. Acontecia ali, diante de meus olhos.

Encontrava-me imobilizado por mãos dotadas de forças descomunais, prestes a ser despedaçado. Quis gritar por socorro — como se fosse adiantar —, todavia, uma mão peluda cobriu-me a boca de tal modo que pensei que o maxilar seria esmagado.

A figura encapuçada juntou-se ao grupo. A lâmpada pendia fraca acima de sua cabeça. O capuz fazia-lhe sombra ao rosto. Levou uma das mãos ao pescoço e, de lá, puxou uma corrente de ouro.

— Lembra-se disso? — perguntou a mulher.

Fiquei absolutamente embasbacado.

Era o pingente!

A lua e as estrelas.

Aquele ornamento que eu entregara a...

A mão foi retirada de minha boca.

— Iza... Iza... Izadora!

Ela baixou o capuz e desfez-se dos óculos.

Eu não me recordava mais de seu rosto, porém, ao vê-lo após quase quatro décadas, tudo retornou a minha mente. Suas faces sardentas mudaram: mais rígidas e angulosas. Não havia mais timidez, inocência ou meiguice em seu olhar. Os lábios continuavam carnudos, mas severos. Os cabelos outrora claros adquiriram um tom de ferrugem. Entretanto, o que mais chamou-me a atenção naquela situação de todo aterradora e surpreendente, foi que, não obstante as décadas, ela não aparentava ter mais do que vinte anos.

— Vladimir...

Era uma voz diferente da mocinha na fazenda.

Pascoal interpôs-se entre nós. Finalmente, eu reconheci aquele olhar. Céus, como eu poderia imaginar? Conhecera-o, acreditava, por acaso, anos atrás pelas ruas do vilarejo. Agora, porém, no lugar do rosto macilento e envelhecido, surgiu o terrível lobo negro. Os olhos como um par de brasas de seu charuto fixaram-se em mim. A boca escancarou-se num esgar. Rosnou ameaçadoramente:

— Assim como o pó não encontra paz diante do vento, uma alma tempestuosa não abrandará seu sentimento.

— Acalme-se — pediu Izadora.

Ela mandou que os dois homens-lobo me soltassem. E eu, assustado, sentei na mesa de sinuca, rodeado por aquelas criaturas.

Pascoal tornou a assumir a forma humana. Explicou:

— Sou o lobo predestinado a ela. Eu a chamei naquela noite. Por algum tempo, desejei matá-lo, Vlad, assim como aos demais que fizeram parte da carnificina na floresta.

— Carnificina? Vocês chacinaram vários de nós... Assassinararam meu irmão!

— Vocês foram nos destruir! — rugiu Pascoal. — Deviam ter-nos deixado em paz. Calei-me, atordoado.

— Vocês assassinaram a minha irmã — acrescentou o velho, remoendo uma tristeza longínqua. — Ambos sabemos qual é a dor de se perder um irmão, não é?

Houve um murmúrio de assentimento.

Virou-se, então, para Izadora.

Ela anuiu, colocando a mão sobre o ombro dele. Havia um misto de ternura e melancolia em seu olhar: o olhar de uma peeira. Seu rosto brilhava.

Pascoal acalmou-se.

Izadora, a seguir, soltou um longo assobio de duas notas e os lobisomens acompanharam-na, tornando a assumir a forma humana enquanto saíam, inclusive o dono do bar, o inglês de alma escocesa, McGregor, e seu bendito cachimbo de marfim.

A porta de vidro fechou.

## 9 - A REVELAÇÃO DE PASCOAL

— Sim, velho companheiro — disse o taciturno Pascoal. — Houve um tempo em que eu desejei dar cabo de sua vida. Apesar do destino que me uniu a ela, no fundo, Izadora sempre amou você. Contudo, escolheu ficar conosco para cuidar de nós... e proteger os seus. Era a única maneira de evitar mais derramamento de sangue. Ela nos pacificou e tornou possível levarmos uma vida quase normal entre os humanos. É a nossa protetora e nossa protegida. Eu e minha alcateia passamos tempo demais sem uma peeira. Atormentados. Selvagens. Foi uma madrugada maravilhosa quando a farejei no casarão: um anjo, uma fada, uma princesa. E eu a amei de imediato como só um licantropo é capaz. Agora, estou velho demais para prosseguir ao lado dela, cuidar e ser cuidado. Quantos anos você acha que eu tenho? Cinquenta? Sessenta? Setenta? Ah, Vlad, eu tenho duzentos e oitenta e sete anos. E estou perto do fim. Nós, lobos, somos criaturas orgulhosas. Encontrarei o meu descanso sozinho, no alto das montanhas, talvez no fundo de uma gruta. Apesar do destino, das divindades ou dos elementos ter-me feito o lobo predestinado, a ligação de Izadora, de fato, é com você. Ouça, pois, cuidadosamente. Você ocupará o meu lugar junto dela. Irá acompanhá-la, obedecê-la e ser seu guardião a custa da própria vida. Deverá protegê-la por tantas luas quanto o tempo assim o permitir.

— Por que um dos seus não...

— CALE-SE! Ah, Vladimir, não entendeu o que acabei de dizer? O sentimento que ela nutre por você é maior do que a sina que nos tortura. Ela sacrificou tudo ao distanciar-se da família. Somente você poderá me substituir, caso contrário, meu bando correrá o risco de perdê-la e mergulhar novamente na barbárie sem fim. Muitas mortes tornarão a acontecer.

— Se eu não aceitar...

— Serei o primeiro a devorá-lo.

Àquela altura, eu toparia qualquer proposta. A única coisa que me prendeu a atenção foi a possibilidade de tornar a ficar ao lado de Izadora. Seria estranho, pois eu aparentava ter mais do dobro da idade dela.

— Aceito.

Pascoal avançou rápido feito um raio e mordeu-me o braço.

Senti a dor lancinante de mil punhais. Gemi e lágrimas de dor escorreram de meus olhos. O sangue verteu abundante da ferida.

Ele soltou.

Em meio à agonia, admirei-me do braço continuar no lugar.

Pascoal rasgou a manga da própria camisa e enrolou em volta do machucado.

— Agente firme, valentão — falou. — Mordi o suficiente para se transformar. Assim que puder fazê-lo, Izadora cicatrizará o ferimento rapidamente.

— Por que fez isso? Você tem um vigor capaz de permanecer ao lado dela por décadas.

— Não me vejo morrendo de velhice. Para que se una a alcateia, Vlad, precisa ser um de nós.

— Não posso acreditar que está abdicando de Izadora. Falou que a ama.

Pascoal fitou-me muito sério:

— Não me faça arrepender! Pare de fazer perguntas estúpidas. Se abdicó dela é justamente por amá-la! Liberto-a de mim para que, assim, seja feliz ao seu lado. Embora aos meus olhos você não passe de uma criança, tem experiência o bastante para saber que amor não é somente a satisfação do desejo pessoal. Às vezes, significa abandonar aquilo que faz a sua vida ter sentido.

Dei-me conta, assim, da extensão do amor e do sacrifício de Pascoal.

Ele prosseguiu:

— Prometa-me que irá protegê-la sempre.

— Quem faz pergunta estúpida agora?

— PROMETA!

— Eu prometo.

Ele relaxou.

— Pronto... está feito. Ao contrário de nós, ela possui um tempo de vida indeterminado. Quinhentos... Mil anos... Quem sabe? Está além de ser apenas humana. Seu pai tinha razão, Vlad: ela é uma elemental, uma força da natureza como o vento, o luar, as marés. Os caçadores ainda existem, mais sofisticados, mais astutos, sedentos por um troféu. Não desistirão em tentar destruir-nos e, principalmente, a ela. Imagino que você tenha pelo menos um século e meio ao lado de Izadora. Aproveite-o bem.

Dirigiu-se até a porta dos fundos e, antes de desaparecer, presenteou-me com sua última filosofia:

— Passamos a vida correndo atrás do tesouro no final do arco-íris. Então, próximo ao fim da jornada, descobrimos que o tesouro, em verdade, era o próprio arco-íris.

Uma parte de mim lamentou sua partida. Apesar de tudo, eu aprendera a gostar de sua companhia.

Cambaleando, angustiado pela dor no braço, caminhei até a entrada do bar, onde um irônico McGregor me aguardava, juntamente com os "fregueses" e, especialmente, Izadora. Fui recebido como a um irmão por todos. Fizeram piadas. Houve uma rodada de *whisky* e cerveja. Alguém tirou a *jukebox* de sua mudez. Ah, só podia ser: *Auld Lang Syne*. Quão apropriado. Enquanto novato, eu tive de pagar as contas. Izadora, foi mais generosa e tornou a colocar o pingente em torno de meu pescoço.

A lua e as estrelas.

— Como me encontrou? — perguntei tolamente.

Ela sorriu e, por um momento, era o mesmo sorriso da menina que eu retirara do lago.

— Eu o farejei — respondeu.

A voz de Sissel permeava o ar, embalando-nos na canção.

Tornei a olhar para o fundo do bar, para a velha mesa, agora vazia e meu prato inacabado de *haggis* e *scotch egg*. Ergui o meu copo.

— *Pelos bons e velhos tempos*, meu amigo — brindei, despedindo-me de Pascoal para sempre.

E fomos todos em direção a um antigo esconderijo n'A Floresta da Escuridão Perpétua, a fim de aguardar a chegada da próxima Lua Cheia.

\*\*\*

### NOTA DO AUTOR:

A presente história foi originalmente publicada na coletânea "Peeiras" (Editora Ruppell, 2020, editora: Flaviane Botelho ("Raposinha")), organizada por Hingrid Batista. Entretanto, para ser impressa, foram requeridos cortes significativos, principalmente no início. Odiei fazê-los, mas eu queria ver o conto no livro, então, aceitei. Uma parte de mim se arrependeu bastante dessa decisão. Agora, trago "Sob a Lua e as Estrelas" na íntegra, apaziguando meu espírito. Ah! Que a maldição da lua cheia recaia sobre aqueles que roubaram o acento agudo de "alcatéia"...

**ROBERTO SCHIMA:** Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de cento e quarenta e oito antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



## *Vida de picadeiro*

**CONTO**

"Há uma semana a cidade não falava sobre outra coisa. Na mercearia, na frente da igreja, na farmácia, na beira do rio, no campo de futebol... Onde quer que você fosse o assunto era o mesmo: o circo itinerante..."

**JULIANA RABELO**

## Conto

— Será inesquecível meu neto. Assim disse vovô, enquanto terminava de arrumar a gola da minha camisa de linho branco. Eu tinha certeza que seria. Ele não precisava dizer, mas soou como uma promessa, o que aumentou ainda mais a minha expectativa. Não tinha como não estar ansioso. Há uma semana a cidade não falava sobre outra coisa. Na mercearia, na frente da igreja, na farmácia, na beira do rio, no campo de futebol... Onde quer que você fosse o assunto era o mesmo: o circo itinerante que veio visitar a cidade no final de semana. Toda a cidade estaria na estreia hoje à noite. E quem fosse abastado mesmo iria amanhã também. E depois o circo iria embora, levando consigo a magia e deixando aqui apenas uma fração saudosa dela.

Todas as crianças tiveram que passar por grandes negociações com os pais para poderem ir. Mas não eu. Porque hoje é meu aniversário de seis anos. Vovô nem piscou quando eu disse que queria dois ingressos de presente. Eu e ele. Na verdade eu havia pensado originalmente em três ingressos, pois queria muito que mamãe fosse conosco. Mas ela só chorou quando eu assim sugeri, e eu fiquei sem entender nada. Mas não insisti, afinal vovó não parava de fazer sinais silenciosos me mandando parar de pedir.

A trupe chegou anteontem na cidade. Nove carroças enormes, puxadas por cavalos, fechadas com chitas de todas as cores para que a gente só possa imaginar o que tem dentro. Eu não vi, que mamãe não me deixa ainda ir sozinho na cidade, mas o farmacêutico esteve aqui para aplicar uma injeção em vovó, e contou tudo. Como vovó é praticamente cega, por conta de uma catarata que deixou os olhos dela brancos igual à leite talhado, ele descreveu em detalhes, para que ela também pudesse ver. São amigos de uma vida os dois. No começo vovô tinha ciúmes - mamãe me contou - mas aí o farmacêutico casou com uma das irmãs dele que ainda era solteira, menina moça aos quarenta, e tudo foi resolvido.

"A coisa mais linda Cora. Você ia adorar. As carroças se transformaram em barracas de chita. Dentro eles vivem, ensaiam, se arrumam... estas coisas que as pessoas fazem. Estão montando na frente da igreja um palco, todo enfeitado com flores secas, fitas e luzes de festão ligadas num gerador a óleo. Na frente colocaram uns dez bancos grandes que parecem trazidos de alguma igreja velha. O resto do povo vai assistir em pé mesmo, ou sentado no chão, como as crianças. Parece bem melhor do que o último circo que passou por estas bandas, há uns seis anos, você se lembra? Me perdoe, cora, como você poderia esquecer... foi no dia do menino não foi? que indelicadeza a minha, me desculpe. Mas veja, era meio fuleiro aquele circo, mas este é profissional. Os meninos ficam na praça vendo eles ensaiarem os paços de dança e malabarismo, é uma festa! Estamos todos loucos para saber o que vai sair de dentro daquelas barracas. Eu vou hoje à noite ver o espetáculo, e não se preocupe que depois eu venho aqui contar para você. Não deixarei que você perca nada! Da minha parte eu quero ver o atirador de facas, Cora! Este só treina de noite, com todo mundo dormindo, para ninguém saber como é!"

Sai correndo de trás da porta de onde ouvia tudo com avidez para contar a mamãe tim tim por tim tim das novidades. Ela melhorou, graças aos deuses. Logo que chegou a notícia que íamos receber um circo na cidade ela só chorava e eu vi a vovó conversar

muito com ela. Agora ela não chora mais. Mas os olhos ainda estão tristes. Só que eles sempre ficam tristes no meu aniversário, então já estou acostumado. Vovô me disse que é por causa de papai. Ele se foi no dia em que eu nasci. Saiu de casa para buscar a parteira pois mamãe já havia começado a sentir as dores, e nunca mais voltou. Por isso moramos aqui na fazenda com os meus avós. Mamãe diz que ele fugiu atrás de um sonho que se tornou tão grande que não cabia mais ninguém dentro. Minha avó diz que ele morreu, mas que ninguém nunca achou o corpo para enterrar no cemitério e que por isso ele anda por aí como alma penada, sem conseguir voltar para casa. Eu já sofri muito por isso, pois eu queria ter um pai, assim, feito todo mundo. Depois deixei de sofrer, já que encontrei uma solução: quando eu virar alma também me encontro com ele.

— Parece muito empolgante mesmo Bentinho.

— Você podia ir conosco não é mãe? É meu aniversário. Não quero ir sem você. Vovô é chato. Ele não vai comprar nem pipoca, nem confeito.

— Está certo meu filho. Eu vou pensar com carinho. Mas agora vá tomar seu banho antes que você se atrase.

E contra todos as apostas, agora que eu já estou pronto, vejo mamãe parada na beira da porta. Ela está tão bonita que dói! Está usando o seu vestido azul, aquele de flores delicadas que ela só coloca no aniversário dela e no natal. Arrumou o cabelo em uma trança longa de lado. Uma flor no cabelo. Vovô olha para ela e sorri enternecido. Segura a sua mão, dá um beijo em sua testa. Por fim, olha para mim.

— Vamos pequeno fidalgo? Hoje não podemos nos atrasar, já que estamos acompanhados de uma bela dama.

Vamos na carroça de vovô. A chic: conduzda pelos cavalos e não pelos bois. Seu Nelson já amarrou a Celeste no cabresto. Ela é a nossa égua de passeio. Aurora é a de carga. São quase trinta minutos até a cidade. Em geral eu gosto do trajeto. Mas não hoje. Hoje eu conto os segundos. Mamãe também parece angustiada, sei lá por que. Será que ela tem medo dos palhaços? Vovô e Celeste estão na calma de sempre.

Chegamos a praça e ela está mesmo uma beleza. As luzes piscam e hipnotizam! Em casa temos só candeeiro mesmo. Vovô diz que este negócio de gerador é caro, barulhento e fedido. Concordo com ele. Mas ele terá que concordar comigo que é belo! Nós sentamos mais ao fundo pois os primeiros bancos já estão cheios. Mamãe prefere ficar em pé.

Assisto ao espetáculo em silêncio absoluto, fora as risadas. Embasbacado. Encantado. Quero ser do circo quando crescer! Quero ser malabarista! Ou palhaço! No meio do show dos palhaços vovô apertou com força a minha mão. Olhei para ele sem entender nada. Mas ele já estava procurando mamãe ao fundo. Eu a vi se afastando da praça em passo rápido. Ele olhou para mim sério, mas não disse uma palavra. Então não liguei para nada, coisa de adultos.

Quando tudo acabou ficamos pela praça, junto com os artistas que falavam com o público e recebiam gorjetas! A magia ainda estava ali, circulando entre as pessoas e o sonho que havíamos acabado de viver. Eu encontrei com Vicente, meu melhor amigo, e ficamos correndo por entre os grupos. Foi quando minha mãe reapareceu.

— Meu filho venha comigo. Quero te apresentar uma pessoa.



Ela havia chorado. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Mas ela estava estranhamente feliz e bela. Caminhamos de mãos dadas até uma das rodas, onde três palhaços faziam graça para um casal idoso.

— Bento, está vendo aquele palhaço de chapéu de palha? Sim? Vá lá e dê nele um abraço. Ele é o seu pai.



**Juliana Rabelo**, 44 anos, é Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental. Apaixonada por literatura e pelo Brasil, dedicou 20 anos de sua carreira à educação. Foi Diretora do Programa Nacional do Livro Didático e do Programa Nacional Biblioteca na Escola, no MEC. Autora, pintora e entusiasta da cultura brasileira, é uma das idealizadoras da Incubadora Literária, o único clube de assinatura de livros do Brasil dedicado exclusivamente à literatura brasileira. Acabou de publicar seu segundo romance, **DESCARREGO**, pela Insígnia Editorial.



*Ademir Pascale*  
*Escritor e Editor*

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**EDITORAS E LIVRARIAS:**

**TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

entre em contato:

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.06.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura